

CABURÉ

Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares

V. 2, N. 1 (2019)

DOSSIÊ

**GEOGRAFIA DO
SERTÃO
ALAGOANO**

Organizadores

**JOSÉ A. L. FECHINE
RICARDO S. ALMEIDA**



DOSSIÊ



DOSSIÊ

GEOGRAFIA DO SERTÃO ALAGOANO

JOSÉ ALEGNORBERTO LEITE FECHINE
RICARDO SANTOS DE ALMEIDA

Organizadores

ISMAR INÁCIO DOS SANTOS FILHO

EDITOR-GERENTE

PEDRO ABELARDO DE SANTANA

EDITOR ADJUNTO

Proposta Editorial

A revista “Caburé – Saberes Acadêmicos Interdisciplinares” tem publicação semestral intercalada por um volume especial. O periódico foi criado em 2017-2018 pela Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, juntamente com grupos e núcleos de pesquisa. O objetivo da “Caburé” é o de divulgar estudos de iniciação científica acadêmico-científicos concluídos ou em andamento, que podem ser ou não pertencentes a grupos de pesquisa, pois entendemos que a iniciação científica pode acontecer também nos espaços da sala de aula, dentro de atividades promovidas no ensino, na graduação. Desse modo, esse periódico recebe produções de alunas e alunos de graduação. Tem caráter interdisciplinar, ou mesmo indisciplinar, visto a necessidade de diálogos entre as diversas áreas de saber na produção do conhecimento.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4 2209

Caburé - saberes acadêmicos interdisciplinares [recurso eletrônico] /
Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Coordenação
Coordenação de Pesquisa. – v. 2, n. 1 (jan./jun., 2019) -. - Delmiro
Gouveia: Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação, 2021.
v. 2 : il., color. ; 30 cm.

Semestral

Dossiê: geografia do sertão alagoano.

Modo de acesso: <http://www.seer.ufal.br/index.php>

/cabure/index

e-ISSN 2675-2816

1. Pesquisa acadêmica - Periódico científico. 2. Geografia - Sertão alagoano. I. Universidade Federal de Alagoas - UFAL. II. Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação.

CDD: 001

CDU: 001.891

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

Reitora: Josealdo Tonholo

Vice-Reitora: Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS DO SERTÃO

Diretor Geral: Agnaldo José dos Santos

Diretor Acadêmico: Thiago Trindade Matias

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenador: Ismar Inácio dos Santos Filho

EDITOR-GERENTE

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho (UFAL-Campus do Sertão)

EDITOR ADJUNTO

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana (UFAL-Campus do Sertão)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof^ª. Dr^ª. Flávia Jorge de Lima – UFAL – Campus do Sertão

Prof^ª. Dr^ª. Fábria Pereira da Silva – UFAL-Campus do Sertão

Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho – UFAL – Campus do Sertão

Prof. Dr. Agnaldo José dos Santos – UFAL – Campus do Sertão

PARECERISTAS *AD HOC* DESTA EDIÇÃO

Prof. Dr. Fernando Pinto Coelho – UFAL – Campus do Sertão

Prof^ª. Dr^ª. Flávia Jorge de Lima – UFAL – Campus do Sertão

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – UFAL – Campus do Sertão

Prof. Dr. José Alegnoberto Leite Fechine – UFAL – Campus do Sertão

Prof. Dr. Lucas Gama Lima – UFAL – Campus do Sertão

Prof^ª. Dr^ª. Suana Medeiros Silva – UFAL – Campus do Sertão

APOIO TÉCNICO

Larissa Leobino

BIBLIOTECÁRIA

Renata Oliveira de Souza

REVISOR DE LÍNGUA INGLESA

Prof. Me. Jonatha Rodrigues da Silva – PPGLL-FALE-UFAL

PROJETO GRÁFICO

Ismar Inácio dos Santos Filho

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

[Fotografia de uma coruja em artesanato, adquirida no comércio em Delmiro Gouveia (AL), editada]

Ismar Inácio dos Santos Filho

APRESENTAÇÃO

GEOGRAFIA DO SERTÃO ALAGOANO

José Alegnberto Leite Fechine

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão
Fechini02@yahoo.com.br

Ricardo Santos de Almeida

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão
ricardosantos@gmail.com

A ciência geográfica, ao longo de seu processo histórico, evolui como um campo do conhecimento que permite a discussão e a explicação sobre os diversos processos de interações entre a sociedade e a natureza. Nessa relação, estão também as diferentes ações humanas que transformam o meio natural e se utilizam dele para a sua sobrevivência. Neste sentido, os oito estudos socializados neste dossiê buscam não só sistematizar e analisar alguns dos diversos tipos de interações, mas problematizam diversas questões socioespaciais que propiciaram aos participantes do “IV Encontro de Geografia do Sertão de Alagoas” (EGSA), realizado em 2019, na Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, a difusão de conhecimentos sobre os diversos sistemas de objetos e suas ações que permeiam a lógica do estudo do espaço geográfico.

Compreender a realidade espacial natural e humana, não de modo fragmentado, mas como uma totalidade dinâmica, contribui para que os estudos aqui apresentados se constituam como um conjunto amplo de interfaces com outras áreas do conhecimento científico. Assim, colocou-se a necessidade da compreensão das realidades espacial, natural e humana nas escalas Brasil e sertão, e agreste, de Alagoas.

Os estudos aqui socializados possuem como títulos: “**Uma breve análise de ‘solo’**”, sob a autoria de **Maria Jailma da Conceição Barbosa**, que contribui para estudos relacionados à pedologia, geologia e geomorfologia, áreas do conhecimento que se relacionam com a Geografia; “**Sem-terras: uma sociedade igualitária dentro de um Brasil desigual**”, sob a autoria de **Rodrigo Eduardo Moreira de Oliveira**, que dialoga com as ciências humanas e sociais aplicadas, ao enfatizar os variados processos socioespaciais que contribuíram para que o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem-terras se espacializasse pelo país na busca pela consolidação de direitos e deveres dos povos do campo; “**A feira livre de São José da Tapera/AL: uma análise dos dois circuitos da economia urbana**”, sob as autorias de **Erivelton Barbosa Melo** e **Cosme Avelina**, que enfatiza a importância do comércio de alimentos e produtos, seja no circuito inferior – venda e varejo e pelo comércio em pequena escala –, seja no circuito superior da economia – composto pelas grandes empresas, bancos, atividades ligadas ao ramo da alta tecnologia.

Há em continuidade, o artigo intitulado “**A organização espacial da capoeira – uma análise da capoeira na região do Médio Sertão de Alagoas**”, sob a autoria de **Cosme Avelina**, que contribui para novos olhares nos processos de ensino-aprendizagem em Geografia que consistam em relacionar e analisar

geograficamente territórios e cultura tendo por base o estudo sobre a capoeira; o texto **“As experiências no estágio de licenciatura em Geografia e a sua importância no exercício da prática docente”**, sob a autoria de **Magda Campos Lima**, que enuncia a importância da formação acadêmico-científica e problematiza questões que se encontram latentes no âmbito do Estágio Supervisionado, como o desenvolvimento de ações que confluem em práticas didático-pedagógicas e ressignifiquem a práxis docente na via de mão-dupla, que envolvem os saberes aprendidos na acadêmica e na prática de estágio com os profissionais da educação em níveis fundamental e médio, evitando-se assim dissociações e distanciamentos entre Universidade e Escolas; e a reflexão **“Programa Novo Mais Educação: perspectivas e dificuldades em Escolas de São Sebastião/AL”**, sob a autoria de **José Wilton dos Santos Pachêco Lima**, que analisa e discute a busca pela melhoria da aprendizagem de crianças e adolescentes na leitura e escrita, em Língua Portuguesa, e no cálculo, na Matemática, no Ensino Fundamental. Para tal, amplia-se a jornada escolar de estudantes, priorizando-se os que têm mais dificuldades de aprendizagem em escolas com público que esteja em vulnerabilidade social.

A pesquisa geotnográfica consubstancia-se na vivência do pesquisador com o ambiente pesquisado e é ao analisar o perfil geo-históricográfico da territorialidade religiosa de Mata Grande/AL que o artigo **“A representação imagética religiosa na cidade de Mata Grande/AL a partir da concepção de devotos”**, sob a autoria de **Magda Campos Lima**, aponta a representação imagética a partir da concepção dos devotos que frequentam as festividades religiosas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Santuário Teresiano nos meses de dezembro de 2018 e janeiro de 2019.

“Caracterização ambiental da bacia hidrográfica Riacho Grande Da Cruz, AL”, sob autoria de **Alessandro Felipe dos Santos Lima**, evidencia a importância de estudos sobre bacias hidrográficas como uma unidade natural, evidenciando que a compreensão de suas dinâmicas contribui para o planejamento e gerenciamento dos recursos ecológicos, permitindo, desse modo, a elaboração de políticas de desenvolvimento econômico e social, de forma sustentável, e suas respectivas ações práticas, respeitando as limitações desses ecossistemas. Então, apresenta a caracterização ambiental da bacia hidrográfica Riacho Grande da Cruz, localizada no município de Delmiro Gouveia, AL.

Utilizando-se de análises decorrentes de pesquisas bibliográficas, infográficas e de campo, levantando dados e os analisando qualitativa e quantitativamente, os autores e as autoras das pesquisas socializadas neste dossiê confluem para a valorização da ciência geográfica e seu ensino, pois no que concerne aos seus referenciais teóricos e metodológicos, tanto em nível de pesquisa básica (campos novos ou renovados como geoecologia, teoria das redes geográficas, geografia cultural, geografia econômica, geografia política e recursos naturais etc.), quanto em nível de pesquisa aplicada (planejamento e gestão ambiental, urbana e rural), contribuem significativamente para destacar que o estudioso na Geografia além de admitir as mais diversas transformações no campo dos conhecimentos geográficos colocam desafios para a formação acadêmico-científica não apenas do geógrafo-pesquisador (técnico e planejador), mas também para o geógrafo-professor dos ensinos fundamental, médio e superior.

É observando a dinâmica atual das transformações pelas quais nosso planeta passa, sob a égide das novas tecnologias, com os novos recortes de análise

que permitem o estudo do espaço e tempo, com a predominância do instantâneo e do simultâneo, com as complexas interações entre as esferas do local e do global, incidindo no cotidiano das pessoas, que a Geografia reforça sua importância e trilha caminhos teóricos e metodológicos capazes de interpretar e explicar esta realidade dinâmica e diversa.

Nesse aspecto, os geógrafos e licenciados em Geografia, como quaisquer outros profissionais, necessitam discutir teorias, materiais, métodos, formas de representação e atuação profissional, bem como divulgar suas ações. É nesse sentido que este dossiê de divulgação de trabalhos de pesquisa científica se articula e se complementa e propicia uma interação de conhecimentos entre a comunidade acadêmica.

José Alegnberto Leite Fachine
Ricardo Santos de Almeida
Organizadores

SUMÁRIO

<i>Uma breve análise do “solo”</i> Maria Jailma da Conceição Barbosa	10
<i>Sem-terras: uma sociedade igualitária dentro de um Brasil desigual</i> Rodrigo Eduardo Moreira de Oliveira	20
<i>A feira livre de São José da Tapera/AL: uma análise dos dois circuitos da economia urbana</i> Erivelton Barbosa Melo Cosme Avelina	32
<i>A organização espacial da capoeira – uma análise da capoeira na região do médio sertão de Alagoas</i> Cosme Avelina	45
<i>As experiências no Estágio de licenciatura em Geografia e sua importância no exercício da prática docente</i> Magda Campos Lima	59
<i>Programa Novo Mais Educação: perspectivas e dificuldades em escolas de São Sebastião/AL</i> José Wilton dos Santos Pachêco Lima	72
<i>A representação imagética religiosa na cidade de Mata Grande/AL a partir da concepção de devotos</i> Magda Campos Lima	83
<i>Caracterização ambiental da bacia hidrográfica Riacho Grande Da Cruz, AL</i> Alessandro Felipe dos Santos Lima	96



UMA BREVE ANÁLISE DE “SOLO”

A BRIEF SOIL ANALYSIS

Maria Jailma da Conceição Barbosa

Graduanda do curso de Geografia, na Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL.

mariajailma162014@gmail.com

Resumo: O objetivo principal deste trabalho é fazer análise do solo, que é compreendido um recurso natural, finito e essencial para a existência da vida, mas que sofre com constantes degradações, que podem ocorrer de duas formas: natural e antrópica. Assim, o processo de análise favorece o desenvolvimento de pesquisas, métodos e técnicas para conservação, reconstrução e manejo sustentável da terra. Salientamos que este conhecimento transcende as paredes físicas, tanto dos laboratórios quanto das salas de aulas no ensino superior, enriquecendo o saber pedológico e também contribuindo na educação como um recurso pedagógico, para uma maior compreensão, além da procura de mais soluções eficazes para preservação do meio ambiente. Esse tema começou a ganhar força a partir das discussões de Dokuchaev (1887) e Hans Jenny (1941), por exemplo, e ao longo dos anos continua sendo debatido, por causa dos efeitos negativos da utilização desenfreada e danosa do planeta.

Palavras-chave: Solo; Degradação; Preservação; Alcalino; Infertilidade.

Abstract: The main objective of this work is analyse the soil, which is known as the natural resource, finite and essential to the life's existence, however it suffers regularly degradations that may occur in two ways: natural and anthropic. Thus, the process of analysis supports the development of researches, methods and techniques to the conservation, reconstruction and the sustainable handle of soil. We emphasize that this knowledge over cross the physic walls, both laboratory and in classroom at university, that may be a result of the enrich of Pedagogic knowledge and contribute to education like a pedagogic resource to a better comprehension, besides the seeking of more efficient solutions to the environment preservation. This theme starts to win encourage through the discussions from Dokuchaev (1887) and Hans Jenny (1941), e.g. that has continued to be discussed through the years because of the negatives effects of uncontrolled and damage of soil in the planet.

Keywords: Soil; Degradation; Preservation; Alkaline; Infertility.

Introdução

Esta reflexão é fruto da disciplina de “Pedologia”, do curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual de Alagoas-Campus III, que teve como proposta para a conclusão do período a entrega de um relatório em forma de artigo sobre a análise do solo. O trabalho, então, foi realizado em equipes compostas de seis pessoas. O local escolhido para o estudo foi o povoado Baixa da Areia, em Limoeiro de Anadia, Alagoas, e os procedimentos seguidos consistiram em coleta do solo, análises química e física, em laboratório, e a plantação de sementes. Neste processo, o professor pode trazer a prática para a vida do graduando de Geografia, fazendo com que os alunos transcendessem as paredes da sala de aula, no sentido de que, conforme Libâneo (1994, p. 71), “todos esses procedimentos que permitem uma discussão em torno do mundo concreto do aluno devem ser enriquecidos com visitas às localidades abordadas”. Assim, frisamos também a importância da aula de campo como essencial para uma maior compreensão da temática estudada pelos alunos.

Sobre a atividade realizada, inicialmente, precisamos entender “O que é o solo?”. Seu conceito e significado vêm se reformulando, para atender às novas demandas que vão surgindo ao longo dos anos. Há milhares de anos, o ser humano entendia “solo” como algo inerte e imutável na superfície do planeta, que servia simplesmente para se movimentar em cima. Depois das mudanças no planeta, como a da era glacial, ocorreu uma fixação maior por parte do homem nas terras, resultando assim no cultivo de sementes, pois observaram que em características climáticas específicas elas germinam, crescem e se tornam parte dos alimentos necessários para a subsistência. Foi se desenvolvendo aos poucos a agricultura. Começaram também a observar que algumas áreas eram mais propícias para a plantação do que outras e que se a terra era muito encharcada ou dura não era adequada para o plantio.

No decorrer do tempo, viram que as terras mais férteis eram principalmente as das margens dos rios, que depois das enchentes, quando a água baixava, ficavam férteis por causa do húmus depositado. Além da compreensão de que a abundância de água era necessária para regar a plantação, esse aspecto influenciou diretamente no desenvolvimento de sistemas de irrigação para poder atender às demandas, também incentivando o desenvolvimento de outras áreas importantes, como a da Engenharia.

Essa descoberta propiciou o surgimento das grandes civilizações nas margens dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, e do Nilo, no Egito. Atualmente, quando estudamos sobre essas antigas civilizações, observamos sua importância e os bons resultados produzidos por elas, na economia, no desenvolvimento da agricultura e até no poderio dessas cidades na época.

Logo, ao longo da história, o solo foi de grande importância para o desenvolvimento humano, seja na Antiguidade ou nos dias atuais, onde continua de suma importância. Hoje, entendemos o resultado de todo esse processo de uso, e que ocorrem inúmeras pesquisas por técnicas que resultam em uma menor degradação pela utilização principalmente na agricultura. A esse respeito, o químico Justus von Liebig provou que as plantas não se alimentam somente de substâncias orgânicas, mas sim da junção de elementos compostos, minerais simples, água e gás carbônico.

De modo geral, podemos dizer que a discussão sobre solo se inicia no ano de 1877, com o russo Vasily Vasil'evich Dokuchaev, que desenvolveu estudos sobre os efeitos de uma seca catastrófica que tinha ocorrido naquele ano nas planícies da Ucrânia, e é tido como o grande nome da área, pois desenvolveu as bases para o surgimento da ciência do solo, a Pedologia. Em suas pesquisas, descobriu que os solos eram formados por sucessão de camadas horizontais e que eram constituídos através de um conjunto de diversos fatores, podendo ser físicos, biológicos e químicos.

Também há outras contribuições importantes, como a de Hans Jenny, que em 1941 estabeleceu a relação matemática geral ($S = f(m, r, o, c, v, t)$, em que f = função; m = material de origem; r = relevo; o = organismos, v = vegetação; t = tempo), que relaciona propriedades do solo com fatores independentemente da formação.

Porém, mesmo depois de anos passados, Dokuchaev é base quando se trata de estudos sobre o solo, pois ele foi um divisor na construção da ciência pedológica. Por isso, considera-se haver um conhecimento dessa área antes e outro depois dele. Todavia, os conceitos vão sendo reformulados para responder aos novos processos, sejam naturais ou sociais que influenciam nos aspectos de formação. Segundo a EMBRAPA,

O solo que classificamos é uma coleção de corpos naturais, constituídos por partes sólidas, líquidas e gasosas, tridimensionais, dinâmicos, formados por materiais minerais e orgânicos que ocupam a maior parte do manto superficial das extensões continentais do nosso planeta, contém matéria viva e podem ser vegetados na natureza onde ocorrem e, eventualmente, terem sido modificados por interferências antrópicas (EMBRAPA, 2018, p. 27).

Nessas considerações, é relevante argumentar que nas últimas décadas a ação antrópica se inseriu nas definições sobre solo, trazendo o homem como uma das formas de degradação, além do natural já existente. Desse modo, a EMBRAPA discute essa relação homem-natureza, envolvendo-o como um grande modificador, que influencia diretamente o meio e que vem extraído excessivamente recursos da natureza e conseqüentemente do solo, que é, hoje sabemos, um recurso finito e renovável, que se bem cuidado desempenha um papel fundamental na produção agrícola, pois carrega em sua composição nutrientes que são essenciais para o desenvolvimento de plantas.

Feitas essas considerações, o objetivo deste trabalho é mostrar a análise de solo do sítio Baixa da Areia em Alagoas, realizada na disciplina Pedologia, que é fundamental para a compreensão dos processos pedológicos e conseqüentemente da preservação do solo, sendo importante não somente pela análise, mas também para contribuição na formação de futuros docentes. A metodologia usada se consistiu em pesquisa bibliográfica e de campo, escolha da área, que foi escolhida por ser da zona rural e utilizada na agricultura, coleta de sedimento na área, análise em laboratório com testes físicos e químicos.

O estudo: análises físico-químicas do solo

Para a análise, foi coletado 1kg de sedimento do solo do povoado Baixa da Areia, zona rural da cidade de Limoeiro de Anadia, localizado no estado de Alagoas, que posteriormente, foi deslocado para a Universidade Estadual de Alagoas, onde foi analisado. No processo coleta, primeiramente foi retirada 5cm do material superficial, que foi descartado, para, em seguida, serem coletadas duas amostras, em duas profundidades diferentes, uma de 0–20cm e outra de 20-40cm, que logo depois foram misturadas para assim se obter o material necessário.

No laboratório, foram pesadas 500g do solo em uma balança semianalítica. Depois, essa quantidade foi depositada em um agitador eletromagnético, que tem a função de fazer a separação do tamanho dos grãos que o formam e mostrar o quanto de material primário e de material secundário existe, determinando, assim, a granulometria e a textura do solo. A areia que forma um material primário são pedaços de sedimentos de rochas e de plantas que estão em decomposição, já o material secundário é a argila formada a partir dos elementos químicos que foram liberados pelas reações consideradas primárias.

O agitador de peneira, denominado de agitador eletromagnético, tem a função de simular o que acontece com nosso planeta na região em que está ocorrendo um terremoto, que movimenta a terra, agita e faz um procedimento livre, chocando-se, liberando as partículas e as deixando mais soltas. O que faz esse sistema de peneira? Esse sistema de peneira permite que o pesquisador tenha uma ideia da textura e da granulometria desse solo, porque se for muito arenoso significa que retém pouca água e que a infiltração é rápida. Além disso são ácidos e essa acidez ocorre na decomposição dos íons.

O sistema de peneira possui 6 peneiras, quais sejam; 1ª peneira vai ficar os sedimentos que formam a areia grossa e o cascalho; 2ª peneira a areia média; 3ª peneira a areia fina; 4ª peneira o silte grosso; 5ª peneira o silte médio; 6ª peneira o silte fino. Como resultado das seis peneiras aparece a argila.

Assim, cada sedimento passa na malha da peneira, de acordo com o seu tamanho, e o sedimento que for maior de 2 milímetros fica retido na primeira peneira, o que tem entre 2 e 1 milímetro fica na segunda peneira, o que tem de 1 milímetro fica na terceira peneira, menos que 1 milímetro, na quarta, menos do que a metade da metade de 1 milímetro na quinta até chegar na argila, que é o sedimento que tem a proporção de 1 para 1600 um micrômetro, do tamanho de uma partícula invisível a olho nu. As peneiras do equipamento utilizado possuem uma numeração que é de 500, 100, 250, 108, 75, 25 e menor que 25, respectivamente, seguindo a ordem decrescente em relação à ordem das peneiras citadas acima. O equipamento foi calibrado para uma escala de 3 pontos de vibração na escala Richter, vibração que vai até 14, mas normalmente em nenhum lugar do mundo se registrou esse número alto, porque quando chega em 10 não fica mais nada em pé e a destruição já é total.

Na continuidade do procedimento, foi colocado o sedimento coletado pelo grupo, com a intenção de fazer uma simulação com aproximadamente 30% da intensidade do máximo observado, em proporção semelhante ao que ocorre na natureza, quando está ocorrendo um terremoto. O equipamento dispõe de um temporizador, que é um cronômetro que marca exatamente quanto tempo vai durar a simulação. Foi colocado o tempo de 15 minutos de duração.

Utilizamos um saco plástico pequeno, cujo peso de 3 gramas foi desconsiderado na balança semianalítica, sendo realizada duas pesagens de início, quais sejam, a primeira, que foi com as 500 gramas de sedimentos no saco, e

depois em três copos de becker foram postas 50g de sedimento, assim também já sendo desconsiderado o peso dos copos na pesagem.

Em seguida, foram feitos procedimentos com soluções químicas no material em pesquisa: no primeiro copo de Becker, foi colocada água ionizada nas 50g de solo que já tinham sido pesada (a água é formada por moléculas de H₂O, ou seja, duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio, como parte da ionização existe a quebra dessas moléculas, que são separadas em dois tipos de íons, as hidroxilas, representadas pelo radical OH⁻, que são alcalinas, e os íons de hidrogênio, representados pelo radical H⁺, que são ácidos. O equilíbrio químico se dá através da troca de íons de uma substância). No segundo copo, foi acrescentado o acetato (o acetato é um composto químico expresso pela fórmula CH³COO⁻, podendo ser um íon de um sal orgânico, éster ou base conjugada do ácido acético, a nomenclatura dos acetatos pode variar de acordo com a função a que pertencem). E no terceiro copo de Becker, foi inserido o peróxido (os peróxidos são uma classe dos óxidos compostos por substâncias binárias, isto é, formadas por dois elementos químicos diferentes – um elemento que o compõem obrigatoriamente é o oxigênio e o outro é de natureza metálica, com exceção do peróxido de hidrogênio).

A reação do solo aos reagentes químicos resultou em:

- Ao misturar água ionizada, notou-se a não presença de matéria orgânica, que é importante para a estrutura da aeração, da retenção de umidade, da incorporação de nutrientes e do aumento do tamponamento do solo, além dessa ação facilitar o processo de CTC, que é a capacidade de troca catiônica, influenciando diretamente na fertilidade, isto é, a capacidade de produção da terra. Os cátions são elementos químicos que são chamados elementos básicos presentes no solo. Esses elementos básicos são oito: O⁻², Na⁺, Ca⁺, Fe⁺, Mg⁺, k⁺, Al⁺, Si⁺ (Oxigênio, Nitrogênio, Cálcio, Ferro, Magnésio, Potássio, Alumínio, Silício); são os chamados bases trocáveis, elementos químicos que só permitirão trocar através de reações químicas e é a água que vai proporcionar essa reação, na qual se dissolve o sódio e o cálcio se torna um sal; dissolve-se a clorita, que vira outro sal. Assim, passa-se a ter um cloreto de potássio, cloreto de sódio, cloreto de cálcio, cloreto de ferro, cloreto de magnésio e, conseqüentemente, outras reações que permitem a decomposição dos minerais e das rochas;
- Ao misturar o sedimento ao acetato se apresentou um solo amarelo, tornando-se depois cinza;
- E com a junção de peróxido, confirmou-se, através da cor clara (solos escuros são considerados bons e aptos para plantio) e pela ausência de reações da liberação do gás carbônico e dióxido de carbono que esse solo está se apresentando alcalino, ou seja, que é um solo pobre em nutrientes, aspecto que pode ser causado pela monocultura; além disso, tem um estoque químico de alumínio que contribui na alcalinização. Esse experimento com peróxido de nitrogênio foi essencial para medir o índice de metais no solo.

Também foi realizado um teste químico com amônia, a partir da amostra na água ionizada, que foi retirada com o auxílio de uma Pipeta Graduada 3ml, procedimento que é realizado para avaliar o nível de toxicidade, para saber o

quanto esse solo pode ser nocivo. E o último procedimento no laboratório foi o do torrão, que tem como finalidade ver a capacidade de campo, isto é, o quanto o solo pode absorver e em qual momento vai saturar. Quando encharcado a tendência da água é subir, formando poças, enchentes e inundações, conseqüentemente podendo apodrecer o vegetal. Ou seja, se for colocada uma semente em que a capacidade de campo é muito alta, a tendência dela é estragar. Por isso, temos que ter cuidado também na hora da irrigação. Esse foi capaz de suprir 2 milímetros de água para cada centímetro cúbico, o que se configurou ser natural para o tipo de solo, pois ele apresentou ser siltoso, tipo que fica entre a areia e a argila (pobre em nutrientes e que em tempo de chuva forma barro e no tempo seco, poeira), com níveis de toxidade além do normal.

Plantio

Nesse estudo, no começo do período letivo, havia sido entregues três sementes, com antecedência de um mês, para serem plantadas no sedimento coletado, sendo de tamarindo (*Tamarindus indica*), de laranja poncã (*Citrus spp*) e de pitanga (*Eugenia uniflora*), ficando à escolha do grupo uma quarta semente para ser plantada. Nossa equipe escolheu a do feijão andu (*Cajanus cajan*). O intuito desse experimento de plantio era o de saber o grau de fertilidade do solo.

Por estarem em estado de dormência, que é um processo que se caracteriza pela incapacidade de germinação da semente, precisou-se fazer a quebra, ou seja, procurar alternativas para deixar aptas ao plantio, podendo ser de várias formas, ou através do auxílio de água quente, fria, de escarificação mecânica ou manual, dentre outras possibilidades. Floriano (2004) afirma que

A dormência é um processo que distribui a germinação no tempo como resultado da estratégia evolutiva das espécies para garantir que algumas encontrem condições ambientais favoráveis para desenvolver plantas adultas, bloqueando a germinação sob condições favoráveis imediatas em diferentes graus dentro de uma população, protegendo as sementes da deterioração e sendo superada ao longo do tempo e sob condições naturais de clima ou de alterações climáticas (BIANCHETTI, 1989). Caracteriza-se pela incapacidade de germinação de sementes mesmo quando são expostas a condições ambientais favoráveis, ocorrendo de forma primária, quando já está presente nas sementes colhidas, e de forma secundária, quando é causada por alterações fisiológicas provocadas por exposição a condições desfavoráveis à germinação após a colheita (VIEIRA e FERNANDES, 1997). (FLORIANO, 2004, p. 2-3).

O processo de quebra de dormência das sementes ocorreu das seguintes formas:

- A Tamarindo foi colocada em imersão na água por 48 horas e depois foi feita uma escarificação mecânica, ou seja, precisou-se do auxílio da lixa para deixar a semente apta a ser plantada, fato que ocorreu no dia 17 de maio de 2019, às 16 horas;

- Já a semente da pitangueira exigiu uma nova abordagem, que consistiu na esscarificação manual da pele que a protege, sendo plantada no dia 15 de maio de 2019, às 15h58min.;
- O mesmo método utilizado na pitanga ocorreu na laranja poncã, ou seja, a esscarificação manual, sendo plantada no dia 16 de maio de 2019, às 16h13min.;
- A quarta semente utilizada nesta experiência foi a do feijão andu, na qual também foi realizada uma esscarificação manual e o plantio ocorreu no dia 16 de maio de 2019, às 16h57min.

Nesse experimento, a semente da tamarindo quando plantada floresceu muito bem e continuou a se desenvolver. O bom resultado também ocorreu com a laranja poncã. Já com a pitanga, o resultado foi diferente, pois essa não nasceu, podendo ser por alguns motivos, tais como algum erro no plantio, ou o solo não ser indicado, ou a falta de adubação correta. Só podemos também apontar que atingiu seu tempo máximo de germinação. O feijão andu foi o que melhor se desenvolveu.

Precisamos frisar que cada cultura se adapta a um tipo de solo específico e que a qualidade do solo é um fator importante. Logo, um bom resultado na produção é por vários fatores. Além dos já citados, temos também a nutrição da terra, devido ao papel essencial que ocorre através dos macronutrientes, que são classificados em primários: Nitrogênio (N), Fósforo (P), Potássio (K), e secundários: Cálcio (Ca), Magnésio (Mg), Enxofre(S). Também pode ocorrer através dos micronutrientes, porém em uma menor quantidade, que são: Boro (B), Cloro (Cl), Cobre (Cu), Ferro (Fe), Manganês (Mn), Molibdênio (Mo), Níquel (Ni), Cobalto (Co) e Zinco (Zn), elementos que são essenciais ao solo para o desenvolvimento das plantas.

Resultados das análises

Como resultados, podemos apontar que o solo em questão apresentou uma coloração clara (amarelo), o que indicava ser alcalino, mas com um pH ácido. Mesmo assim, a maioria das características apontaram a tendência à alcalinização, o que implica que dependendo da cultura a ser plantada será preciso fazer algumas correções. Nesse caso, existem dois procedimentos básicos, quais sejam, o primeiro é a incorporação do calcário, ou seja, fazer o processo de calagem, e o segundo procedimento que se faz preciso é a inserção de matéria orgânica, pois esta vai permitir o desenvolvimento dos micro-organismos e a formação de amônia, proporcionando a recuperação deste ambiente.

Como resultado dos processos químicos, através dos reagentes, foram observados os seguintes pontos:

- Ao acrescentar a água ionizada, apresentou a não presença de matéria orgânica;
- Ao acrescentar o acetato, apresentou uma coloração amarela;
- Ao acrescentar peróxido, se confirmou através da cor e pela ausência da liberação do gás carbônico e dióxido de carbono que esse solo está se tornando alcalino, ou seja, é um solo pobre apresentando uma possível toxicidade (podendo ser nociva à saúde do solo e da vida humana).

Como resultado da separação dos sedimentos com auxílio do agitador eletromagnético, obteve-se a separação do solo e logo após os componentes foram pesados novamente na balança semianalítica, na qual obtivemos os seguintes resultados, a partir das 500g obtidas inicialmente:

- 1ª peneira: Areia grossa e cascalho – 112g;
- 2ª peneira: Areia média – 136g;
- 3ª peneira: Areia fina – 119g;
- 4ª peneira: Silte grosso – 104 g;
- 5ª peneira: Silte médio – 11g;
- 6ª peneira: Silte fino – 13g;
- 7ª peneira: Argila – 5g.

Apresentou-se como um solo do tipo siltoso. Já a partir da análise com amônia, obteve-se um solo de cor esverdeada, configurando-se como um solo ácido, estando em processo de alcalinização. E ao fazer teste de pH, obteve-se os seguintes resultados:

- pH em água: 4, 6, 8 e 7;
- pH em acetato 5, 7, 9, e 3.

Em seguida, foi realizado um cálculo simples, a partir dos dois resultados e os dividindo por 2, assim obtendo o pH da terra, que neste caso é de 5.240, caracterizando como um solo com acidez média ou pouco ácido.

Com o teste do torrão feito na amostra utilizada, foi apresentada capacidade de campo de 2ml, sendo alta a possibilidade de encharcamento, podendo as sementes plantadas nele apodrecer.

E quando se observou como esse solo reagia com o plantio das sementes obteve-se um resultado “bom”, pois quase todas plantas floresceram, menos a pitanga. Também sobre esse desenvolvimento temos que levar em consideração alguns pontos, no sentido de compreender até onde essas sementes vão crescer e o quanto serão saudáveis, pois o solo está se tornando alcalino, isto é, ficando tóxico e cada vez mais nocivo.

Considerações finais

Entendemos com a análise que o solo estudado, coletado em baixa da Areia, no município Limoeiro de Anadia, Alagoas, é pobre em matéria orgânica, podendo se tornar alcalino e podendo se configurar como um solo tóxico, impróprio para o plantio. Porém, temos que considerar que, para se ter a certeza desses resultados, precisa-se repetir o processo umas três vezes ou mais, além do que se faz necessária a coleta de amostras em outros pontos do terreno, para verificar se esse resultado se confirma no todo ou só em uma pequena parte do solo, e posteriormente procurar formas de recuperá-lo. Tendo em vista que esse processo pode ser grande, com resultados aparentemente negativos no começo, vindo a melhorar com um bom manejo.

Enfatizamos também que o proprietário do terreno, local onde o solo foi coletado, talvez não queira ter gastos financeiros, já que o resultado não é de imediato, o que pode influenciá-lo a não cuidar e posteriormente se prejudicar,

tanto financeiramente, por não conseguir cultivar, quanto em sua saúde, pois se plantar, as sementes podem vir a nascer, mas esses frutos podem ser tóxicos, mesmo sendo em uma porcentagem baixa, e, principalmente, concluímos que esse solo está se tornando infértil, podendo ser incapaz de produzir.

Referências

EMBRAPA. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. 5^o.ed. **Revista ampliada**. Brasília, 2018.

Floriano, Eduardo Pagel. Germinação e dormência de sementes florestais. 1^a ed. **Caderno Didático**, n^o 2, Santa Rosa, 2004. 19 p. il.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Cortez, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4559601/mod_resource/content/1/IC%20LIBANEO%20Didatica.pdf. Acesso em: 14 de setembro de 2019.

Submetido em 09-03-2020

Aceito para publicação em 21-04-2020



SEM-TERRAS: UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA DENTRO DE UM BRASIL DESIGUAL

SEM-TERRAS: AN EQUALITY SOCIETY WITHIN AN UNEQUAL BRAZIL

Rodrigo Eduardo Moreira de Oliveira

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.
rodrigo.oliveira@delmiro.ufal.br

Resumo: Este texto tem o intuito de apresentar a história, as conquistas e os objetivos do Movimento Sem-terra, apresentando uma linha de acontecimentos desse movimento, desde acontecimentos anteriores que resultaram em sua formação, no intuito de garantir o direito à terra e melhores condições para os trabalhadores rurais do campo, como também suas ações em nível regional e nacional. Neste artigo, o Movimento Sem-terra é apresentado em toda sua luta, desmitificando uma imagem “errada” que as pessoas têm desse movimento, com dados oficiais e outros dados colhidos ao longo de sua história, como também as dificuldades e ameaças enfrentadas.

Palavras-chave: Sem-terra; Movimento; Brasil; Reforma Agrária; Campo.

Abstract: This text aims to present the history, achievements and objectives of the Movimento Sem-Terras (Landless Movement in English), presenting a line of events of the movement since previous events that resulted in the formation of the movement, as well as its actions at regional and national level in order to guarantee the land rights and better conditions for rural workers. In this paper, the movement is presented in all its struggle, demystifying the fallacious image that people have created of the movement, with official data and data collected throughout its history by the movement as well as the difficulties and threats faced by the Sem Terra Movement.

Keywords: Sem-terras: Movement: Brazil: Agrarian Reform, Countryside.

Introdução: a formação do MST e sua luta por uma reforma agrária justa e igualitária

O movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, também conhecido como MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 1970, especialmente na região Centro-Sul do país, e aos poucos se expandiram pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje, o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 1984 e ratificados no I Congresso Nacional, realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores.

Na visão da classe dominante, os sem-terras sempre foram relacionados à desordem, à baderna e a tudo que não tem valor em relação ao campo. É possível dizer que grande parte da classe dominante procura espalhar essa imagem como uma forma de minar o apoio da população ao movimento. Sobre isso, Romão (2002) argumenta que

Quando os camponeses se organizam e ameaçam produzir mudanças, a formação discursiva dominante passa a desqualificá-los de diversas formas (...) em um movimento de apagamento e exclusão, da minoria à baderna, sempre afirmando um movimento de predição negativa. Em intensidade igual\tentativa de apagamento, a formação discursiva dominada resiste sob impacto da violência e do silenciamento. Pela intervenção da historicidade, os sentidos de indignação e luta pela terra sempre escorreram e encontraram representação na voz de líderes religiosos. Os ecos desse discurso se condensam no MST com grande intensidade (ROMÃO, 2002, p. 168-169).

Mas, primordialmente, é importante saber e conhecer os objetivos do movimento. O MST é um movimento social que surgiu oficialmente em 1984, inclusive um ano que o País estava passando pelo processo de democratização, depois de 20 anos de ditadura, período em que aumentou a desigualdade com a perseguição a movimentos sociais a favor da reforma agrária, como as Ligas Camponesas, que, por terem o apoio do partido comunista, foram perseguidas pela ditadura e proibidas, tendo seu número diminuído. As Ligas continuaram funcionando na clandestinidade e deram origem ao movimento dos Sem-terras. Sobre as Ligas, Silva (2003) nos diz que

Somente a partir de 1940 é que constatamos uma maior organização dos camponeses por meio de associações e de ligas camponesas, tendo como agente o Partido Comunista Brasileiro. [...] as sedes das organizações de classes rurais eram interpretadas como perigosas à ordem estabelecida no campo e, como tais, eram imediatamente fechadas. Um dos objetivos do Estado era impedir qualquer tipo de aproximação entre os diferentes segmentos sociais, fossem estes do campo ou da cidade. Esta postura explica

o representativo número de prontos referências referentes a estas associações, dentre as quais cabe citar: [...] a Liga Camponesa de Lins e a Liga Camponesa de Santo Anastácio. Estas últimas foram organizadas no interior do estado de São Paulo em 1946 e logo reprimidas pelas autoridades policiais locais (SILVA, 2003, p. 28).

Nesse sentido, o MST, então, surgiu como uma forma de continuar a luta das ligas camponesas e tentar cumprir a Constituição Federal, que, através do Estatuto da terra, garantia função social da terra, garantida desde 1964. Esta Lei garante à terra um valor humano, não econômico, passando a terra a ser considerada um bem indispensável para a vida humana. Nesse aspecto, o Estatuto da terra surgiu para reforçar a função social da terra. Segundo seu artigo 186, qualquer propriedade agrícola deve cumprir os seguintes requisitos no Brasil:

- a) aproveitamento racional e adequado;
- b) utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;
- c) observância das disposições que regulam as relações de trabalho; e
- d) exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores.

Nesse propósito, nos dias atuais, o MST se encontra presente em 25 estados do País, fazendo-se presente em busca de uma reforma agrária justa e cobrando das autoridades fiscalização e rigor contra grandes latifundiários que não cumprem com as exigências do Estatuto.

A luta do MST no estado de Alagoas

Nessa luta, um desses Estados em que o MST se faz presente é o estado de Alagoas, no qual há diversos assentamentos e ocupações. Todavia, o movimento não se encontra presente apenas nessas ações. No assentamento Maria Bonita, às margens da rodovia AL 220, a 10 quilômetros da cidade de Delmiro Gouveia, foi fundada a primeira agroindústria para escoamento de suas produções. Esse estabelecimento trabalha com o beneficiamento de frutas de outros assentamentos da região, produzindo doces variados, livres de conservantes e agrotóxicos, algo difícil, se considerarmos que esses assentamentos estão em uma área semiárida. Mas, mesmo assim, o assentamento tem um compromisso com a economia sustentável, buscando na produção prejudicar o mínimo possível o ecossistema da região.

De acordo com o MST/AL, mais de mil famílias do estado são beneficiadas pelo projeto, que é uma parceria entre o MST e a Cooperativa de Produtos Agropecuários da Reforma Agrária no Sertão (CooperaSertão). Essas famílias revendem sua produção para feiras locais e supermercados. Segundo o coordenador do movimento, o objetivo deles é que esses produtos alcancem os mercados “Institucionais”, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), um programa do Governo Federal destinado às escolas públicas para garantir uma alimentação saudável para as crianças do ensino público, e também o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que tem como objetivo atingir a parcela da

população que faz parte do grupo que passa por insegurança alimentar, não possuindo certeza se terão algo para comer no dia.

Indiretamente, o movimento dos sem-terras é responsável por milhares de empregos diretos e indiretos no Estado, sendo parte desses empregos gerada na segunda maior feira e a mais antiga do País, que é uma feira realizada no mês de setembro, há mais de 20 anos, em Maceió, com o objetivo de expor os frutos gerados dos pequenos produtores do movimento Sem-terra em todo o Estado. Seus alimentos são sem conservantes e agrotóxicos, possibilitando uma alimentação mais saudável. Os assentamentos locam carros para o transporte dos produtores e seus produtos para feira, quando esses assentamentos se encontram próximos à capital. Contam com a ajuda da Pastoral da terra, que loca caminhões para trazer agricultores, quando estão em cidades mais distantes.

A Universidade Federal de Alagoas está presente nesta luta, pois os alimentos de todos os restaurantes universitários dessa Instituição de Ensino Superior são fornecidos por produtores da agricultura familiar. No ato da assinatura do contrato, em 2018, o Presidente de uma das associações, Juliano Santos (2018), disse: “É um sonho e uma realização para o pessoal da nossa cidade, pois lá não estávamos conseguindo vender nossos produtos, nem ter visibilidade, e com esse contrato vamos passar a existir e a vender mais”.

A Luta dos trabalhadores Rurais por um Brasil mais justo

Nessa discussão, é importante compreendermos que desde a sua fundação, o Brasil sempre foi formado através de concentração de terras, desde as capitânicas hereditárias, passando pelas sesmarias e chegando até o atual modelo de agronegócio exportador. Ao longo dos anos, essa situação se perpetuou por mais de 4 séculos, vindo a ser alterada sutilmente com a aprovação do Estatuto das terras. Todavia, a agricultura familiar sempre foi negligenciada pelo poder público, até o momento do crescimento da população e o êxodo rural da década de 1960 e 1970, causado principalmente pela seca no Nordeste, com a qual se estima que dos 11 milhões, que migraram para o Sul-Sudeste, 46% sejam do Nordeste. Isso significa que quase 1/3 da população nordestina abandonou suas terras para tentar um futuro melhor, principalmente no Sudeste. Em vista disto, Camarano e Abramovay (1996) argumentam que

Os movimentos migratórios respondem pelo processo de esvaziamento da população rural. Em termos de distribuição da população brasileira por áreas rurais e urbanas, tem-se observado uma concentração progressiva e acentuada da população nas áreas urbanas, notadamente nas grandes cidades. Em 1940, 31% da população brasileira residiam nos quadros urbanos. (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998, p. 4).

Assim, devido ao declínio da população rural, o modelo latifundiário começou a não ser capaz de suprir toda a necessidade do País. Com isto, foi preciso procurar uma nova alternativa para preencher essa lacuna na produção. Pensando nisto, foi, então, criado o Estatuto da terra com o *status* de função social. Ou seja, nele, a terra não poderia ficar parada, precisaria a todo momento estar produzindo. Todavia, essa perspectiva sofreu grande resistência da própria ditadura, pois as ligas camponesas por serem orientadas e financiadas pelo partido

comunistas foram consideradas ilegais, até meados da década de 1980. Mas, com a abertura para a redemocratização, movimentos sociais como os sem-terras, puderam continuar lutando pelo direito de o trabalhador rural ter sua terra para plantar. De acordo com Fernandes (2001),

Um movimento sócio-territorial como o MST tem como um de seus principais objetivos a conquista da terra de trabalho. E o realiza por meio de uma ação denominada ocupação da terra. A ocupação é um processo sócio-espacial e político complexo que precisa ser entendido como forma de luta popular de resistência do campesinato, para sua recriação e criação. A ocupação desenvolve-se nos processos de espacialização e territorialização, quando são criadas e recriadas as experiências de resistência dos sem-terra [...] são os trabalhadores desafiando o Estado, que sempre representou os interesses da burguesia agrária e dos capitalistas em geral. Por essa razão, o Estado só apresenta políticas para atenuar os processos de expropriação e exploração, sob intensa pressão dos trabalhadores [...] a organização de uma ocupação decorre da necessidade de sobrevivência [...] (FERNANDES, 2001, p. 52-53).

Todavia, apesar de uma mudança de parâmetro na ótica da produção, os grandes latifundiários permaneceram sendo apoiados pelo Estado. Devido a isto, o movimento dos sem-terras passou a ter como função social não apenas mais garantir terras para seus membros e sim lutar contra o próprio sistema econômico. A sociedade atual exige que se venda sua força de trabalho e com isso o lucro fica com os detentores dos meios de produção, ficando o trabalhador com uma parte ínfima do fruto do seu trabalho. Nesse sentido, o sistema precisa que exista uma força braçal disponível para ocupar suas vagas em suas fábricas. Mas, quando o trabalhador tem seu pedaço de terra, ele fica com o que produz, vendendo parte dos produtos apenas para garantir suas outras necessidades. Logo, um trabalhador independente vai contra todo o sistema. Sobre isto, Oliveira (1991) diz que

O capital não expande de forma absoluta o trabalho assalariado, sua relação de trabalho típica, por todo canto e lugar, destruindo de forma total e absoluta o trabalho familiar camponês. Ao contrário, ele, o capital, a cria e recria para que sua produção seja possível, e com ela possa haver também a criação, de novos capitalistas. (OLIVEIRA, 1991, p. 20).

Devido a isso, muitos têm medo de participar do movimento sem-terras, medo por sua vida, medo por sua família, medo até do movimento em si, já que a imprensa por ser um braço do Estado controla e diz o que o povo deve pensar. Com isso, participa junto com a burguesia para criar uma imagem falsa sobre os sem-terras como um grupo arruaceiro, violento, invasor de terra. Assim, não permite que o movimento fique fielmente conhecido. Desse modo, as lutas colocam a família em situação de vulnerabilidade diante da truculência dos senhores de terras e do silêncio do poder público.

A violência no Campo e o descaso do Estado Brasileiro com a vida dos trabalhadores sem-terra

Na discussão acerca do MST, é importante compreendermos que o Brasil possui uma das maiores faixas de terras férteis do mundo. Logo, é de se esperar que exista uma gama enorme de grupos que explora estas terras. Podem ser citados grupos como sem-terras, garimpeiros, índios, seringueiros, varzeiros, lavradores e latifundiários, que são os grupos que possuem um poder de força maior e que muitas vezes são os que controlam a política da região, sendo o principal antagonista dos pequenos grupos. Sobre essa diversidade de grupos na exploração da terra, Santos (1999) diz que

(...) é necessário proceder a uma análise das transformações das relações sociais no espaço agrário: análise das principais classes – burguesia agrária: latifúndio e empresários; campesinato e produtores familiares; trabalhadores rurais, permanentes e temporários – e de sua diversidade; das frações de classe, grupos sociais e categorias sociais (definidas por profissão, gênero ou etnia), com ênfase nos processos de formação, diferenciação e transformação das classes sociais no espaço social agrário, com análise de suas práticas, trajetórias e representações simbólicas (SANTOS, 1999, p. 33)

Com isso, conflitos são normais. Mas, devido ao seu poder, muitas vezes o agronegócio trata esses pequenos grupos com violência, fato que pode ser notado graças à Comissão da Pastoral do Campo (CPT), que registra os dados dos conflitos no campo desde 1985, registrando diversos ataques contra esses pequenos grupos, contando com 1.438 conflitos no campo entre 1985 a 2017, resultando em um total de 1.904 vítimas. Destes casos, apenas 113 foram julgados, o que corresponde apenas a 8% do total.

O MST por ser um movimento mais abrangente, estando presente na maioria dos Estados, tem um histórico maior de conflito com os senhores de terras, contando em sua história diversas chacinas. Entre elas, podemos citar o massacre de Corumbiara, Roraima, que resultou na morte de 9 trabalhadores, incluindo uma criança. O Segundo massacre registrado com projeção nacional foi em 1996, no Pará, mais conhecido como o massacre do Eldorado dos Carajás, que resultou na morte 19 trabalhadores e 37 feridos, e não menos importante teve o massacre de Felisburgo, em Minas Gerais, que teve um saldo de 5 mortos e 20 feridos. Decorrendo sobre a violência policial e omissão e cumplicidade das autoridades, o professor Barreira (1999) fala que

A participação e a ação da Polícia Militar no massacre do Eldorado dos Carajás não é um caso isolado e único, fazendo já parte do lado cruel e pitoresco da nossa história. No meio rural, as milícias privadas dos grandes proprietários de terra, formadas por jagunços e pistoleiros, confundiam-se sistematicamente com as polícias locais: nas ações e nas ordens. As ordens eram emitidas indiscriminadamente pelos chefes políticos, coronéis-proprietários de terra ou comandos das polícias locais. Todos se colocavam como defensores e representantes da ordem. Nas ações, uma possível separação entre a defesa dos bens públicos e dos bens privados era minimizada. (BARREIRA, 1999. P. 4)

Vale ressaltar que esses massacres merecem destaque porque não foram capangas dos senhores de terras que mataram esses trabalhadores ou não houve

nenhuma forma de provocação do movimento. Ao contrário, esses massacres foram feitos pelo próprio Estado, representado por sua força armada, a mando de prefeitos, que obedeciam a ordens da velha oligarquia, que ainda resiste em nosso país. Como exemplo, temos o Massacre de Eldorado do Carajás, no qual 21 pessoas foram mortas e 69 feridos por força conjunta de 3 batalhões policiais das cidades vizinhas. Nas autopsias dos corpos, foi identificado que, dos 21 mortos a queima roupa e torturados com suas próprias ferramentas de trabalho por policiais, na maioria das vítimas não tinha identificação nem de nome ou patente, algo totalmente ilegal, segundo a constituição brasileira.

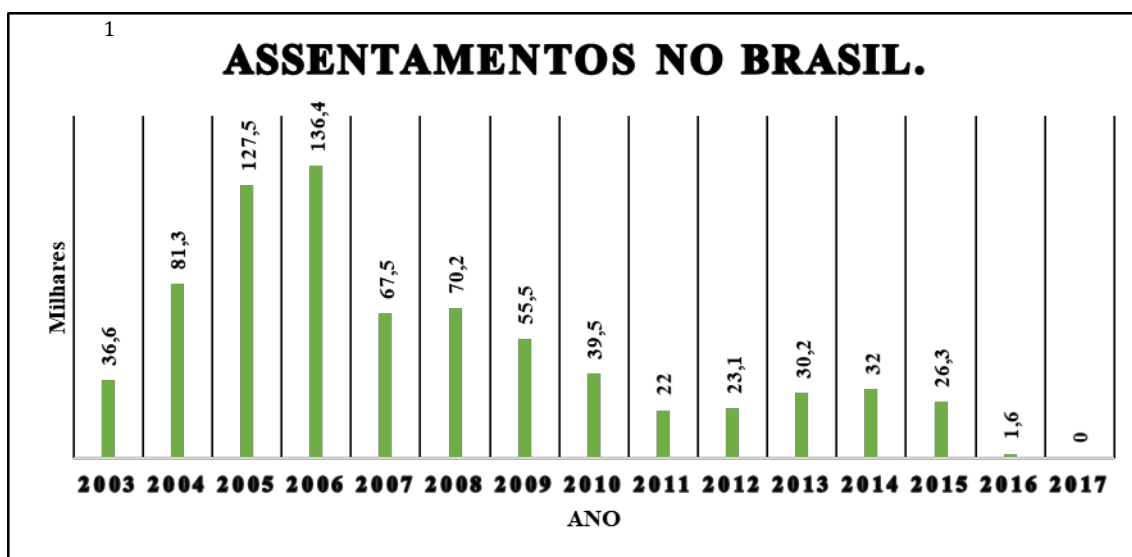
O histórico de conquistas do Movimento dos sem-terras

O Brasil é um dos lugares do mundo com a maior concentração de terras do mundo, conforme já apontamos, sendo evidenciado isso pelo IBGE, quando destaca que 45% das terras rurais estão nas mãos de 1% dos proprietários rurais, sendo os homens proprietários de 95% dessas terras, evidenciando a pouca presença da mulher na área rural. Isto nos coloca nos últimos patamares de igualdade de gênero no campo.

Frente a essa situação, o MST, então, surgiu como uma força popular para combater essa desigualdade e tornar o campo mais igualitário, lutando contra o estado, lutando contra as oligarquias e obrigando os governos a tomarem um posicionamento em relação aos abusos cometidos no campo. Nesse sentido, vejamos abaixo um gráfico com dados da reforma agrária de 2003 a 2017 em nosso país:

27

Gráfico 1: Assentamento no Brasil entre 2003 e 2017



Fonte: G1 e UOL

¹ Hoje o Brasil conta com o total de 88.430.161 hectares ocupados por 9.335 assentamentos e com um saldo de 21.976.011 hectares ociosos à espera da reforma agrária, o que significa um total de 207.103 lotes a espera de serem ocupados, conforme dados obtidos no G1 e no UOL.

O MST surge como uma força que usa as ocupações como armas para fazer a reforma agrária acontecer, que, por mais que as ocupações sejam consideradas invasões por alguns, essa forma se mostra eficaz quando ao longo da história do MST evidencia que apenas 2% da reforma agrária ocorreu de forma pacífica pelo governo. As outras 98% ocorreram graças às ocupações realizadas pelo movimento. Apesar de o governo de FHC ter dito que foi o governo em que mais ocorreu desapropriação para a reforma agrária, devido às clonagens, nas quais o governo pegou desocupações de governos anteriores e colocou como se fosse o deles, tornou-se impossível chegar a um número real da reforma agrária durante aquele governo. Foi no governo do Partido dos Trabalhadores (PT) ² que houve um crescimento real da reforma agrária, como mostrado no gráfico acima, tendo sempre números positivos de assentamentos, vindo a cair consideravelmente apenas depois da entrada do governo de Michel Temer, em 2016.

Hoje, graças a luta, o movimento conta com 1,9 milhões de trabalhadores, contando com 90 mil famílias acampadas, espalhadas em 22 estados brasileiros e no Distrito Federal. Essa massa de trabalhadores conta com uma gama enorme de brasileiros, trabalhadores rurais, meeiros, boias frias e pessoas da periferia das grandes cidades que querem um pedaço de terra para plantar.

O movimento conta com 100 cooperativas e 96 agroindústrias que trabalham para cumprir com o compromisso do movimento com a sociedade, plantando arroz, feijão, legumes, verduras e produzindo leite e queijo e outros produtos derivados processados sem adicionais químicos em suas agroindústrias. Trabalha de forma coletiva, com todos se ajudando, na produção de alimentos e na construção dos assentamentos, visando a geração de renda no campo e a melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores. Hoje, os assentamentos contam com 1.900 associações de trabalhadores.

Essa melhoria de vida pode ser vista nos números, quando se trata de educação. O movimento conta com mais de 2 mil escolas públicas construídas dentro dos acampamentos, 200 mil crianças, adolescentes e adultos com acesso à educação de qualidade, 50 mil adultos alfabetizados, o que modifica a vida dessas pessoas, que quando chegaram ao movimento não sabiam nem assinar o nome. Há cerca de 2 mil estudantes em cursos técnicos e superiores. Nos novos acampamentos, o movimento cria a escola itinerante, que é um prédio feito antes mesmo da moradia, para garantir direito à educação às pessoas do acampamento e também serve como centro de reunião para o movimento. De acordo com Tiepolo (2015),

Nesse sentido, a educação só pode ser entendida como a conquista da própria autonomia, pois não há libertação que se faça com homens e mulheres passivos. A construção da autonomia passa pelo processo de conscientização, ou seja, do desvelamento da realidade por meio do desenvolvimento crítico. Trata-se de um processo contínuo e interminável de tomar posse da realidade, um trabalho de desmistificação e de interrelação dialética entre sujeito-objeto, entre particular- totalidade. (TIEPOLO, 2015, p. 6)

Todavia, mesmo com todas as conquistas que o governo de esquerda trouxe, não se pode dizer que foi tratado de forma justa. Hoje, a agricultura familiar

é responsável por 70% dos alimentos produzidos no País, ficando o agronegócio apenas com 30%, sendo sua produção mais voltada à monocultura e à exportação. Entretanto, o agronegócio sempre recebeu uma atenção desproporcional do estado, ficando no plano safra de 2009/2010 com 93 bilhões de reais de investimento do governo, contra 15 bilhões para a agricultura camponesa. Em 10 anos, esse investimento quase dobrou, ficando 31 bilhões para a agricultura camponesa e 139 bilhões para o agronegócio com.

Considerações finais

A reforma agrária é um sonho distante no Brasil, pois, enquanto os pequenos produtores têm apenas a força de seus braços para lutar, os grandes proprietários de terra estão armados pela lei, com seus advogados caros, protegidos por seus capangas, esperando apenas uma palavra para silenciar mais um trabalhador. Muitas vezes, como se isso não fosse suficiente, esses senhores ditam as eleições em suas cidades, passando a ter total controle do poder público, que muitas vezes finge não enxergar as arbitrariedades cometidas, ou então mandam na polícia, que deveria proteger os oprimidos, mas se torna um braço armado dos grandes latifundiários.

Esta luta tão antiga e atual é uma demonstração clara do sistema, que tenta domesticar o homem, visando torná-lo uma ferramenta dependente do sistema que tomou sua liberdade. A luta do camponês vai além de um pedaço de terra, vai além de moradia, pois é uma luta para ser livre, algo inadmissível para o sistema atual. Mas, para esse sistema não entrar em colapso, é preciso que exista a miséria, como também a concentração do capital nas mãos de poucos, porque é preciso criar uma classe miserável para ser iludida com a falsa ideia de que se ela trabalhar bastante poderá também um dia ficar rico.

Esse artigo serve para nos dar uma dimensão do que é o movimento sem-terra, para além do que nos é mostrado pela imprensa, além do que somos ensinados. Os sem-terra não são um grupo violento. Mas, é preciso sabermos que mudanças nunca vieram da paz e da quietude. Por isso, é através das ocupações que os sem-terra fazem o estado enxergar e o faz colocar a reforma agrária em ação. Em uma sociedade na qual o sistema luta contra a agricultura familiar e que tem um agronegócio que a persegue, que mata indiscretamente, um grupo de pessoas muitas vezes simples se juntar e lutar contra não é apenas uma prova de coragem, é uma prova de amor ao País. Através da sua produção sustentável, através da conscientização da importância da terra, os sem-terra mostram que não lutam apenas por eles, mas por toda a população, já que, quando conseguem, é todo o Brasil que ganha, com mais igualdade e comida saudável nas mesas.

Contudo, como observado, o movimento apenas não garante a terra para quem quiser plantar, também garante direitos básicos que por toda vida viu negada à maior parte da população. Quando se consegue a terra, tem-se acesso à saúde básica dentro do assentamento, acesso à educação aos jovens e adultos, e para os idosos também. No movimento, a educação é usada como uma arma libertadora, pois se aprende que ela não é algo que é lhe dado, mas que se pode usar a educação para ajudar o próximo, como mostrado as mais de 100 parcerias entre o MST e as Universidades Federais pelo País.

Assim, através do MST, a Constituição Federal é colocada em prática, no sentido de que todos são iguais e têm os mesmos direitos e deveres. Através da luta, pouco a pouco o movimento faz a reforma agrária ser colocada em prática, já que infelizmente a concentração de terras voltada para uma única monocultura, diminuindo assim a vida útil da terra, não cumpre o valor social que a Constituição a impõe. Só através da conscientização da população e apoio, o movimento pode ser notado e respeitado pelo estado como um braço da população, como o desejo de todo brasileiro de ser livre, que, além das amarras do sistema, além das amarras da ignorância, passa a total plenitude do seu lugar como sujeito na sociedade.

Referências

BARREIRA, Cesar, Crônica De **Um Massacre Anunciado Eldorado dos Carajás**, Fundação SEADE, São Paulo, 1999.

BRITO, Ricardo, entenda o Plano Safra 19/20 e o financiamento estrangeiro através de certificados do agro, (online) disponível em <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/politica-agricola/237412-entenda-o-plano-safra-1920-e-o-financiamento-estrangeiro-atraves-de-certificados-do-agro.html#.XmHI0nJKjZ4>, acesso em 06 de fev. 2020

CAMARANO, Ana Amélia ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama nos últimos cinquenta anos**. Texto para Discussão, Nº 621, Rio de Janeiro, Janeiro de 1998.

DOMINGUES, Eliane, vinte anos do MST: a psicologia nesta história, **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 573-582, set. /Dez. 2007

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: Formação e territorialização**. 2. ed. São Paulo: Hucitec. 285p. 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano, A ocupação como forma de acesso à terra, XXIII **Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos Washington** – DC, 6 a 8 de setembro de 2001.

JESUS, Nathane Gomes de. Reforma agrária no Brasil e a função social da propriedade. [online]. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/194036/reforma-agraria-no-brasil-e-a-funcao-social-da-propriedade>. Acesso em: 04 de fev. 2020.

MADEIRO. Carlos, Governo não assenta famílias em 2017, e reforma agrária tem freio inédito no país (online), disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/03/06/governo-nao-assenta-familias-em-2017-e-reforma-agraria-tem-freio-inedito-no-pais.html>. Acesso em 29 de set. 2019.

MORAES, Isabela, MST: Você entende o que é esse movimento? (Online) disponível em <https://www.politize.com.br/mst-voce-entende-o-que-e-esse-movimento/>. Acesso 10 de dez. 2019.

REIS, Thiago e RAMALHO, Renan, Dilma assentou menos famílias que Lula e FHC; meta é 120 mil até 2018 (online) disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/dilma-assentou-menos-familias-que-lula-e-fhc-meta-e-120-mil-ate-2018.html>. Acesso 28 de set. 2019

SANTOS, Milton – (org.) **Violências no tempo da globalização**. São Paulo, Hucitec, 1999.

SILVA, Emiliana Andréo. **O Despertar do campo: lutas camponesas no interior do Estado de São Paulo**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003.

TIEPOLO, Elisiani Vitória, **Paulo Freire E A Luta Pela Educação no MST**, EDUCERE, Paraná, 2015.

Submetido em 22-04-2020

Aceito para publicação em 15-10-2020



A FEIRA LIVRE DE SÃO JOSÉ DA TAPERA: UMA ANÁLISE DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

**THE FREE FAIR OF SÃO JOSÉ DA TAPERA/AL: AN ANALYSIS OF THE TWO
CIRCUITS OF THE URBAN ECONOMY**

Erivelto Barbosa Melo

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.
erivelton2001@live.com

Cosme Avelina

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.
avelinacosme6@gmail.com

Resumo: Nas cidades do Sertão, as feiras livres atendem a aspectos culturais, sociais, econômicos e estruturais de formação da cidade. São José da Tapera, no sertão alagoano, possui um grande fluxo populacional e particularidades econômicas que se dão através do comércio local. Nesse sentido, essa pesquisa é de caráter descritivo e qualitativo, com o objetivo de desenvolver a análise dos dois circuitos da economia urbana desse município alagoano, dando ênfase ao circuito inferior da economia, caracterizado pela feira livre da cidade e sua relevância econômica e cultural. Objetiva revelar como operam os dois circuitos da economia urbana no atual período da globalização e quais são os fenômenos socioespaciais identificados no território. O referencial conceitual consiste em estudos de Santos (2001; 2008; 2012), Corrêa (2011), Moreira (2008), Gil (1987) Claval (2007), Tenório (1997) e Firmino (2016), entre outras fontes. Assim, possibilita reflexão teórica sobre a dinâmica dos fluxos de conexão de redes, que permitem a maior fluidez de pessoas, capital e mercadorias provindas de variadas regiões, tanto de Alagoas como de outros estados vizinhos, não descartando as características de pouca organização da feira livre, mas revelando as ações promovidas pela então globalização na difusão tecnológica, mesmo em pequena escala territorial igual ao Sertão de Alagoas.

Palavras-chaves: Economia urbana; Feira Livre; Sertão, Redes, São José da Tapera.

Abstract: In the cities of the Sertão, open fair attend cultural, social, economic and structural aspects of the city's formation. São José da Tapera, in the interior of Alagoas, has a large population flow and economic peculiarities that occur through local commerce. In this sense, this research is descriptive and qualitative, with the objective of developing the analysis of the two circuits of the urban economy of this city in Alagoas, emphasizing the lower circuit of the economy, characterized by the city's free market and its economic and cultural relevance. It aims to reveal how the two circuits of the urban economy operate in the current period of globalization and which are the socio-spatial phenomena identified in the territory. The conceptual framework consists of studies by Santos (2001, 2008; 2012), Corrêa (2011), Moreira (2008), Gil (1987) Claval (2007), Tenório (1997) and Firmino (2016), among other sources. Thus, it enable theoretical reflection on the dynamics of network connection flows, which allow a better fluidity of people, capital and goods from different regions, both in Alagoas and other neighboring states, not disconsidering the characteristics of little organization of the free fair, but revealing the actions promoted by the globalization in the technological diffusion, even in a small territorial scale like the Sertão of Alagoas.

Keywords: Urban economy; Fair; network; São José da Tapera.

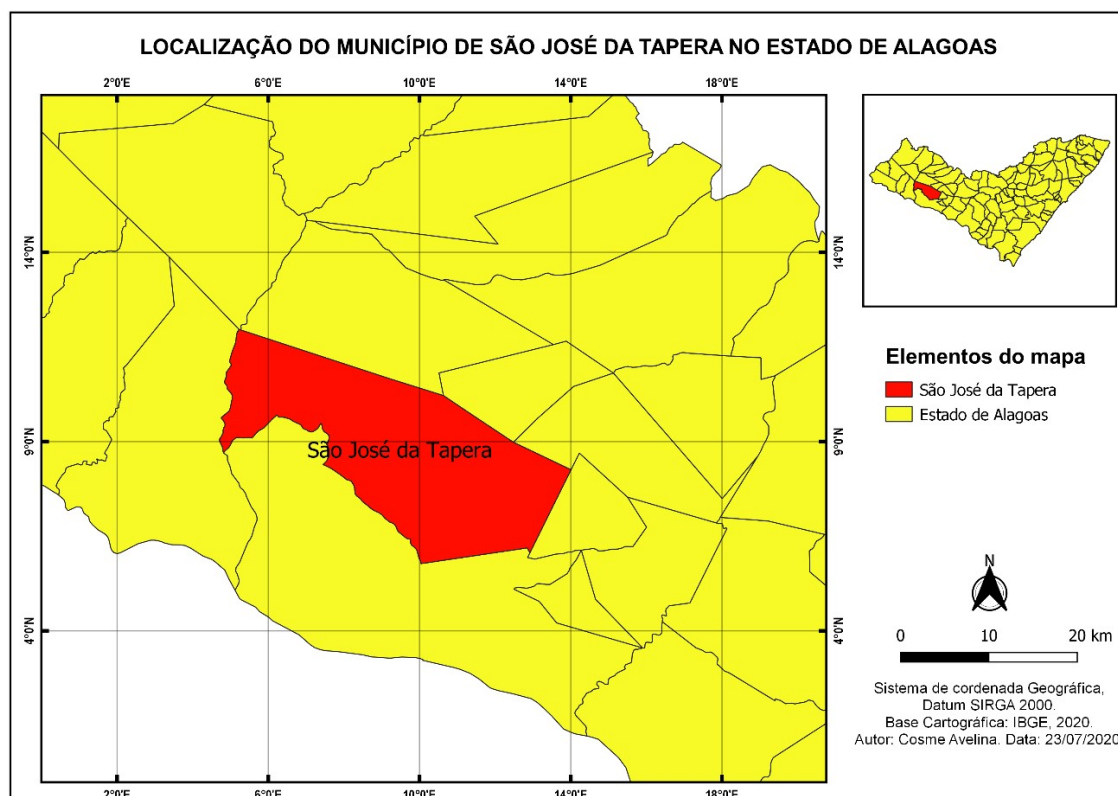
Introdução

O início da formação econômica do estado de Alagoas se deu com o ciclo da cana de açúcar, na Zona da Mata. A pecuária foi deslocada para regiões que compreendem atualmente o Agreste e o Sertão de Alagoas, nas quais muitos sertanejos começaram a dedicar seu tempo à criação bovina e à agricultura familiar. Isso ocorreu para que o Sertão e Agreste se tornassem abastecedores da Zona da Mata de produtos agrícolas e principalmente da carne bovina, pois, essa região do estado de Alagoas, que estava ocupada com o cultivo da monocultura da cana de açúcar, tinha seu território monopolizado por esse único cultivo, voltado para a exportação, movendo, assim, a economia alagoana por séculos e impedindo o desenvolvimento de atividades agrícolas variadas e de pecuária em seu espaço litorâneo, conforme aborda Tenório (1995).

Nesse sentido, para Firmino (2016), o agreste junto ao sertão de Alagoas se tornou para a região da Zona da Mata, no período colonial brasileiro, uma “subcolônia da colônia”, abastecendo o ponto matriz de escoamento da cana de açúcar com gêneros alimentícios e carnes, fazendo parte da formação espacial de Alagoas e da sua gênese socioeconômica. Decorrente desse fato histórico da formação do território, surgiram pequenos núcleos urbanos no agreste e no sertão, que a *posteriori* se tornariam “grandes” cidades, tais como Arapiraca, Santana do Ipanema, Delmiro Gouveia e municípios de grande relevância econômica, circunvizinhos destes polos.

Nesse direcionamento, o desenvolvimento da pecuária, adjunto da agricultura familiar, possibilitou o surgimento de feiras livres nas pequenas povoações e cidades, impulsionando a economia dessas localidades, o comércio de gado e de bens de consumo, tanto da zona rural como da própria zona urbana. As feiras livres se constituíram como característica forte na paisagem urbana das cidades do Nordeste brasileiro, atendendo a aspectos culturais, sociais, econômicos e estruturais de origem e formação de muitas cidades. Seguindo essa perspectiva, é importante buscar compreender por meio de uma análise crítica o funcionamento dos dois circuitos da economia urbana em uma região no atual período técnico-científico informacional, que estabelece uma lógica global, devido ao advento da globalização. Logo, esse estudo possibilita o conhecimento da dinâmica socioeconômica de uma determinada região, como a região do município de São José da Tapera/AL e a compreensão da relação que existe entre as feiras livres do Médio Sertão de Alagoas, que são utilizadas como meio de sobrevivência por muitos feirantes.

Nesse propósito, é relevante considerarmos que o município de São José da Tapera está localizado acerca de 220km de distância da capital, Maceió, e possui uma população estimada, em 2018, em 32.111 habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Tem densidade demográfica de 60,77 hab./km². Sua população está concentrada nas áreas urbana e rural. Seu território tem área total correspondente a 494,498 km². Localizado na região semiárida de Alagoas, no nordeste do Brasil, faz divisa com os municípios de Carneiros, Senador Rui Palmeira, Santana do Ipanema, Pão de Açúcar, Monteirópolis e Piranhas, conforme podemos ver no mapa de localização, na sequência.

Figura 01: Mapa de localização de São José da Tapera - AL

Fonte: Os Autores.

35

Nesse município, o abastecimento em alimentos da população residente se dá através do comércio local de pequeno porte. A feira livre da cidade tem caráter municipal e intermunicipal, tendo como influência para o fluxo de pessoas a privilegiada localização geográfica, em vista a movimentação das pessoas que visitam a feira livre na cidade de São José da Tapera durante toda a semana, e principalmente em seu dia mais movimentado, sendo a feira livre aos sábados. O contexto de formação histórica da cidade está vinculado à relação socioeconômica da feira livre do município.

Assim, o território taperense teve início a partir de uma propriedade agrícola vinculada à família Marciano. Anos depois, ocorreu a implantação de uma casa de comércio. Em seguida, foi criada a feira livre no local. Na época, a região era pertencente ao município de Pão de Açúcar/AL. A própria iniciativa de criar o comércio local atraiu a vinda de comerciantes de outras localidades circunvizinhas, movimentando a respectiva área. A partir daquele momento, tornaria-se um povoado com construções rudimentares de casas de taipa e a construção de uma capela destinada a São José, o padroeiro designado pela igreja católica para a localidade. Esses acontecimentos deram origem ao nome do município.

No tocante aos procedimentos metodológicos dessa pesquisa, temos: primeiramente, a elaboração do projeto inicial, adjunto da exploração preliminar, buscando as definições dos aspectos locais para o tema de estudo. Logo após, a realização de um levantamento de campo na feira livre do município de São José da Tapera/AL, sendo efetuada a observação em vários dias, distribuídos na semana, principalmente no dia de sábado, pois esse dia possui maior movimentação populacional e de feirantes de outras localidades de Alagoas. Nessa coleta dos

dados, foram utilizados questionários, elaborados de acordo com a temática da pesquisa. Mas, predominaram as entrevistas com os feirantes e fregueses, tanto com os da zona urbana, como os provindos da zona rural, e pessoas de outras cidades circunvizinhas, tendo em vista a maior obtenção de informação para desenvolvimento do trabalho. Após a pesquisa de campo houve, a análise dos dados e, em seguida, a categorização, visando a fundamentação com referencial teórico.

Análise do circuito superior da economia urbana de São José da Tapera/AL

Para a análise do circuito superior da economia urbana, recorremos a Santos (2008), para quem existem dois sistemas de fluxo da economia urbana nos países subdesenvolvidos, que, devido às diferenças de salários, origina-se uma maioria que possuem ocupações de trabalhos ocasionais e que vendem sua força de trabalho para sobreviver, e, no outro lado, temos a minoria, com altos salários detentores de acesso a melhores serviços e modernização tecnológica. Cria-se, assim, na sociedade uma divisão daqueles que têm acesso aos bens e serviços e outra parte que não pode atender às necessidades similares. Foi baseado nos sistemas de fluxos, como o circuito superior e circuito inferior, que se realizou a análise da economia urbana de São José da Tapera/AL, com uma reflexão acerca da feira livre e sua relevância para o circuito inferior da economia (ver feira livre de São José da Tapera na figura que segue).

Figura 02: Feira Livre de São José da Tapera – AL



Fonte: Os autores, 18 de maio de 2019.

As atividades econômicas principais desse município são a pecuária de corte e de leite e a agricultura familiar tradicional, realidade que se estende por

todo o Sertão do estado de Alagoas. Esse cenário coexiste ainda com uma situação de pobreza urbana, causada pelas secas que atingem a região e conseqüentemente os camponeses, que perdem suas lavouras ou produzem muito pouco, ficando à mercê de ajudas governamentais, tais como o programa “Bolsa Família”. Para localidades rurais do município de produtores da agricultura familiar há o “Plano Safra”, que visa cobrir e auxiliar os sertanejos que tiveram baixas colheita em suas lavouras.

Dadas essas informações sobre esse município e sua feira livre, para início da análise dos circuitos da cidade tapereense, foram observados elementos na paisagem que revelassem a presença do circuito superior na cidade. Certamente imagens, como a já mostrada anteriormente, ajudam nesse propósito.

Conforme Santos (2008),

(...) pode-se afirmar que o fluxo do sistema superior está composto de negócios bancários, comércio de exportação e indústria de exportação, indústria urbana moderna, comércio moderno, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. (SANTOS, [1977] 2008, p.38).

Embora, São José da Tapera não tenha um comércio de exportação ou indústria de exportação em seu território, apresenta um comércio organizado, composto de negócios bancários, serviços modernos e um embrionário início de comércio atacadista, que tem tendência de evoluir futuramente. Porém, o que vem chamando atenção é a grande variedade de transporte e serviços que surgiram, e para atender à demanda de conserto, reparo e abastecimento de um número de veículos automotivos que vem crescendo ano a pós ano na região. Assim, foram se originando estabelecimentos especializado nesses serviços, como podemos ver na figura que segue, Figura 03.

Figura 03: Aumento do fluxo de automóveis e motos no centro urbano



Fonte: Os autores, 21 de setembro de 2019.

Em vários pontos da cidade, pode-se encontrar locais de mecânica automotiva e de motocicletas, tendo grande destaque a rodovia AL-220, que passa pela área urbana da cidade, possuindo em suas margens a presença desses serviços, onde também se localizam os postos de abastecimento de combustível da Petrobras. Podemos destacar o início da construção de mais um posto de abastecimento de combustível da rede Petrobras, localizado na entrada da cidade que possibilita o acesso ao centro urbano, com uma estrutura de primeiro andar. Será capaz de oferecer duas vezes mais serviços em comparação aos demais postos convencionais de sua franquia.

O primeiro aspecto notável no centro urbano da cidade é o número de pessoas de outras localidades que estão presentes em dias de maior fluxo comercial, sábado e segunda-feira, vindas de localidades do município e de áreas circunvizinhas. Temos uma intensa circulação de carros e passageiros residentes da zona rural. Esses transportes são compostos de Caminhonetes *Chevrolet "D-20"*, Caminhões e principalmente de *Vans*, que substituem progressivamente os conhecidos "*Pau - de - Arara*", Caminhão *Ford f-4000* e Caminhonetes *Chevrolet "D-20"*, que no início dos anos 2000 eram muito comuns no transporte de passageiros da zona rural para zona urbana. Antes, a substituição progressiva por um transporte com maior grau de conforto e eficácia era quase inevitável. Embora ainda exista o uso de caminhonetes e caminhões na região, esse uso se limita ao transporte de cargas pesadas, em sua grande maioria. Também se percebe um alto índice de motocicletas circulando nas vias das cidades, que há cerca de cinco anos vem crescendo, tonando-se uma "febre de motos" (FIRMINO, 2016), no espaço urbano.

Na pesquisa de campo (MOREIRA, 2008), foi possível averiguar as localidades dos transportes, que provinham de sítios como Antas, Pilões, Torrões, Lagoa da Cobra, Lagoa da Camisa, Cacimba do Barro, Passagem do Roque, Cacimbas, Água Salgada e Macena, sítios que fazem parte do território de São José da Tapera, mas também existem transportes do Povoado Caboclo, além de uma grande circulação de transportes de passageiros de outros municípios, tais como Olho D'água das Flores/AL, Carneiros/AL, Piranhas/AL e Pão de Açúcar/AL. Mostrando uma forte conectividade com sua zona rural e principalmente com outras regiões, a população se desloca até Tapera para obter seus serviços. Todavia, o maior tráfego de veículos automobilístico fez surgir estabelecimentos comerciais revendedores de peças e especializados no concerto mecânico de carro e motos, tendo destaque na cidade os serviços "Lourinho autopeças" e "Moto peças Machados", esse último revende equipamentos e itens de motocicletas da marca Honda, uma empresa multinacional instalada no país.

Dessa maneira, São José da Tapera possui negócios bancários, tais como o Banco do Brasil, Lotéricas, Banco do Bradesco e "Crediamigo", do Banco do Nordeste, que prestam serviços financeiros à população e estão inseridos no circuito superior da economia da cidade. Também explica a grande leva de pessoas que frequentam e alimentam o dinamismo em dia de feira livre na cidade. Isso é possível pela disponibilização de crédito pela rede bancária à população da região e de outras localidades. O crédito, que na contemporaneidade está presente em cartões magnéticos e aplicativos bancários, é usado na compra de serviços, bens e mercadorias, e na localidade ter a presença das agências bancárias contribui para fácil obtenção de cédulas nos caixas eletrônicos disponibilizados pelos bancos.

Esse mesmo capital obtido possibilita uma maior dinâmica na economia da cidade, impedindo uma possível estagnação econômica. Tendo em vista a fácil obtenção de crédito, os estabelecimentos comerciais, tais como lojas e supermercados, prestam serviços modernos, isto é, com várias formas de pagamentos, sejam por cartão, em débito, crédito ou parcelado, diversificando as formas de compra e ampliando suas vendas. Com advento da globalização do acesso mais rápido da informação em todos os estabelecimentos observados, existem várias propostas e divulgação de empresa telefônicas de recarga de celulares ou venda de pacote de “internet” variados com diferentes potências de acesso à rede global (Tim, Claro, Oi e Vivo), reforçando o caráter de comércio moderno com maior implantação de organização e tecnologia do circuito superior, presente na cidade (ver Figura 04).

Figura 04: Avenida principal com maior número de característica do circuito superior



Fonte: Os autores, 21 de setembro de 2019.

Entretanto, paralelamente ao circuito superior existente em São José da Tapera/AL, temos outra realidade socioeconômica, que se materializa pela feira livre da cidade, que se diferencia do mercado de serviços modernos por nela desempenhar funções de evidência econômica provindos da população de poder aquisitivo baixo, pouca organização e implemento de uso tecnológico quase inexistente. O circuito inferior da economia urbana é analisável pela feira livre, que ocorre em muitas cidades do Sertão de Alagoas, assim, como está presente no Nordeste brasileiro.

Análise do circuito inferior da economia urbana: a feira livre de São José da Tapera/AL

A feira livre é formada por atividades de pequenas dimensões, que interessam principalmente à população mais pobre, mantendo uma relação

privilegiada com sua região (FIRMINO, 2016). São observadas na feira livre taperense características do circuito inferior da economia urbana, tais como força de trabalho não contratada ou terceirizada, em geral providas de familiares e parentes dos feirantes; preços negociáveis pela pechincha entre feirantes e fregueses, sendo não fixos; relações comerciais de compra pelo crédito rudimentar, o fiado; menor implemento tecnológico e estrutural relacionado aos mercados modernos. Esse comércio tradicional na região permite a circulação de vários feirantes, que se deslocam entre municípios em dias específicos para colocar sua banca e vender seus produtos no comércio local, como vemos na Figura 05.

Figura 05: Circuito inferior materializado pela feira livre da cidade



Fonte: Os autores, 21 de setembro de 2019.

Nesse circuito da economia taperense, muitos feirantes revendem mercadorias compradas a intermediadores, que trazem de outras localidades do Nordeste, tal como a uva, que é produzida no perímetro irrigado de Petrolina/PE e Juazeiro/BA. Também são identificadas na feira mercadorias providas de outros lugares da região Agreste e Sertão de Alagoas e de localidades próximas de Arapiraca, tendo como exemplo a macaxeira, a manga, a goiaba, o melão, o feijão, o milho, as hortaliças, o abacaxi e a batata doce. Porém, temos uma produção de hortaliças de agricultura familiar cultivada no próprio território taperense, produzida em hortas com irrigação por gravidade ou com o uso de água de barragens e açudes, que é distribuída entre feirantes e vendida à população que se encontra no dia de feira livre.

As roupas comercializadas na parte da feira que é destinado a bens de consumo semiduráveis, em sua grande maioria, provém do Polo de Confecção de Caruaru, em Pernambuco, uma região que abastece os comerciantes das feiras de Alagoas e os da própria região de Pernambuco, que por meio de transporte próprio ou alugado procuram a mercadoria de Caruaru com menor preço para revenda.

Mas, o espaço urbano não se limita a ser somente fragmentado. É também, respectivamente, articulado, ou seja, mantém relações com demais partes da cidade, possibilitando um conjunto articulado, tendo como proporcionador dessa articulação o núcleo central. Para Corrêa (2011),

A articulação manifesta-se também de modo menos visível. No capitalismo manifesta-se através de relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salário, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia em sua dimensão espacial. (CORRÊA, 2011, p.147)

No contexto da feira livre, não se encontra o pagamento de salários, mas a força de trabalho familiar e informal na comercialização das mercadorias. Existe o investimento de capital pelo feirante, que compra mercadoria provinda de outras localidades para comercializar, em busca de obter uma mais-valia e retirar uma renda de subsistência. As relações de poder são visíveis quando observada a separação do ponto onde se localiza o núcleo central da cidade, detentor do papel de gestão de atividades, onde se encontram os negócios bancários, supermercados, lojas e um maior espaço bem centralizado. É nítido o contraste quando comparado com o local da feira livre: funciona em uma rua afastada desse dinamismo e, ao mesmo tempo, apresenta pouco espaço para as centenas de bancas se organizarem.

Essa realidade impõe de forma indireta à população, por meio de uma ideologia de concentração de serviços no núcleo central urbano, quase que o obrigando, o consumo de serviços com maior organização, estrutura e tecnologia dos super mercados e lojas, no qual há também venda de frutas, hortaliças, roupas e tênis, com vantagens únicas, como a estrutura fixa, as marcas de grife e as propagandas de suas mercadorias a serem anunciadas nos programas de rádios locais e carros de sons. Porém, temos notoriamente uma população que opta por fazer suas compras e obter os produtos no dia da feira livre da cidade, que possui melhores preços e uma grande variedade de mercadorias em um único local e dia.

Essa aproximação dos indivíduos ao espaço da feira livre não se restringe somente para poupar algum dinheiro. Está presente a identidade cultural das pessoas que ali circulam, mantendo uma afetividade simbólica com o lugar em que se manifesta a feira, porque, assim como foi relatado em entrevista, é comum muitos compradores manter um certo vínculo com estes espaços, pois quando crianças ainda era comum ir à feira com seus pais. Dessa maneira, estar vivenciando o mesmo local de amontoados de bancas de lonas e cheiro de frutas frescas faz surgir nos indivíduos sentimentos de carinho e nostalgia (CLAVAL, 2007).

É na feira livre do dia de sábado que há o maior fluxo da população na cidade, fazendo compras ou vendendo suas mercadorias, no caso dos feirantes da localidade e de regiões circunvizinhas. Por apresentar características de pouca organização e necessidade de deslocamento frequente, os meios de transportes de mercadorias mais comuns são as caminhonetes e os caminhões, usados pelos feirantes para se deslocarem entre os municípios (Figura 05).

Figura 06: Chegada da mercadoria para a feira livre de Sábado.



Fonte: Os autores, 20 de setembro de 2019.

Assim, origina-se uma rede urbana de comércio de mercadorias pelos feirantes nos diferentes dias de feira livre, buscando um alcance espacial máximo inferior ao alcance espacial mínimo. Conforme Corrêa (2011), isso significa que

Que parte do número de consumidores necessários para a instalação de comerciantes, em uma localidade central, encontra-se em uma área além daquela de onde é possível deslocar-se para localidade central. Stine argumenta que, nesta situação, a única possibilidade que resta aos comerciantes é a de se tornarem móveis, deslocando-se em grupos, de centro para centro. Deste modo justificam a própria existência ao atender a uma clientela dispersa, mas próximas dos pequenos centros. Assim, em determinados dias cada pequeno centro transforma-se em mercado, reunindo comerciantes e consumidores. (CORRÊA, 2011, p. 59)

Essa movimentação é realizada pelos feirantes, porque em sua maioria são móveis, frequentando mais de uma feira na semana. Por exemplo, o feirante que monta banca aos sábados em São José da Tapera/AL, vendendo frutas e hortaliças, estará na feira do município de Carneiro/AL, no domingo, na feira de Olho D'água das Flores/AL, na segunda, e na feira de Senador Rui Palmeira, na terça. Isso é possível pelo modal rodoviário instalado no território alagoano, que possibilita o deslocamento de veículos automobilísticos, que permite uma fluidez no alcance espacial máximo da clientela de diferentes núcleos centrais administrativos do território. Faz com que o feirante móvel possa obter maior demanda de venda de sua mercadoria por atingir uma fração maior de consumidores da região conectada pelo modal de transporte de veículos.

Vale ressaltar que não existe um lucro extraordinário obtido pelos feirantes, mas uma forma visível de sobrevivência familiar pelo sertanejo. São poucos os que conseguem passar de feirante para um maior negócio. A feiras livres desempenham um papel muito importante na economia da cidade, como também sustenta laços afetivos e simbólicos com a população e preserva aspectos culturais no espaço. Vale salientar que se percebe que o circuito superior depende de toda uma infraestrutura instalada para bom funcionamento de seu fluxo, mas que o circuito inferior visto na feira livre é capaz de impor sua influência sobre unidades espaciais mais extensiva, como salienta Milton Santos (2008).

Com o advento do atual período técnico-científico-informacional e a própria globalização (SANTOS, 2001), alguns feirantes já estão fazendo uso de meios de tecnologias como máquinas de crédito, celulares e balanças eletrônicas. Porém, vale ressaltar que na pesquisa em São José da Tapera só foi identificado o uso de celular como meio de comunicação entre intermediários fornecedores de mercadorias e na comunicação com familiares. Não foi constatado o uso por feirantes de máquinas de crédito, como já pode ser identificado o uso em feiras de hierarquia maior, de uma Capital Regional ou Centro sub-Regional, a exemplo de Arapiraca e Delmiro Gouveia.

Considerações Finais

Através da pesquisa realizada na área urbana da cidade, percebe-se os tipos de organização econômica do espaço. Dessa forma, é importante destacar que as atividades socioeconômicas presentes na cidade de São José da Tapera/AL são analisáveis pelos dois circuitos, o superior e o inferior. Entretanto, é cabível destacar que o circuito inferior possui maior relevância social, tendo em vista uma economia urbana, que mesmo possuindo alguns serviços que se encaixam no padrão econômico da globalização, muitos sobrevivem através dos repasses governamentais de programas sociais, sem nenhum salário.

A feira livre é um meio de sobrevivência do sertanejo. É a consolidação na realidade do espaço geográfico que representa o circuito inferior, assim como os outros serviços e comércios com maior carga de tecnologia e organização representa fielmente o circuito superior. Há aí a análise espacial socioeconômica da área urbana. Na feira livre, ainda fazem uso da venda em dinheiro ou “fiado” para comercializar suas mercadorias e ter acesso aos fregueses. Portanto, pode-se concluir que o circuito inferior expressado pela feira livre em São José da Tapera/AL preserva muitas das suas características comuns e tradicionais.

Referências

- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 304p.
- CRAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed.- Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- FIRMINO, Paul C. S. **Arapiraca/AL e Itabaiana/SE – a feira livre como gênese e desenvolvimento de dois centros regionais do interior do Nordeste**

Brasileiro. Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo – FFLHC/USP, 2016. 318p.

GIL, Antonio C. **A natureza da ciência Social.** In___ Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas. 1987.

MOREIRA, Henvelto. CALEFFE, Luz G. **Classificação da pesquisa.** In:___ Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: Lamparina. 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana.** 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológico da Geografia.** 3ª ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar.** In___ Espaço Geográfico e Urbanização. 2 ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único a consciência universal.** 6ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A metamorfose das Oligarquias.** Curitiba, HD Livros, 1997.

Submetido em 10-03-2020

Aceito para publicação em 28-04-2020



A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CAPOEIRA – UMA ANÁLISE DA CAPOEIRA NA REGIÃO DO MÉDIO SERTÃO DE ALAGOAS

THE SPATIAL ORGANIZATION OF CAPOEIRA – AN ANALYSIS OF
CAPOEIRA IN THE MÉDIO SERTÃO REGION OF ALAGOAS

Cosme Avelina

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.

avelinacosme6@gmail.com

Resumo: A Geografia que se desenvolveu a partir da década de 1970 é encadeada por pensamento mais críticos a respeito do espaço e sua organização, sendo aplicado em sua análise o estudo do fenômeno espacial a partir do método materialista histórico-dialético provido do Marxismo. Também, neste período, ocorreu o surgimento do interesse pela Geografia Cultural, que começou a se desenvolver nas pesquisas da Geografia humanística, buscando valorizar as ligações simbólica, afetiva e de identidade dos grupos culturais com o espaço. Dessa maneira, a presente pesquisa busca realizar uma análise crítica da organização espacial da capoeira em seu contexto histórico, fazendo uso da categoria de análise geográfica do território. Assim, o objetivo consiste em apontar as principais mudanças na organização da prática de capoeira no território brasileiro ao longo do século XX, adjunto de reflexões conceituais do meio técnico-científico-informacional e a globalização. São utilizadas pesquisas especializadas na temática, tais como as de Santos (1994; 2001; 2006) e Reis (1993), entre outras fontes. No último tópico, trabalhamos resultados coletados em campo no território do Médio Sertão de Alagoas, onde é observado o movimento dos praticantes de capoeira em resistência às contradições sociais e étnicos/raciais do território em que habitam.

Palavras-chaves: Organização espacial; Meio técnico-científico-informacional; Capoeira; Médio Sertão de Alagoas.

Abstract: The Geography that developed since the 1970s is linked by more critical thinking about space and its organization, being applied in its analysis the study of the spatial phenomenon from the historical-dialectical materialist method provided by the Marxism. Also, in this period, accrued the emergence of interest in Cultural Geography, which began to develop in the research of humanistic Geography, seeking to value the symbolic, affective and identity links of cultural groups with space. Thus, this research aims to carry out a critical analysis of the spatial organization of capoeira in its historical context, using the category of geographical analysis of the territory. So, the objective is to point out the main changes in the organization of capoeira practice in Brazilian territory throughout the 20th century, along with conceptual reflections from the technical-scientific-informational environment and globalization. Specialized research on the theme is used, such as Santos (1994; 2001; 2006) e Reis (1993), among other sources. In the last topic, we worked on results collected in the field in the territory of the Médio Sertão of Alagoas, where is observed the movement of capoeira practitioners in resistance to the social and ethnic /racial contradictions of the territory in which they live.

Keywords: Spatial organization; technical-scientific-informational environment; Capoeira; Médio Sertão of Alagoas.

Introdução

Para podermos compreender como a organização espacial da capoeira obteve sua forma atual, é necessário nos remetermos à historiografia e analisarmos a sua modificação territorial. Nessa análise reflexiva, entendemos que o meio técnico-científico-informacional foi capaz de influenciar a organização espacial, modificando a lógica global de comunicação entre indivíduos, também influenciando no fluxo até então nunca antes visto de circulação de informação e mercadorias. Assim, atentamos para os acontecimentos no território e suas territorialidades, onde os fenômenos espaciais se manifestaram. Abordamos quais foram os resultados dessas mudanças ocorrida no século XX, ressaltando os empecilhos históricos que a prática da capoeira teve durante seu firmamento como esporte e sua valorização em território nacional.

Inicialmente, partimos da ideia de que o período técnico-científico-informacional marca o início de uma modernização das técnicas, que, com investimento de pesquisa científicas, passou a buscar melhoramentos com resultados precisos, nunca vistos antes. Além disso, a informação passou a circular em velocidade rápida, através das redes de fibra óptica instaladas no território. Ou seja, os meios de comunicação passaram a evoluir progressivamente e chegaram ao ponto de um único aparelho fazer a proeza de tocar música, fotografar, gravar áudio, filmar e fazer ligação para qualquer localidade.

Desse modo, o rápido acesso possibilitado pela rede de “internet” fez surgir um mercado digital de bens de consumos duráveis e semiduráveis, o pagamento em crédito e o parcelamento em lojas virtuais. Mas, além de privilegiar os agentes hegemônicos, tais meios de comunicação estão sendo explorados com novas finalidades que buscam transmitir um ideal coletivo como também organizar e propagar a cultura popular.

Nesse sentido, este estudo visa possibilitar o conhecimento sobre a manifestação da prática da capoeira em um território, fazendo entender como sua organização espacial resultou no esporte praticado quase no mundo inteiro na contemporaneidade e destrincha a influência que o período técnico-científico-informacional teve para essa maior territorialização da cultura capoeirista que temos atualmente.

Organização Territorial da Capoeira no Século XX

No território brasileiro, antes do século XX, não houve registro de organizações grupais de academias de capoeira em nenhuma das regiões do Brasil. Temos alguns relatos apenas de prática registradas na historiografia em espaços abertos das florestas com mato rasteiro, denominado de “capoeira”, isto é, em locais onde antes era mata. Com o surgimento das primeiras aglomerações urbanas, a prática se limitava a fundos de quintais ou à própria rua, em regiões que foram importantes pontos da colonização Portuguesa, no litoral do território brasileiro, que deu origem a cidades de grande relevância, no potencial econômico, estrutural, social e, principalmente, no cultural, podendo serem citadas Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Nessa historiografia, a primeira academia³ de capoeira em espaço fechado é datada de 1932, no Estado da Bahia, em Salvador, fundada por Manoel dos Reis Machado, também conhecido como Mestre Bimba (1900-1974), criador da Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana. Essa é considerada a primeira academia, pois foi concedido ao Mestre Bimba um registro do Governo que reconhecia oficialmente o “Centro de Cultura Física e Capoeira Regional” como a primeira academia de capoeira com seu alvará e funcionamento, em 23 junho de 1937. Influenciou no surgimento de outras academias de capoeira com o mesmo formato de ensino. Em 1941, foi fundado o Centro Esportivo de Capoeira Angola, em Salvador, por Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), mais conhecido como Mestre Pastinha, que foi a maior referência da Capoeira Angola no Brasil e no exterior. Antes desses acontecimentos, a prática da Capoeira era considerada crime, constando no Código Penal, de 11 de outubro, de 1890, impedindo qualquer manifestação do tipo, como vemos no Art. 402:

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras. Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular de dois a seis meses. (Código Penal, Brasil, 1890).

O que levou a capoeira a constar no Código Penal está relacionado com a vinda da capoeira para a zona urbana, já que antes era praticada majoritariamente afastada, na zona rural. Este fato está ilustrado em pinturas do século XIX, nas quais o conhecido jogo de capoeiragem, também intitulado, no famoso quadro de Johann Moritz Rugendas (1802-1858), como vemos na figura que segue, como “*danse de la guerre*”, mostra um grupo de negros lutando ao som de tambor, em território que seria o Rio de Janeiro, territorialidade que a *posteriori* abrigaria os primeiros grupos de indivíduos organizados utilizadores de capoeira, que viviam à margem da crescente sociedade urbana.

³ Academia ou escola é o nome dado pelos praticantes de Capoeira ao espaço fechado de treinamento, onde são ensinados as técnicas, os fundamentos e os princípios esportivos da capoeira aos alunos ali matriculados.

Figura 01: Imagem do quadro *Danse de la guerre*, de Rugendas.

Fonte: Grupo Nzinga de capoeira de Angola. Disponível em < www.nzinga.org.br >.

Houve também o surgimento das chamadas “maltas” de capoeira, grupos organizados utilizadores da luta capoeira, que disputavam territórios com outras maltas inimigas, na territorialidade da área urbana. Sendo exímios praticantes de capoeira, promoviam embates violentos que causavam desordem e, assim, muitos grupos de maltas acabavam prestando serviços com fins de interesses políticos, aliando-se a partidos políticos, em serviço nas épocas de eleições. Dentre as várias maltas que surgiram, vale destacar duas, que ficaram famosas devido aos seus constantes embates: os “Goiamuns”, ligados ao partido liberal, e os “Nagoas”, ligados ao partido conservador. Mas, vale destacarmos que o surgimento desses grupos não ficou limitado somente ao Rio de Janeiro, pois surgiram também em outras localidades, com menor expressão.

Na passagem do Império para a República, onde tivemos a criação do Governo Provisório republicano, em 15 de novembro de 1889, sempre tivemos a repressão social, de uma sociedade racista e preconceituosa, que buscava uma espécie de “higienização” do povo brasileiro, negando e reprimindo os povos descendentes afro-brasileiros e suas práticas culturais e religiosas. A capoeira não ficou fora dessas perseguições, tanto aqueles indivíduos que a utilizavam de forma lúdica nas ruas ou pelas próprias maltas da capoeira, que estavam envolvidas na violência dos espaços urbanos, foram perseguidos ferozmente por serem considerados uma “mazela social”.

Isso não significa que a capoeira antes da instalação da República provisória não tenha sido perseguida e excluída do espaço urbano. Ao contrário, ela sempre foi considerada com temor aos olhos das classes privilegiadas e hegemônicas da sociedade brasileira, desde sua origem no período da escravidão. O que vem a ser revelado é que a perseguição na fase da chamada “República Velha” se intensificou mais ainda, decorrente do acontecimento de

1890, passando a constar no Código Penal. Torna-se um dos principais alvos da repressão policial em busca da extinção de sua prática. Porém, com a queda da República Velha e o início da República Nova, marcada pelo começo do Governo Getúlio Vargas, temos o surgimento das “Academias de Capoeira” ou também chamadas de “Escolas de Capoeira”.

No início da década de 1930, ocorreu uma reviravolta no contexto histórico de repressão, perseguição e desvalorização da cultura da capoeira, como já citado anteriormente. Essa conquista estava totalmente relacionada à prática da capoeira em um espaço fechado e organizado pelo capoeiras, pois, antes muito visíveis em espaços abertos das ruas e locais públicos, era considerado algo sem regras e de “vadios”, devido à sociedade ainda manter um pensamento colonial da manifestação provida do negro. Passando a ter sua prática inteiramente voltada a espaços fechados, com organização interna, promovida pelo Mestre de capoeira, foram estabelecidas regras de conduta moral e ética, que deveriam ser seguidas por todos os alunos. Essa reestruturação ocorrida com a capoeira e seu espaço de aprendizado possibilitou a cultura da capoeira conquistar novos patamares perante uma sociedade majoritariamente preconceituosa e racista.

É na República Nova, com novos ideais do Governo para valorização da nação, que culmina a retirada da capoeira do Código Penal e a liberação do seu ensino em academias, com autorização, desde que tivesse uma supervisão de um Mestre de capoeira. Temos no ano de 1953 a emblemática apresentação em São Paulo do Mestre Bimba e seus alunos, ocasião na qual apresentaram a capoeira para o presidente Getúlio Vargas, que declarou a capoeira o único esporte legitimamente nacional. Passa de uma prática criminalizada pela lei e se torna um esporte nacional e símbolo cultural da brasilidade do Brasil.

Observa-se que a territorialização da capoeira no Rio de Janeiro teve origem com o surgimento das maltas da capoeira em seu território urbano, porém com o advento do Art. 402 “Dos vadios e capoeiras” sua presença se torna fraca, assim, como ocorre em Pernambuco, na cidade de Recife, onde o Código Penal foi aplicado severamente pela polícia. A repressão atingiu graus intensos, quase levando ao fim da capoeira naquele território. A capoeira se manteve forte somente na Bahia, onde sempre possuiu maior número de população negra detentora de raízes culturais afro-brasileiras e Mestres de capoeira, possibilitando, nas décadas seguintes, o surgimento de uma intensa movimentação de praticantes de capoeira. Isso mudou o eixo do território com a maior expressão nacional da capoeira do Rio de Janeiro para a Bahia.

Foi na Bahia, então, que a capoeira conquistou vários adeptos e praticantes, sendo esse Estado considerado o berço da capoeira, devido a muitos dos primeiros grandes Mestres da capoeira (detentores do saber) terem nascido e aprendido capoeira em sua infância nesta região. Com a difusão do ensino da capoeira em territorialidade baiana, aumentou-se o número de praticantes, o que resultou, a partir da década de 1970, no grande movimento de migração de capoeiristas baianos para diversos Estados brasileiros, em sua grande maioria na direção de São Paulo e Rio de Janeiro, buscando melhores condições de vida. Devido a esse fenômeno, começaram a surgir vários grupos de capoeira no Brasil, resultando em uma nova organização espacial da capoeira, também explicando a grande variedade de grupos existente no Brasil atualmente e sua ligação com a capoeira ensinada pelos velhos Mestres da região baiana. Ganham destaque as cidades de Salvador e Santo Amaro, na Bahia, porque a grande maioria dos

detentores do saber cultural da capoeira tem sua origem provinda dessas localidades.

Decorrente ao surgimento da academia de capoeira, está a centralização da capoeira no território baiano, possibilitando o aprendizado e o surgimento de vários discípulos vindos das áreas circunvizinhas e de outras regiões, tanto para estudar na renomada Universidade Federal da Bahia⁴ ou somente para apreender a capoeira, como também se especializar mais com os Mestres que neste espaço ainda habitavam com saber cultural, que a priori migraram dessa região para outras, resultando daí o surgimento de vários grupos organizados sob princípios filosóficos e técnicos não homogêneos, mas todos voltados para o ensino da Capoeira Angola e Regional.

Assim, a forma como a capoeira se encontra organizada no Brasil atualmente é resultado de uma distribuição de grupos, que ditou uma nova ocupação do território nacional com a presença da prática difundida pelo país. Conseguiram manter presença em seus principais centros urbanos e alcançar áreas menos valorizada de comunidades de classe baixa com um caráter desportivo e também social.

Foi também com a variedade de grupos de capoeira pelo território, esses sendo independentes, que surgiram após os anos de 1960 as Confederações, com o objetivo de estabelecer uma organização coletiva comum. Em 23 de outubro, de 1992, houve a fundação da Confederação Brasileira de Capoeira, que, a partir daí, incrementou a prática pelo viés desportivo em todo o Brasil. A capoeira passou a ter uma territorialização jamais vista durante a metade do século XX, que foi impulsionada pelo período técnico-científico-informacional e por toda infraestrutura que o território obteve no final do século, permitindo a capoeira alcançar outros países na América e em outros continentes.

A Capoeira no Período Técnico-Científico-Informacional

O período técnico-científico-informacional é marcado com o início da revolução tecnológica nas ciências, avanço das técnicas e principalmente na informação, pois os lugares passaram a ser conectados em uma rede global, na qual os avanços na rapidez do envio e recebimento da informação revelavam a “Era” da Globalização (SANTOS; SILVEIRA, 2006). Assim, as regiões não estavam mais isoladas internamente, pois se começavam a se intensificar as relações com outras regiões. No território, a infraestrutura dos modais rodoviários predominava no Brasil, usada nos transportes de cargas e no deslocamento da população para outras localidades do país. Tornam-se fáceis a emigração e o deslocamento dos indivíduos pelo território brasileiro. Com os avanços na estrutura de comunicação, resulta uma rede aérea mais eficiente e conectada com o exterior, capaz de cumprir horários exatos. Também é marcado pela mundialização do capital e pelo surgimento do mercado financeiro, a bolsa de valores e o dólar sendo a moeda de transação mundial.

Foi estabelecida a divisão internacional do trabalho, passando as indústrias a buscar regiões onde obtivessem mais exceção de impostos e menos taxas fiscais pelo Estado. Isso causou uma descentralização do centro industrial regional,

⁴ Muitos alunos do Mestre Bimba eram discentes universitários vindos de outras localidades do Nordeste para estudar na Universidade Federal da Bahia – UFBA.

começando a se reterritorializar em diferentes localidades do território nacional, protagonizando a “Guerra dos Lugares”. O Sudeste sempre manteve um centro industrial concentrado, mas com a flexibilidade causada pelo meio técnico-científico-informacional muitas indústrias acabaram se deslocando para outros territórios com melhor vantagens na obtenção da mais valia. A nascente Agroindústria do Centro-Oeste ganhou força, podendo cultivar em qualquer solo, driblando as dificuldades das terras inférteis e encurtando o distanciamento do acesso a reservatórios hídricos para seus cultivos. Isso só ocorreu porque, conforme Santos (1994), a capacidade do homem não é mais simples prolongamentos do seu corpo, isto é, ele representa prolongamento do território, verdadeiras próteses, como podemos observar nos sofisticados aparatos da agricultura irrigada e do Agronegócio. Logo, com o aprimoramento da técnica e da ciência foi possibilitada uma rede de irrigação com dutos conectados e controladas por computadores, ou seja, por meio automático, sem a necessidade do uso de técnicas arcaicas limitadas ao prolongamento do corpo humano ou mesmo a uma grande demanda de força de trabalho.

Dentre essas novas possibilidades técnicas, está o advento da telecomunicação, que possibilitou o surgimento de uma rede conectada por todo o território, permitiu o mais rápido acesso à informação de uma variedade de dados. Foram criadas empresas que são gerenciadas de outras regiões em tempo real e até de outros países, possuindo filiais espalhadas no mundo inteiro, mas controladas unicamente de um lugar, onde mantém seus escritórios centrais. A virada do século XX acarretaria a especialização no uso e na criação de “Softwares”, “Web Site” e o surgimento da rede global de “internet”, que se tornou o principal meio de comunicação de massa na contemporaneidade.

Antes da chegada do novo milênio, empresas financeiras junto da indústria tecnológica voltaram esforços em obter melhores equipamento que funcionassem, sem a limitação binária. Foram gastos milhões de dólares. Porém, decorrente a este fato, surgem sistemas computacionais e máquinas mais potentes com maior capacidade de armazenamento, contribuindo para estabelecer novos paradigmas e formas de uso pela sociedade, que se tornava simpaticamente da rede, além de intensificar a divisão internacional do trabalho. Para Milton Santos (1994),

Quanto mais forte, numa área, é a divisão do trabalho, tanto mais há tendência para esses sistemas técnicos hegemônicos se instalarem. Nesses lugares, é mais eficaz a ação dos motores da economia mundializada, que incluem as instituições supranacionais, as empresas e bancos multinacionais. (SANTOS, 1994, p.117).

Nesse contexto, não podemos negar que as ações contraditórias do capitalismo e do avanço tecnológico sempre estiveram em domínio da hegemonia, privatizando e tirando o acesso com sua busca do lucro extraordinário perante uma ampliação dos meios de produção do capital no território. Porém, surgem os chamados movimentos de massa, grande quantidade de indivíduos indignados com a realidade em que vivem protestam nas ruas em busca de direitos e melhorias. Fazendo uso dos meios amplos de comunicação da rede de “internet”, conseguem movimentar boa parte da população. Com o mesmo caráter de ressurgência, outros grupos menores de indivíduos mostram resistência, produzindo sua música, arte e o próprio meio de expressão, fazendo uso do que

têm disponível das técnicas e tecnologias, como muitas músicas criadas em pequenas comunidades, de gêneros que vão do *rapper* ao ritmo de *funk*. Essas produções musicais, áudio visuais e até filmes documentários ganham as plataformas digitais, levando uma crítica social às demais classes do território, sendo uma nova forma de manifestação cultural e de voz de resistência de uma grande maioria excluída.

Nesse sentido, os grupos de capoeiras que estavam limitados somente à atuação em pequena escala territorial, através de organização internas de suas associações, migraram para outros Estados, criando afiliações, a partir da migração de seus profissionais – academias em novos territórios possuidoras da mesma denominação de grupo e Mestre. Mantém uma forte conexão com o grupo principal, promovendo eventos, que vão de eventos locais a mundiais, campeonatos regionais, nacionais e internacionais; *workshops*, oficinas e confraternizações, e principalmente o Batizado de Capoeira, que é a iniciação de alunos novos na capoeira e a troca de graduação dos mais avançados. Já no século XX, tivemos a emigração de capoeiristas para o exterior, estabelecendo-se em outros países, abrindo uma academia de capoeira filiada à do grupo principal. Isso foi se intensificando ao longo das décadas, resultando na presença da capoeira em mais de 150 países, atualmente. Usufruindo das disponibilidades e acesso, pelo advento das tecnologias de informação, os grupos divulgam a capoeira em várias plataformas digitais e redes sociais. Assim, conseguem alcançar um público muito maior, mantendo forte comunicação, que permite aprimorar a organização interna para eventos e manifestações coletivas com grande número de praticantes.

O período técnico-científico-informacional estabeleceu nova lógica juntamente com advento da Globalização sobre o espaço global, no qual as relações econômicas, políticas e estruturais são determinantes no território. Assim, como os grupos de indivíduos de movimentos de resistência se utilizaram dos mesmos meios técnicos hegemônicos para mostrarem suas ideias através de plataformas digitais, os praticantes de capoeira também usaram e usam de estratégias semelhantes para se organizar em novos territórios, mantendo-se conectados.

Porém, quando analisamos a difusão global da capoeira, é notável o receio dos velhos Mestres detentores do saber na possível perda dos fundamentos da capoeira com essa diversidade espacial de praticantes em outros territórios do exterior, adaptando-se a uma nova cultura e lugar que venha impor modificação aos fundamentos, princípios e respeito que sempre lutaram para preservar. Vale salientar, conforme Santos (2001), quando analisado pelo viés estrutural e econômico, temos a parte perversa dessa globalização fabulosa, que é uma segregação das massas de indivíduos com cada vez menos acesso a coisas básicas de sobrevivência, tais como alimentação, moradia, saúde e até mesmo a própria dignidade.

O Grupo de Capoeira Liberdade na região do Médio Sertão de Alagoas

De início, nos tópicos anteriores, discutimos a reorganização ocorrida no decorrer da história na organização espacial da capoeira no território e como a chegada do período técnico-científico-informacional junto com a globalização influenciou novas possibilidades. Mas, ainda podemos ir mais além ao desvendar particularidade de determinado grupo de praticantes de capoeira em sua

espacialidade no território em determinada região, quando em nossa reflexão destacarmos uma análise mais voltada para uma microrregião, tendo em vista como se aplica a modificação espacial propagada pelo atual período.

Assim, a Associação Cultural de Capoeira Liberdade ou Grupo de Capoeira Liberdade foi legalizada e fundada em 1985, oficialmente, tendo como Presidente Gary José da Conceição e vice-presidente Marly Barbosa Vieira, titulares Mestre Gary e Mestra Marly Malvadeza. A associação é filiada à Federação de Capoeira Desportiva do Estado do Rio de Janeiro, que mantém fortes ligações de herança com a Associação Cultural Bonfim, fundada pelo Mestre Mário Busca-pé, no Rio de Janeiro. A Associação de Capoeira Liberdade possui uma predominância de suas academias na região Nordeste do território brasileiro, podendo ser identificadas no Estados do Ceará, Alagoas e na Bahia, como podemos ver na imagem abaixo, nos quais mantem a sua administração, e onde residem os Mestres presidentes do grupo.

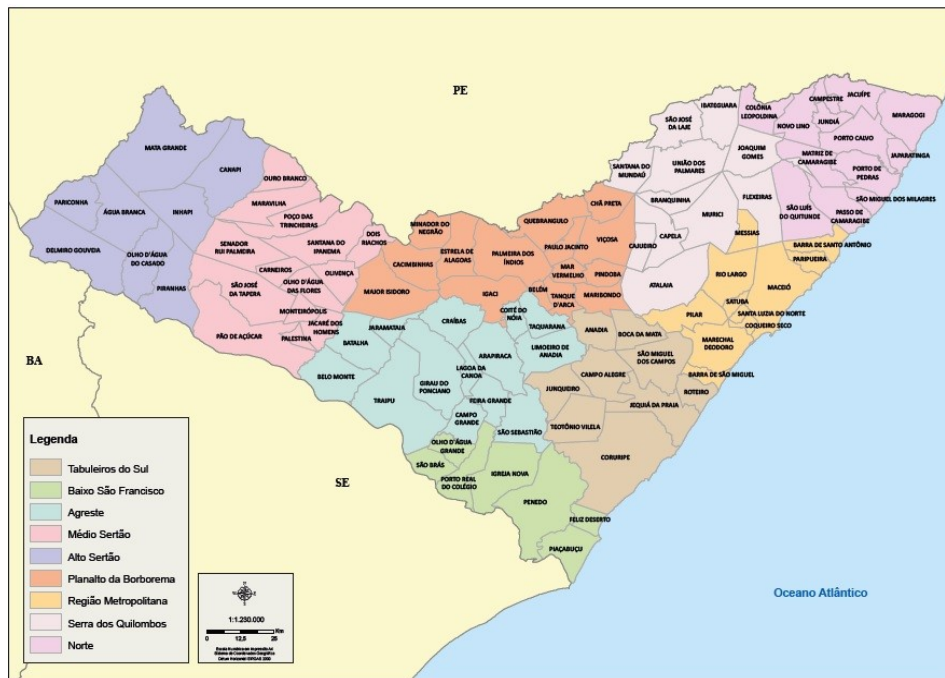
Figura 2: Territórios de predominância do Grupo de Capoeira Liberdade



Fonte: Associação Cultural de Capoeira Liberdade, Site, 2019.

Em Alagoas, está na microrregião do Médio Sertão, que fica localizada no íntimo da Caatinga, indo até o Velho Chico (Rio São Francisco), tendo como centro urbano provedor de serviços a demais municípios a cidade de Santana do Ipanema. Essa microrregião é composta por 14 municípios, como podemos ver no mapa na sequência, que são: Carneiros, Dois Riachos, Jacaré dos Homens, Maravilha, Monteirópolis, Olho D'água das Flores, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Pão de Açúcar, Poço das Trincheiras, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira e Santana do Ipanema. Tendo uma base econômica na agricultura familiar e agropecuária, possui uma população estimada em 214.987 habitantes, sendo 48,05% residentes nas áreas urbanas da região.

Figura 03: Mapa das microrregiões de Alagoas



Fonte: Modelo de Regionalização para o Planejamento Estadual de Alagoas, 2014.

As academias do Grupo de Capoeira Liberdade estão presentes nas cidades de Santana do Ipanema, Olho D’água das Flores, São José da Tapera, Poço das Trincheiras, Maravilha, Olivença, Monteirópolis e Jacaré do Homens, ocupando mais de 50% de todo o território do Médio Sertão de Alagoas. Nesses municípios, são responsáveis pelo ensino da capoeira, abrangendo tanto a zona urbana como também as áreas rurais, em alguns povoados. O grupo possui uma programação de organização interna, na qual a cada três meses ocorre uma movimentação dos praticantes de capoeira para manifestação cultural em determinada cidade possuidora da academia afilada ao grupo, tendo como objetivo reunir em um lugar só todos os integrantes do grupo da microrregião do Médio Sertão.

Isto é, buscam integralização dos seus praticantes, mobilizando seus componentes para um encontro coletivo em local determinado. O objetivo é mostrar aos habitantes dos municípios o ensino da academia de capoeira, apresentando toda a arte, musicalidade, expressão de sua cultura, além de manter vivo o espírito de resistência perante sua prática. Para este dia, é divulgado em suas plataformas digitais as gravações audiovisuais junto das fotografias do ocorrido, como podemos ver na sequência, que também estarão disponíveis nas redes sociais e páginas de notícias. Os líderes das academias do Grupo de Capoeira Liberdade denominam esse encontro trimestral de “Circuito de Capoeira”.

O circuito de capoeira reúne centenas de praticantes, crianças, adolescentes e adultos. Nesse momento, ocorre a concentração na entrada da respectiva cidade para realizarem caminhada, passando pela avenida principal até chegar na praça central. Em seu trajeto, são apresentados toques e musicalidades da cultura. A parada é na praça central porque é o ponto mais movimentado e de visibilidade pública para realização da manifestação. Neste ponto, realiza-se o aquecimento, o alongamento e uma breve aula demonstrativa, para depois ser formada a roda de

capoeira para jogo, tendo como encerramento o samba de roda tradicional da Bahia.

Figura 4: Circuito do Grupo de Capoeira Liberdade em Olho D'água das Flores - Alagoas



Fonte: O autor, 2019.

Essa aglomeração de vários capoeirista em um local único só é possível por causa do advento do meio técnico-científico-informacional, que possibilita o uso pelos grupos de resistências das redes de comunicação e toda uma infraestrutura capaz de permitir o deslocamento pelo território. O modal rodoviário predominante no Brasil permite o deslocamento pelas rodovias até outras territorialidades circunvizinhas. Todavia, contribui para o escoamento de mercadoria, mas permite em contrapartida um maior fluxo da população. É através do modal rodoviário que o grupo de capoeira se interliga entre si no Médio Sertão de Alagoas e seus municípios. E com o uso das plataformas digitais, como o próprio “Facebook”, são criadas páginas de comunicação nas quais são compartilhadas as informações do evento e as datas de seus acontecimentos no ano, mantendo os integrantes seguidores informados. Atualmente temos o uso da comunicação via o aplicativo celular, com o *WhatsApp*, que tem maior eficiência por possibilitar uma maior interação dos usuários com envio de fotos, áudio, vídeos, *links* e até documentos digitalizados.

Assim, os integrantes do Grupo de Capoeira Liberdade estão usando estes meios de comunicação a cada dia mais na contemporaneidade para se organizarem entre si, em busca de poder conectar seus praticantes, obtendo mais força de manifestação, êxito e continuidade de toda a cultura em seu território.

Considerações Finais

Os meios de telecomunicação que evoluíram na virada do milênio para o atual século XXI vieram possibilitar maior organização entre os praticantes de capoeira e suas respectivas academias espalhadas no Brasil e no mundo. Esses aparatos técnicos, que não se limitam somente à hegemonia, quando nas mãos de indivíduos desfavorecidos socialmente vieram contribuir com a organização interna de sua prática em grupo. São pessoas que se apropriaram dos meios de informação, fortalecendo-se entre si, deslocando-se pelo território, para qualquer ponto desejado, para manifestar a prática da capoeira, comunicando-se através das redes sociais, páginas na *Web* e com as mesmas ferramentas tecnológicas que estabelecem pensamentos globais no espaço resistem, promovendo em seu território ideais contra às contradições sociais, culturais e até preconceito étnico.

Logo, temos como resultado dessa análise reflexiva a difusão do meio técnico-científico-informacional em escala ampla global, e inegavelmente sua influência em uma dada escala local, na qual os lugares que não possuíam acesso a maiores meios técnicos informacional no século XX atualmente se apropriam de tais meios de comunicação e promovem uma organização espacial não hegemônica, capaz de manifestar uma ideia coletiva. Assim, possibilita a maior propagação da cultura em geral, não só da capoeira. Embora existam suas contradições quando não bem analisada criticamente, serve para difundir a fábula do desenvolvimento, como salientava Milton Santos (2001), que sempre acreditou em outro tipo de globalização, uma que não seja tão perversa. Talvez, com essas ressurgências das grandes massas e pequenos grupos de resistências, podemos ainda continuar a acreditar numa possível globalização para todos.

57

Referências

ACCL. Associação Cultural de Capoeira Liberdade <http://www.capoeiraliberdade.net.br/>. Acessado no dia 14/08/2019.

ALAGOAS. Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico. **Modelo de Regionalização para o Planejamento Estadual de Alagoas**. Seplande. – Maceió: Seplande, 2014.66p.

CAPOEIRA, Nestor. **O Pequeno Manual do Jogador de capoeira**. São Paulo, Ground, 1981.

MENEZES, G. A. J. Ferreira. **A INDÚSTRIA CULTURAL DA CAPOEIRA ANGOLA NA CIDADE DE SÃO LUÍS, MARANHÃO**. Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 0102-3853 São Luís – MA. Revista Cambiassu. Ano XVIII, Nº 4 – janeiro, 2008.

PAIVA, Ilnete Porpino. **A CAPOEIRA E OS MESTRES**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/RN, 2007. 166 f.

REIS, Letícia V. S. **Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição**. São Paulo: USP. Dissertação de mestrado, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. - 4. Ed. 2. Reimpr - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único á consciência universal. -6ª ed. -Rio de Janeiro: Record. 2001.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Record. 2006.

IBGE, Diretoria de Geociências: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/divisao-politica.html>. Acessado as 8:00 horas do dia 13/08/2019.

Submetido em 14-03-2020

Aceito para publicação em 28-04-2020



RELATO: AS EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA E A SUA IMPORTÂNCIA NO EXERCÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE

**REPORT: EXPERIENCES IN THE LICENSING STAGE IN GEOGRAPHY AND ITS
IMPORTANCE IN THE EXERCISE OF TEACHING PRACTICE**

Magda Campos Lima

Graduanda do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.

magdajulia@hotmail.com

Resumo: É através do Estágio Supervisionado que estudantes se aproximam da prática pedagógica cotidiana, dos métodos que devem ser trabalhados, dos conteúdos abordados em cada série ou ano e da forma avaliativa que se adéqua com a sala de aula. Assim, o objetivo deste trabalho é fazer uma análise da importância do Estágio para o graduando de licenciatura em Geografia, verificar a transição de uma turma do Ensino Fundamental II para o Ensino Médio e refletir sobre as práticas metodológicas no ensino de Geografia, através de um relato. Desta maneira, temos como aporte teórico Couto e Antunes (1999), Castellar (1999), Callai (1999), Libâneo (2013) e Pimenta e Lima (2005). Desse modo, compreendemos que a aproximação com a realidade que o Estágio proporciona é importante para relacionar os saberes pedagógicos e os conceitos geográficos com a prática docente nos seus diversos aspectos. Concluimos que as práticas metodológicas usadas durante o Estágio proporcionaram de modo significativo aos alunos a aprendizagem dos conteúdos geográficos propostos durante as aulas.

Palavras-chave: Estágio em Geografia; Ensino; Prática docente.

Abstract: It is through the internship that students deal with everyday pedagogical practice, the methods that must be worked on, the contents covered in each series or year, the evaluative form that fits with the classroom. Thus, the objective of this paper is to make an analysis of the importance of the internship for the graduate student in Geography, to check the transition of a class from elementary school to high school and reflect on methodological practices in teaching of Geography. In this way, having as theoretical contribution the authors Couto and Antunes (1999), Sacristán (1991) apud Castellar (1999), Santos (1994) apud Callai (1999), Libâneo (2013), Pimenta and Lima (2005). Hence, we understand that the approximation to the reality that the internship provides is important to assimilate the pedagogical knowledge and the geographical concepts with the teaching practice in its diverse aspects. We conclude that the methodological practices used during the internship provided significantly to students with the learning of the geographical content proposed during classes.

Keywords: Teaching; Teacher; Internship.

Introdução: estágio supervisionado e formação de professores

O Estágio Supervisionado é de grande importância para o graduando, configurando-se, pois, como um período que proporciona a oportunidade de ter as primeiras experiências da profissão docente. Nele, a teoria que é estudada durante a graduação contribui para o desenvolvimento de atividades que podem se relevantes para a realidade do aluno. Conforme Couto e Antunes (1999),

Também se coloca a questão da relação entre a teoria e a prática, isto é, do confronto permanente entre a realidade e a consciência, entre o mundo e a percepção do mundo, entre o agir e o pensar, entre a ação e a reflexão, enfim, do movimento da práxis humana (COUTO; ANTUNES, 1999, p. 38).

Assim, é no Estágio que o futuro professor tem a oportunidade de observar a realidade de uma escola, verificar em que ambiente os alunos estão estudando, adentrar nas dinâmicas da turma, perceber os conteúdos e metodologias que estão sendo abordadas, familiarizando-se com os alunos.

Desse modo, o estagiário tem a responsabilidade de assumir uma turma, planejar como irá preparar as aulas com conteúdo em conformidade com o cronograma da escola e com as necessidades daquele grupo. Nesse aspecto, a regência torna-se uma tarefa laboral e intensa, que impactará tanto o estagiário quanto os alunos, os professores, os funcionários, a equipe gestora e a comunidade.

Compreendemos, então, que no estágio supervisionado os desafios são diversos e constantes, pois implicam fatores como relações interpessoais, estruturais e materiais. Se as condições do ambiente escolar e os materiais disponíveis favorecem a realização da aula, de acordo com o que estava sendo planejado, também favorece a oportunidade de usar diferentes métodos com uma didática que possibilite aos alunos obterem uma melhor aprendizagem. Portanto, esse é o momento de transposição didática, isto é, o momento da adequação de teorias da Geografia com as necessidades da turma do Estágio, já que, para Couto e Antunes (1999),

A realidade sobre a qual devem se mobilizar os cursos de licenciatura deverá incluir, entre outros elementos, os problemas das escolas públicas do ensino fundamental e médio. Ou seja, a relação ensino e pesquisa, nos cursos de licenciatura, devem privilegiar a relação teoria e prática, no âmbito de uma relação entre a teoria e o método que permitam uma melhor compreensão da realidade. O que inclui, no caso da formação dos professores, no estudo dos problemas enfrentados em sua prática cotidiana de trabalho: os textos didáticos, as metodologias, a seleção dos conteúdos, a avaliação, as condições de trabalho (COUTO; ANTUNES, 1999, p. 38).

Nesse sentido, para entender como funciona a prática docente é necessário o Estágio, fase em que o aluno de graduação passa a adquirir a prática cotidiana, os métodos que devem ser trabalhados, os conteúdos abordados em cada série ou ano e a forma avaliativa que se adéqua com a sala, de modo a verificar com o aluno o conhecimento obtido com os textos abordados em sala de aula.

Nessa perspectiva de entendimento, o estagiário também pode refletir

acerca da aplicabilidade das teorias e dos métodos em relação à prática, e nesse processo contribuir com a aprendizagem do educando, ao mesmo tempo em que aprende, entendendo, com Charlot (2005), que

Ensinar não é tarefa serena [...] Mas esses universais nos permite compreender melhor por que, no mundo inteiro e em todas as épocas, os professores vivem como profundamente legítimos e, ao mesmo tempo, sempre ameaçados. São profundamente legítimos, pois são transmissores de humanidade, portadores do essencial. Sentem-se, porém, ameaçados, mal considerados, injustamente suspeitos, culpabilizados, pois são, por sua própria situação, tomados em conjunto de imposições contraditórias e de tensões que os fragilizam (CHARLOT, 2005, p. 78).

Logo, diante desse cenário, é preciso contextualizar a teoria com a realidade, a fim de superar os desafios, pois como futuros professores, somos portadores do essencial, que é levar o conhecimento, fazendo compreender o mundo ao redor e que a escola é um espaço social comum, é um processo interativo, devido aos diversos entendimentos, no qual há sempre aqueles alunos com diferentes comportamentos e que, nas mais variadas situações, desafiam aquele que está diante deles a ter pulso firme e ao mesmo tempo tranquilidade. Desse modo, a sala de aula necessita ser vista como um ambiente de realizações, prazeroso e criativo, pois assim irá proporcionar um crescimento mútuo.

Assim, há um “confronto permanente entre a realidade e a consciência, entre o mundo e a percepção do mundo, entre o agir e o pensar, entre a ação e a reflexão, enfim, do movimento da práxis humana” (COUTO; ANTUNES, 1999, p. 38), aspecto que requer que o estagiário, ao preparar a aula, use um tipo de método para os diversos conteúdos – a didática que será usada para abordar os conteúdos. Tem também, por objetivo, proporcionar aos alunos atividades que favoreçam o trabalho colaborativo, contextualizado, reflexivo, dinâmico, criativo, e o desenvolvimento de suas potencialidades, para um aprendizado mais eficiente.

Diante dessas questões referentes ao estagiário e à sala de aula, o presente trabalho, que é resultante da disciplina de “Estágio Supervisionado” do curso de licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, tem o objetivo de analisar a importância do estágio para o graduando de licenciatura em Geografia como parte de um processo formativo, como também verificar a transição de uma turma do ensino fundamental II para o ensino médio e refletir sobre as práticas metodológicas no ensino de Geografia.

Caminho percorrido – reflexões sobre o ensino de Geografia

Para enriquecer esse trabalho, que é de cunho descritivo, foi realizado um levantamento bibliográfico que proporcionasse o entendimento da importância do estágio para o aluno de licenciatura em Geografia. Nesse aporte teórico, foram usados textos de Couto; Antunes (1999), Sacristán (1991 *apud* CASTELLAR, 1999), Santos (1994 *apud* CALLAI, 1999), Libâneo (2013) e Pimenta e Lima (2005).

O estágio supervisionado foi realizado em uma escola de ensino fundamental e em outra de ensino médio, na cidade de Mata Grande, Alagoas. Tanto na observação quanto na regência, foram registradas as percepções, as

atividades e os materiais fotográficos das experiências, que geraram um relatório final como método avaliativo da disciplina. Assim, o relatório foi utilizado como fonte de informações para desenvolvimento deste estudo.

Resultados e discussões – o encontro com a sala de aula de Geografia

O estágio supervisionado foi realizado em duas escolas: uma do ensino fundamental II, Escola Municipal de Educação Básica Monsenhor Aloysio Vianna Martins, no ano de 2017, e em uma outra do ensino médio, Escola Estadual Gentil de Albuquerque Malta, em 2018. Essas escolas estão localizadas no semiárido alagoano, no município de Mata Grande, que possui uma área territorial de aproximadamente 916 km², que representa 3,3% do Estado, e está inserido numa microrregião serrana, pertencente à mesorregião do sertão de Alagoas. O clima é tropical semiárido, com chuvas de verão. Seu período chuvoso se inicia em novembro, com término em abril. Sua precipitação média anual é de 431,8 mm. A vegetação natural é a caatinga hiperxerófila e apresenta em alguns pontos dessa área trechos de floresta caducifólia, conforme expõe Parahyba (2007).

Os alunos que estudam nas referidas escolas possuem um perfil de classe social baixa, de acordo com a equipe gestora das instituições, sendo parte dos alunos residente na zona periférica da cidade e na zona rural. As fontes desses dados foram também o projeto político pedagógico da escola e o cadastro escolar.

Para além de acessar esses dados, o estágio supervisionado possibilitou acompanhar a transição de uma turma do ensino fundamental II para o ensino médio. A turma do ensino fundamental II, que em 2017 estudava na escola de educação básica do município, possuía o conhecimento daquela cultura escolar, ou seja, tinha noção apenas dos conhecimentos, costumes, hábitos e aptidões adquiridos na escola do ensino fundamental. Porém, no ano seguinte, ao adentrar no ensino médio, passou a conviver com uma nova cultura organizacional e pedagógica. Essa transição no primeiro momento gerou um certo impacto para os alunos, devido à mudança de currículo e de ambiente escolar. Conforme ia passando o semestre, os alunos foram se adaptando à dinâmica da atual escola.

No estágio, as aulas foram desenvolvidas com o objetivo de proporcionar ao aluno a compreensão, a verificação e a análise do conteúdo, por meio da leitura do texto no livro didático. Entretanto, a ludicidade foi também um instrumento que contribuiu na aprendizagem e no conhecimento dos alunos, pois propiciou que fosse despertada a criatividade dos alunos, participando, assim, do desenvolvimento do seu potencial cognitivo, motor e social.

A explicação do assunto proporcionou ao aluno o entendimento e as condições de responder com êxito a atividade, usando o conteúdo proposto para a aula, inserindo-se na práxis docente, que se refere à competência, não apenas a competência técnica, mas competência composta por habilidades, conhecimentos e experiência, tampouco por escolhas pessoais, no sentido de que, conforme Sacristán, (1991, p. 74 *apud* CASTELLAR, 1999, p. 52), “O professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes”.

Logo, na profissão docente e no estágio supervisionado, portanto, o trabalho a ser desenvolvido é o de instigar, problematizar e proporcionar a reflexão dos

alunos. Com isso, a ação pedagógica deve se basear em conhecimentos e experiências adquiridos na formação inicial e para além dela, visando, desta maneira, proporcionar condições favoráveis à formação humanista, cultural, intelectual e cidadã dos alunos, a fim de que estes apreendam os conceitos geográficos e produzam conhecimento. E na Geografia escolar, qual é o processo de aprendizagem no ensino médio? De acordo com Santos (1994, p.121 *apud* CALLAI, 1999),

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 1994, p.121 *apud* CALLAI, 1999, p. 78).

Nesse aspecto, o crescente desafio de ser professor faz vivenciar as diversas realidades, que se pautam em uma época onde a tecnologia digital está presente na sala de aula. Assim, o professor pode usar essa ferramenta (internet, aplicativos, jogos digitais, entre outros) como estratégias que auxiliem na aplicação do conteúdo durante as aulas. Isso possivelmente atrai o olhar e o interesse do aluno para o conteúdo, solidificando suas raízes na aula. Essas novas ferramentas utilizadas pedagogicamente, de forma que estimulem e ampliem qualitativamente a aprendizagem do aluno, resultará certamente na compreensão de seu papel de discente diante da sociedade, que espera dele uma atitude humanística e cidadã.

Ao observar à práxis docente do professor de Geografia, tanto do ensino fundamental II quanto do ensino médio, verificou-se que os princípios da Geografia são apresentados por meio apenas do livro didático e que algumas representações como mapas e globo podem ser usadas para complementar à explanação sobre a região, regionalização mundial e brasileira, sobre o território brasileiro.

Observou-se também que as leituras complementares referentes às terras indígenas foram descritas no livro didático de forma qualitativa. Os tópicos e os capítulos aparentemente estão coerentes, pois relacionam a superfície terrestre regionalizada de acordo com diferentes critérios: tipos de clima, formas de relevo, desenvolvimento econômico, divisão político-administrativa etc. O conteúdo do livro didático é organizado de acordo com o ano/série em que o aluno vai estudar, para que possa compreender o assunto abordado em diálogo com o assunto visto no ano anterior.

Verificou-se também que os textos, mapas e iconografias presentes no livro didático são exemplos representativos dos diferentes critérios usados na regionalização do espaço e que as imagens são condizentes com a realidade. Verificou-se ainda que as atividades incentivam o aluno a pensar na sua região, no território no qual está inserido e como ocorreram os processos de destruição da natureza, isto é, os diversos contrastes e sobre as desigualdades brasileiras.

Pode-se também considerar que a linguagem usada no livro é compreensível e corresponde ao nível cognitivo do aluno e que os conteúdos são elaborados com interesse de transformar a aprendizagem em uma atividade que auxilie na vida estudantil e que proporcione às condições necessárias à

continuidade dos estudos. Mas, de modo geral, os conteúdos vistos em sala de aula são abordados sem muita criticidade.

Assim, verifica-se que, atualmente, as abordagens da Geografia “têm buscado práticas pedagógicas que permitam apresentar aos alunos os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da escolaridade, de modo que os alunos possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito” (MEDEIROS, 2008, p. 112). Nessa direção, o ensino de Geografia passa por mudanças, pautando-se em um novo parâmetro, visando construir uma nova concepção de como abordar os conteúdos. Logo, para que consigam compreender o que está sendo proposto, tanto o professor como o aluno têm que se adequem cada vez mais a essas mudanças. Porém, conforme já aponte, a escola ainda não conseguiu inserir todas as propostas tecnológicas. Entretanto, seja qual for a escolha, não se deve perder de vista o essencial, a aprendizagem.

Durante o período de estágio o processo de ensino foi desenvolvido através das atividades, para que o aluno conseguisse compreender o conteúdo, construindo e compartilhando conhecimento, e para que também pudesse desenvolver habilidades que aprimorem as capacidades cognitivas de pensar, observar e analisar o conteúdo geográfico, no sentido de entender, de acordo com Libâneo (2013),

O processo de ensino como uma consequência de atividades do professor e dos alunos, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, por meio dos quais os alunos aprimoram capacidades cognitivas (pensamento independente, observação, análise-síntese e outras) (LIBÂNEO, 2013, p.56).

65

Nesse caminho, na disciplina de Geografia, os alunos do ensino fundamental II e ensino médio estudaram as categorias geográficas de paisagem, lugar, território, espaço e região, podendo relacioná-las com os problemas vividos pela sociedade. Esses conteúdos se tornam relevantes por propiciar ao aluno interligar os conceitos científicos com as suas realidades e, assim, melhor desenvolver sua aprendizagem, tal como proposta por Callai (1986 *apud* CALLAI, 2011), para quem

O lugar é o território apropriado, que demonstra em si através de rugosidades, a história das vidas que ali foram e estão sendo vividas. Dessa forma, sendo resultado, também gera necessidades, exige definições, impõe limites e apresenta possibilidades. Nesse sentido, o espaço adquire/incorpora um poder, que é político e que pode dar os contornos para a ação humana, podendo-se inclusive falar de poder do espaço (CALLAI, 1986 *apud* CALLAI, 2011, p.137).

Desta forma, o ensino de Geografia não fica restrito apenas às ilustrações do livro didático, pois se pauta em um conteúdo que dialoga com a realidade do aluno, tornando significativo o conteúdo estudado através da educação geográfica. Logo, trazer a contextualização do conteúdo é essencial para uma aprendizagem baseada no científico e no pessoal.

Por isso, Souza (2011, p. 56) evidencia que a construção de um pensamento espacial da abordagem contextualizada ocorre a partir da internalização dos

conceitos básicos da Geografia, tais como “paisagem, lugar, território, região, espaço e de temas geográficos de fundamental importância para estruturação desse pensamento”.

Durante o período de observação, em ambas as turmas, foi percebido que alguns alunos não respondem às atividades passadas para casa, deixam para responder junto com a correção, não fazem as leituras dos textos, pois só querem escrever as atividades caso ganhem pontos ou para ficarem conversando durante as aulas. No momento das explicações dos conteúdos, há alunos que não cooperam tendo sempre que estar pedindo para silenciar ou participar. Assim, os desafios de ensinar são inúmeros, sendo a parte teórica apenas uma base para que o professor consiga desenvolver a aula com a turma. Por isso, o estágio supervisionado possibilita o conhecimento da realidade que os professores enfrentam diariamente.

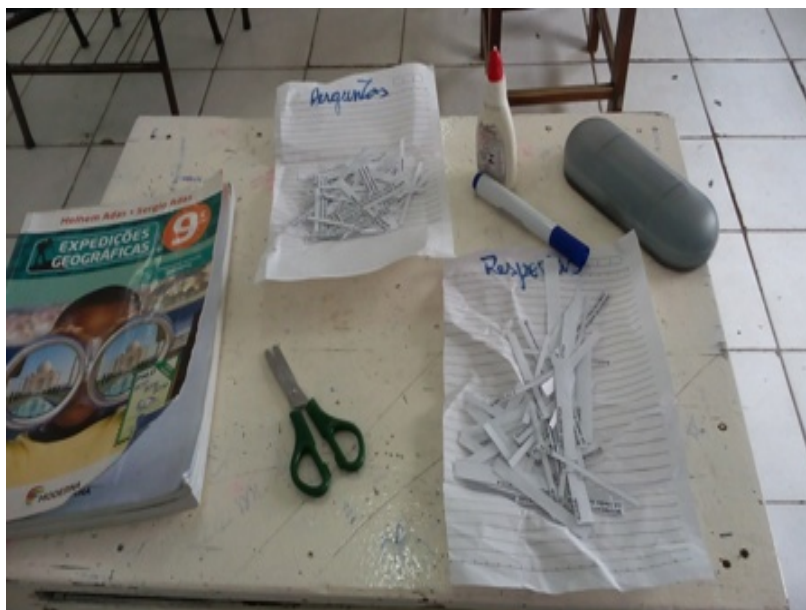
Metodologias no estágio supervisionado – planejamento e práticas

O planejamento das aulas foi programado de acordo com cada conteúdo, sendo necessário o uso de metodologias variadas. Pensando nesta realidade, as metodologias escolhidas para o 9º ano do ensino fundamental II e para a turma do 1º ano do ensino médio pautaram-se em um modo melhor para reger as aulas. Verificamos que parte dos conteúdos do livro didático consegue fazer uma relação com a realidade do aluno, contribuindo com o envolvimento da turma na interação dos conteúdos e das dinâmicas usadas. Assim, o recurso de vídeo foi importante e também proporcionou uma ampliação dos assuntos abordados e atendeu aos propósitos pedagógicos.

Com muita paciência e insistência, as turmas se propuseram a participar das atividades. É certo que, por vezes, o novo assusta. Mas, ao utilizar procedimentos diversificados foi possível desestruturar o comodismo das turmas. Na turma do 9º ano, por exemplo, foi proposta uma atividade em grupo de recorte e colagem, com perguntas e respostas do assunto do livro didático, buscando estimular a participação dos alunos, a apropriação dos conteúdos e compreensão do seu papel na sociedade.

O trabalho em grupo, Figura 1 e Figura 2, por meio de jogos geográficos teve também como objetivo incentivar a coletividade entre os alunos. Ao realizar esse tipo de atividade, os estímulos à criatividade e à psicomotricidade são essenciais, para que os alunos enxergassem suas potencialidades particulares e coletivas.

Figura 1: Atividade de colagem com perguntas e respostas do livro didático



Fonte: A Autora.

Figura 2: Alunos do fundamental II ano escolhendo as perguntas da atividade



Fonte: A Autora.

Outra atividade desenvolvida com a turma do 9º ano foi um jogo geográfico, tendo a finalidade de complementar o processo formativo dos alunos, ao mesmo tempo em que o trabalho em grupo era fortalecido. Foi percebido que os alunos tinham dificuldades de compreender os conteúdos da disciplina de Geografia, não tendo muita percepção da importância da Geografia na sua vivência. Assim, para despertar o interesse na disciplina, tanto no 9º ano do ensino fundamental quanto no 1º ano do ensino médio, os jogos geográficos se mostraram ser uma ferramenta

importante para aprendizagem, pois os conteúdos se tornaram mais dinâmicos, já que levaram os alunos a querer aprender mais, gerando uma troca de conhecimentos entre os aprendizes, que conseguiram ampliar a forma de perceber o mundo, seu espaço vivido e o lugar que ocupa no processo de aprendizagem, com usos de materiais reciclados, na Figura 3:

Figura 3: Uso de materiais reciclados



Fonte: A Autora

Cabe ressaltar ainda que os jogos participam do desenvolvimento intelectual, pois aumenta a percepção, o raciocínio e a concentração e desperta também a percepção psicomotora, a criatividade e a consciência de trabalho em equipe, além de trabalhar a interdisciplinaridade. Ao abordar o tema regionalização, teve-se o intuito de que pudessem compreender as diferenças das regionalizações brasileiras, através da tarefa de desenhar os mapas. Essa atividade permitiu entender cada tipo de regionalização por meio dos processos de construção dos mapas. A avaliação foi feita através da discussão da atividade e dos desenhos dos mapas, a partir dos quais se verificou que as respostas eram satisfatórias. Em relação a este aspecto, é importante considerar que

A metodologia pode ser geral (por exemplo: métodos tradicionais, métodos ativos, método da descoberta, método de solução de problemas etc.) ou específica, seja a que se refere aos procedimentos de ensino e estudo das disciplinas do currículo (alfabetização, geografia, história etc.) (LIBÂNEO, 2013, p. 54).

No ambiente escolar, as práticas pedagógicas possibilitaram a intermediação dos conteúdos com as metodologias usadas na sala de aula, com o objetivo de construir uma aprendizagem que possibilite a elevação de valores éticos e democráticos com o auxílio do corpo docente, abordagem pautada na ideia de que, conforme Castellar (2011),

Nos espaços da escola, as ações didáticas têm o objetivo de promover mudanças na organização do trabalho pedagógico, no sentido de criar condições para que os conteúdos escolares, as metodologias empregadas nas aulas e as relações entre os membros da escola passassem a focar a construção de uma aprendizagem mais significativa, além dos valores éticos e democráticos (CASTELLAR, 2011, p.12).

A avaliação, fundamentada nas ideias de Libâneo (2013), na turma do ensino fundamental II e na turma do ensino médio, foi realizada cotidianamente durante as aulas, por meio da assiduidade nas aulas, da realização das atividades e do trabalho individual e em grupo, processos que propiciam um diagnóstico da aprendizagem. Para Libâneo (2013),

No seu trabalho cotidiano como profissional e como cidadão, o professor precisa permanentemente desenvolver a capacidade de avaliar os fatos, os acontecimentos, os conteúdos da matéria de um modo mais abrangente, mais globalizante. Trata-se de um exercício de pensamento constante para descobrir as relações sociais reais que estão por trás dos fatos, dos textos do livro didático, dos discursos, das formas de exercício do poder (LIBÂNEO, 2013, p. 78).

Assim, através do processo de avaliação foi possível fazer um diagnóstico do nível de entendimento adquirido pelo aluno durante as aulas e verificar se os resultados acompanhados foram satisfatórios, de modo a fazer o aluno avançar para os próximos conteúdos, mas tendo a consciência de que cada discente possui uma diferenciação, que cada um tem suas especificidades e diferentes maneiras de interagir.

Em relação à transição dos alunos do 9º ano do ensino fundamental para o 1º ano no ensino médio, foi possível concluir que dentre os impactos sentidos pelos alunos estão às mudanças de metodologias e que o aprofundamento dos conteúdos se torna mais complexos. Todavia, os trabalhos em grupo criam novos vínculos e “quebram o gelo”, tornando-se a oportunidade para que os novos alunos se encaixem nos grupos e façam novas amizades.

O bom relacionamento entre professor e aluno contribuiu no desenvolvimento de uma educação saudável, prezando pelo respeito na convivência em sala de aula, já que não é somente os alunos que vivenciam essa transição, pois os professores também têm que se acostumar com esses novos alunos, conhecer seus comportamentos e seus níveis de aprendizagem.

Para o professor que já atua em sala de aula é mais fácil iniciar o ano letivo atento aos impactos vividos pelos alunos do 1º ano, podendo, dessa maneira, articular atividades que amenizem essa transição. Pimenta e Gonçalves (1990 *apud* PIMENTA e LIMA, 2005, p. 13), “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará”.

Nesses aspectos, o estágio é uma oportunidade para que o estagiário consiga observar essas vivências, e, presenciando esses impactos, possa aprender na convivência diária com os alunos, tendo que desenvolver imediatamente alguma estratégia que amenize os efeitos da transição de escola, nível e turma.

Conclusão

É importante para o graduando em formação no ensino de Geografia ter o contato com a sala de aula, relacionando a teoria com a prática e visando o entendimento da realidade diária do espaço escolar, e vivenciar as formas de aprendizagem, levando o aluno a ser construtor de conhecimentos, construindo, por meio da realidade dos alunos, as visões de um mundo diferente da didática.

Em sala de aula, os desafios de ensinar são inúmeros, sendo a parte teórica apenas uma base para que o professor consiga desenvolver a aula com a turma. Por isso, o estágio propicia a noção da realidade enfrentada diariamente pelos professores.

Dessa maneira, a experiência no estágio é de grande importância, pois dá aos estagiários a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade e forja uma aproximação com a realidade. Logo, é importante para ter o entendimento de como é o ambiente escolar, suas condições de trabalho do professor e o nível de aprendizagem dos alunos.

Nessa experiência, as práticas metodológicas usadas durante o estágio proporcionaram aos alunos a aprendizagem dos conteúdos geográficos proposto durante as aulas, possibilitando, assim, que o estágio seja visto como uma aproximação com a realidade, contribuindo, portanto, para construir os saberes pedagógicos e os conceitos geográficos, e saberes sobre a prática docente, nos seus diversos afazeres, tais como a atividade, a reflexão, a colaboração e a disponibilidade.

Referências

- CALLAI, H. C. Geografia no Ensino Médio. **Revista Terra Livre**, n.14, p.60-99, 1999.
- CALLAI, H.C. A geografia escolar e os conteúdos da geografia. **Revista Virtual de Geografia- Cultura y Educación**, Bogotá, v. 1, p. 128-139,2011.
- CASTELLAR, S. M. V. A superação dos Limites para uma Educação Geográfica Significativa: um estudo sobre a e na cidade. **Revista Geográfica De América Central**, vol.2. n. 47, p. 1-25, 2011.
- CASTELLAR, S. M.V. A formação de professores e o ensino de geografia. **Revista Terra Livre**, n.14, p.51-59, 1999.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.159 p.
- COUTO, M. A. C; ANTUNES, C.F. A formação do professor e a relação escola básica universidade: um projeto de educação. **Revista Terra Livre**, n.14, p. 29-40, 1999.
- SOUZA, V. C. Fundamentos teóricos, epistemológicos e didáticos no ensino da geografia: bases para formação do pensamento espacial crítico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 1, p. 47-67, jan/jun. 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 288 p.

MEDEIROS, P. C. **Fundamentos Teóricos e Práticos do Ensino de Geografia**. Curitiba: IESDE, 2008.144 p.

PARAHYBA, B. V.; LEITE, A. P. **Solos do Município de Mata Grande** - Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2007. 4 p.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, v. 3, n. 3 e 4, p.5-24, 2005.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In: NÓVOA, A. (org.). Profissão professor*. Porto: Porto, 1991. p. 61-92.

SILVA, Â. C.; OLIC, N. B; LOZANO, R. **Geografia Contextos e Redes**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2017. 264 p.

Submetido em 06-03-2020

Aceito para publicação em 13-09-2020



PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES EM ESCOLAS DE SÃO SEBASTIÃO/AL

**NEW PROGRAM MORE EDUCATION: PERSPECTIVES AND DIFICULTIES IN
SCHOOL IN SÃO SEBASTIÃO/AL**

José Wilton dos Santos Pachêco Lima

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Estadual de Alagoas, UNEAL.

tinhostspacheco@gmail.com

Resumo: A proposta do Programa Novo Mais Educação (PNME) foi abraçada por diversas instituições de Ensino Fundamental no Brasil. Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar algumas perspectivas e as dificuldades que se fazem presentes nas escolas do município de São Sebastião, Alagoas, frente ao PNME. A metodologia utilizada é a de caráter exploratório, por dados coletados através de entrevistas aplicadas à coordenação técnica e à direção e coordenação escolar, juntamente com um dos mediadores de uma das escolas estudadas, buscando as percepções destes que foram contemplados com as ações desse Programa. Pode-se dizer que, mesmo atuando de forma breve, o Programa conseguiu oferecer outras possibilidades, tanto para o enriquecimento cognitivo como também social da vida dentro e fora da escola ao maior personagem desse cenário educativo, os alunos.

Palavras-chave: Programa Novo Mais Educação; Percepções; Instituições.

Abstract: The Novo Mais Educação Program (PNME) proposal was embraced by several Elementary education institutions in Brazil. Accordingly, this paper aims to analyze some perspectives and difficulties that are present in schools in the city of São Sebastião – Alagoas in the face with Novo Mais Educação. The methodology used was exploratory, by data collected through interviews applied to technical coordination, school management and coordination, together with one of the mediators of one of the schools studied in this paper, seeking the perceptions of those who were contemplated with the actions of the PNME. It may be said that, even though acting briefly, the program manages to offer a great chance for both the cognitive and social enrichment of life inside and outside the school, of the greatest character of this educational scenario, the students.

Keywords: Novo Mais Educação Program; Perceptions; Institutions.

Introdução

Em uma primeira instância, o Programa Novo Mais Educação (PNME), criado pela Portaria do Ministério da Educação (MEC) nº 1.144/2016 e regido pela Resolução do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) nº 17/2017, se caracteriza pela sua nova ótica quanto ao quesito ensino e aprendizagem do aluno, velado pela ludicidade, ao passo de uma abordagem de “ensino integral”. O Programa atual foi uma resultante de sua antiga versão, de 2007, nomeada anteriormente de Programa Mais Educação. As finalidades propostas pelo MEC ao novo Programa, conforme Art. 2º, são as de oferecer:

I - alfabetização, ampliação do letramento e melhoria do desempenho em língua portuguesa e matemática das crianças e dos adolescentes, por meio de acompanhamento pedagógico específico; II - redução do abandono, da reprovação, da distorção idade/ano, mediante a implementação de ações pedagógicas para melhoria do rendimento e desempenho escolar; III - melhoria dos resultados de aprendizagem do ensino fundamental, nos anos iniciais e finais; e IV - ampliação do período de permanência dos alunos na escola. (BRASIL, 2016, p. 23)

Essas são finalidades que norteiam e contemplam, como mencionado, o processo de alfabetização e suas particularidades, ao passo ainda de uma mediação quanto ao referencial do conhecimento matemático. Além destas, o Programa ainda aponta o alavancar de atividades recreativas, abarcando campos como cultura, arte, esporte e lazer, sendo enfatizado mediante esses apontamentos seus respectivos objetivos. Assim,

O Programa Novo Mais Educação será implementado nas escolas públicas de ensino fundamental, por meio de articulação institucional e cooperação com as secretarias estaduais, distrital e municipais de educação, mediante apoio técnico e financeiro do Ministério da Educação - MEC. (BRASIL, 2016, Art 3º, p.23).

Essa proposta do Programa Novo Mais Educação foi abraçada por diversas instituições de ensino fundamental no Brasil, desde o seu início até a sua atual versão. Por isso, este artigo tem como primordial objetivo geral analisar algumas perspectivas e as dificuldades que se fazem presentes nas escolas do município de São Sebastião, localizado na mesorregião Agreste, do estado de Alagoas, durante a efetivação do Programa, dando abertura aos objetivos específicos, que são conhecer as particularidades do PNME e discutir seus pontos positivos e negativos.

A motivação em prol da escolha desse procedimento de pesquisa se deu pelo fato de que como objetivado, o que se pretende é analisar as peculiaridades que o Programa Novo Mais Educação abarca e oferece às escolas do município de São Sebastião, Alagoas. Logo, a pesquisa se concentrou, em pesquisas bibliográficas, informações acerca do Programa, coletadas por intermédio de entrevistas (realizadas com os agentes responsáveis do PNME – representantes da SEMED, GESTORES DA ESCOLA E MONITOR), contendo perguntas básicas frente ao objeto estudado.

A problemática aqui destacada faz referência ao lugar. Nesse sentido, são os espaços educativos que fazem surgir o questionamento principal: será que as escolas municipais de São Sebastião /AL se encontram preparadas para ofertar uma “educação integral” pressuposta pelo Programa Novo Mais Educação?

Metodologia

Durante o processo de construção deste estudo, fez-se necessária a utilização de uma metodologia de caráter exploratório, contemplando os pensamentos de Gil (2007), para quem

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2007, p. 41)

Como fontes bibliográficas, visando o aprofundamento do tema, foram feitos diálogos com Gesuína de Fátima Elias Leclerc¹ e Jaqueline Moll; Levindo Diniz Carvalho, Bárbara Ramalho e Kildo Adevair dos Santos. Anteriormente abordado, para obtenção de informações e resultados, foram necessários alguns questionamentos, mediante entrevista com os responsáveis pelo Programa, desde a SEMED até aos gestores e mediador na escola, com questões como as listadas abaixo:

1. O que o Programa oferece para o alunado?
2. Qual é o perfil do aluno que se encaixa na proposta desse Programa?
3. Quais as dificuldades e as percepções durante o período de efetivação do programa?

Esses questionamentos foram realizados como fonte, guia desse estudo, visando o entendimento sobre o Programa inserido em São Sebastião, Alagoas., dando maior destaque a uma das nove escolas abordadas, qual seja, a Escola Municipal de Educação Básica Professor Ricardo Vieira de Lima, onde ocorreu mais a fundo a análise do deslanchar do PNME.

Discussões e resultados: Programa Novo Mais Educação: peculiaridades vivenciadas nas escolas de São Sebastião/Alagoas

A priori, fazendo uma reflexão sobre a educação brasileira, nos é revelado uma grande discussão, pois são muitas as dificuldades a serem enfrentadas, a partir do momento em que se conduz o processo de ensino e aprendizagem. Logo, pontos tais como a falta de uma visão de futuro por parte do alunado, o espaço, o material didático, a inquietação, o desrespeito e a estrutura familiar do discente, entre outros, dão o ar de determinação de como serão conduzidas as aulas de qualquer docente. Assim, a proposta do Programa Novo Mais Educação deixa como evidência formas de didáticas lúdicas de ensino, que sejam capazes de atrair os alunos de modo geral, sendo, a partir de abordagem, capazes de despontar interesse e o então gosto de estudar.

Conforme documentado, todo o Programa deve ir ao encontro do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, sendo assim fundamentado na relação entre “um” e o “outro”, o que apresenta ainda a visão coletiva de toda a comunidade escolar, desde alunos até os gestores. Nesse aspecto, toda a comunidade deve atuar e desempenhar suas atividades em conjunto, no sentido de que parcerias são e devem ser formuladas, contando também com a presença familiar, que interfere significativamente no modo de vida educacional do aluno, ao passo do contexto que a escola atrai o todo que a constituem.

E é nesse contexto que surgem as peculiaridades que demarcam a seletividade de para quem é ofertado o PNME, sendo diversos os perfis de estudantes que se encaixam na proposta do Programa Novo Mais Educação, a exemplo de alunos que estejam expostos à situação de risco social e/ou nutricional, que sintam dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática e que sejam repetentes e atrasados, quanto à idade/ano matriculado. Todo esse grau de seleção destaca algumas preocupações, dentre as quais estão a evasão do alunado da escola e sua situação cotidiana fora da instituição, deixando claro a noção de uma proposta de “ensino integral”.

Nesse ponto, cabe uma grande ressalva quanto a essa seleção, isso porque esses alunos apresentam uma dada dificuldade nas áreas descritas, como também são submetidos em seu cotidiano a situações que podem acarretar em vários problemas de saúde, principalmente, depressão ou ansiedade, ou ainda situações comumente vexatórias em seu lar. Logo, o programa entra em atuação quando faz um “resgate”, no sentido de não omitir os direitos ao aluno, enquanto criança ou na fase de transição para a adolescência, dispondo do contraturno para tal feito, motivando-os com práticas lúdicas, de uso de jogos ou os mais variados artifícios.

Em sua logística, a escola, lugar onde ocorrem a maioria das aulas, oferece espaços, salas, aos alunos. Porém, ainda conta com outros meios para mediação do ensino, a exemplo de estruturas como quadra, biblioteca, auditório e sala de informática, dentre outros, que podem ser considerados espaços enriquecedores no processo de ensino e aprendizagem, sendo passíveis de remanejamento quanto a sua função. Enveredando para os espaços educacionais, esses são remanejados a depender do interesse. A esse respeito, o aporte legal argumenta:

Acreditamos que a criação/ampliação/reinvenção dos espaços educativos depende de uma reflexão sobre a gênese do espaço, do tempo e do território escolar do entendimento de como, quando e porque eles se fizeram assim. Além disso, exige que compreendamos a relação do espaço e do tempo com a educação, para identificarmos o potencial educativo da escola e do seu território, seja ele cidade ou campo (BRASIL, 2014c, p.13)

Mas, é importante compreendermos que, para que o Programa Novo Mais Educação ocorra, faz-se necessário a utilização no contraturno de espaços mantidos nas instituições ofertantes. Nesse ponto, surgem as intermediações da Secretaria Municipal de Educação – SEMED, do município supracitado, juntamente com as escolas alvo. Daí, têm-se as noções de que cada instituição mantém espaços remodeláveis. As escolas que ofertaram esse Programa no município de São Sebastião, Alagoas, no ano de 2019 foram 9 (nove):

1. Escola Municipal de Educação Básica Jaime de Altavila
2. Escola Municipal de Educação Básica Castelo Branco

3. Escola Municipal de Educação Básica Josefa de Souza Lima
4. Escola Municipal de Educação Básica Leobino José do Nascimento
5. Escola Municipal de Educação Básica Vereador Expedito Porfírio dos Santos
6. Escola Municipal de Educação Básica Natanael da Silva
7. Escola Municipal de Educação Básica Rui Barbosa
8. Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro I
9. Escola Municipal de Educação Básica Professor Ricardo Vieira de Lima

Grande parcela dessas escolas não tem uma estrutura feita em prol da implementação do Programa, o que aponta, de forma clara e objetiva, a capacidade que é desenvolvida quanto ao que se tem em cada instituição, sendo ainda importante frisar que São Sebastião mantém instituições com o Programa tanto na zona urbana quanto na zona rural. Logo, todas essas atendem a seus estudantes em locais modificados de função, a exemplo disso se tem a utilização de locais como bibliotecas, auditórios, salas sem usos no horário de ocorrência do Programa e sala de informática, ou seja, locais que são adaptáveis a sua funcionalidade.

Visando todo esse contexto e verificando o aproveitamento dessas “salas de aulas” é que são ofertadas para os monitores formações que visam o melhor desenvolvimento do profissional. Valendo-se das palavras de Garcia (1999), é preciso considerarmos sobre formação que

Em primeiro lugar a formação como realidade conceptual, não se identifica nem se dilui dentro de outros conceitos que também se usam, tais como educação, ensino treino, etc. Em segundo lugar, o conceito formação inclui uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano global que é preciso ter em conta face a outras concepções eminentemente técnicas. Em terceiro lugar, o conceito formação tem a ver com a capacidade de formação, assim como com a vontade de formação. Quer dizer, é o indivíduo, a pessoa, o responsável último pela activação e o desenvolvimento de processos formativos (GARCIA, 1999, p. 21-22).

Todo esse cenário de formação tem como principal ator o grau de importância que o docente encara no ato de ensinar, sendo fator determinante nesse processo alcançar o êxito no quesito desenvolvimento intelectual do aluno. Assim, está para o papel do Programa Novo Mais Educação, como também para qualquer esfera de ensino, a capacitação profissional do educador, ao passo de uma melhor abordagem do plano de aula, montado e passível de modificações, bem como o melhor aproveitamento de espaços que se encontram à disposição, dando um olhar mais dinâmico ao profissional, em prol de uma melhor orientação ao seu alunado.

Esse panorama anteriormente destacado ainda mantém a capacidade de abrir caminhos norteadores da seleção dos profissionais que irão desenvolver as atividades propostas pelo PNME, intitulados de monitor(es) ou mediador(es) do processo ensino e aprendizagem. Num apanhado geral, todos esses devem apresentar alguma afinidade com a área da docência e respectivamente com o público peculiar do programa. Por isso, algumas características para a atuação no PNME são: docentes com graduação completa, pós-graduados, profissionais com

ensino médio completo, licenciados em pedagogia, pessoas que apresentem um dado prestígio na localidade, ao passo de um conhecimento (experiência) no ato de ensinar e pontos aplicados aos profissionais que farão um acompanhamento em língua portuguesa, matemática, esporte, música ou qualquer outra grade disposta na instituição.

Outra particularidade do programa evidenciada é o fato de que ele não tem uma certeza quanto ao período de duração nas escolas ofertantes do município de São Sebastião – Alagoas. Ou seja, o Programa funciona com incerteza quanto a sua oferta, em decorrência do “estímulo” financeiro repassado para os mediadores. Logo, o oferecimento do Programa se mantém num período demarcado pela variabilidade de meses.

Como resultante, ainda vale apontar de que forma os estudantes são recepcionados, durante a oferta do Programa, que tem como meta a ludicidade, que, para Luckesi (2000),

[...] traz de novo [...] o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além desta atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. [...] Brincar, jogar, agir ludicamente exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente ao mesmo tempo. (LUCKESI, 2000, p. 21).

Enveredando pela trilha do dinamismo no ensino, os discentes que dão a formação e que constituem o Programa, como citado anteriormente, são selecionados. Essa seleção faz com que o trabalho do mediador, em conjunto com toda a equipe gestora da escola, seja ainda mais evidenciado e minucioso, sentido esse que se encaixa devido a todas as situações vividas e refletidas no decorrer do processo de desenvolvimento cognitivo, crítico, reflexivo e social do alunado. No que diz respeito ao ensino, a didática nesse enquadramento é a maior fornecedora e mantenedora de chamar a atenção dos estudantes para as suas dificuldades, tanto na escola como também em sua vida cotidiana, visando sua quebra, mediante esse intermédio-auxílio na escola.

Profissionais envolvidos no processo de efetivação do Programa Novo Mais Educação e seus pontos de vista que norteiam as peculiaridades acerca do programa

Visando uma melhor compreensão acerca do período de efetivação, da teoria à prática do PNME nas escolas municipais do município anteriormente citado (São Sebastião-AL), foram realizadas algumas entrevistas com os profissionais envolvidos, contemplando a coordenadora técnica da SEMED, a diretora da escola evidenciada, a coordenadora que é responsável pelo auxílio e intermédio na instituição e também com um dos mediadores de ensino, indivíduos que trabalham em coletividade, priorizando a melhor funcionalidade do Programa e primordialmente do enriquecimento dos alunos beneficiados.

Em prol de evitar alguma situação adversa ou vexatória, mediante as colocações abaixo citadas, não serão utilizados ou revelados os nomes de cada

profissional mencionado no parágrafo anterior. Logo serão feitas menções às respostas, demarcadas apenas pela função (cargo desenvolvido de cada um dos entrevistados). Assim, cada argumentação será exposta com base nas perguntas norteadoras, que se encontram no tópico metodologia, e que deram o ar de guia para as concepções abordadas no artigo. Sobre o que o Programa oferece ao alunado, obtivemos:

“Oferece o acompanhamento pedagógico em língua portuguesa e matemática, e também atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer. (COORDENADORA TÉCNICA)

“[...] o programa oferece ao aluno o seguinte: ele proporciona um espaço com atividades que o mantenha na escola e que promova além da socialização uma aprendizagem de qualidade, né?, que nós sabemos que são alunos com dificuldades, principalmente na leitura e na escrita, né? Porque o programa colabora pra [manter] os estudos em sala de aula em horário regular, através da manutenção do aluno em tempo integral na escola, isso faz toda diferença, entendeu? Então vem pra melhorar os índices, porque [...] temos indicadores que apontam que os alunos [...] precisam de um tempo, e esse tempo vem através do Programa Mais Educação, para somar, entendeu? Pra que venha atender esse aluno, em um horário oposto com atividades, né? São várias atividades. E o objetivo é melhorar a aprendizagem dos alunos, entendeu? Por meio das atividades desenvolvidas, e também de integrar as diversidades culturais, buscando aprimorar a aprendizagem. (DIRETORA)

Enquanto coordenadora, vejo que o programa oferta aos alunos o seguinte plano, o de permanência integral na escola, além do desenvolvimento de atividades lúdicas e dinâmicas de português, matemática, música e entretenimento de forma geral. É isso! (COORDENADORA DA ESCOLA)

Fica claro durante a efetivação do programa na escola o grau de preocupação do mesmo com o aluno, né? Dessa forma, oferece para eles um ambiente educacional no contraturno, ao passo ainda de auxílio nas áreas de português e matemática e ainda... dá um suporte de entretenimento de esporte, cultura e outras atividades. E... daí é que surgem os êxitos em relação ao desenvolvimento dessas crianças ou adolescentes. Enxergo também que surgem os laços afetivos com eles, coisa que não encontram as vezes em sua casa. (MEDIADOR)

E qual o perfil do aluno que se encaixa na proposta do programa?

Crianças com baixo índice de desenvolvimento na aprendizagem, distorção idade/ano e [em] situações vulneráveis e repetentes. (COORDENADORA TÉCNICA)

[...] muitas vezes é aquele aluno que está em vulnerabilidade, aquele aluno que nós percebemos que ele precisa de uma atenção mais especial, muitas vezes aquele aluno, que [em] um outro horário ele fica é... vamos dizer na rua, ele fica sem desenvolver uma outra atividade. E por conta disso ele apresenta dificuldade, ele não consegue alcançar os conteúdos. [...] e aí o Mais Educação traz esse aluno pra o meio, pra o centro e ajuda esse aluno, né? Através das oficinas, das atividades desenvolvidas em salas, através de teatro, da música, do esporte e lazer, e da cultura é... o Mais Educação consegue fazer esse trabalho e

desenvolver essa aprendizagem com sucesso. (DIRETORA)

O perfil dos alunos, segundo as normas do programa, são crianças ou adolescentes com situação vulnerável de risco nutricional, como também os que têm dificuldade nas disciplinas de seu ensino regular. Bem! Não todas como na fala anterior! (COORDENADORA DA ESCOLA)

Cabe aqui uma grande ressalva [...] há toda uma seleção desses meninos e meninas pra entrar no programa, tipo..., a sua situação fora da escola, as dificuldades de sua aprendizagem e muitos deles se mantêm devido ao quesito comida, que é sim ofertado aqui na escola. O que demarca muito a importância desse programa, seria também, é... o cotidiano que muda desses alunos, eles passam a ver nós professores como um amigo. Na minha visão, eles não são depósitos de conhecimento, e sim um universo de realidades diversas, desde seus próprios pensamentos até o seu olhar de mundo, de forma geral. Então? Significa! Isso! O olhar de mediador que passa a ser detentor de uma afeição de seus alunos. (MEDIADOR)

Quais as dificuldades e percepções durante o período de efetivação do Programa?

A permanência e influência dos alunos no programa, seleção dos monitores com experiência na área, a organização do tempo por área. (COORDENADORA TÉCNICA)

[...] muitas vezes uma das dificuldades é manter esse aluno na escola, é... principalmente para trabalhar a questão da leitura e da escrita. Essa foi uma das dificuldades que eu percebi, né? Enquanto diretora, percebi essa dificuldade. E muitas vezes também a ausência dos pais, né? A questão das reuniões, pra caminhar juntamente com a escola, pra ajudar essa criança a perceber que ela precisa desse outro tempo. [...] Mas [...] é um programa que vem realmente pra somar, viu? Vem pra atender os alunos sim. E melhora os índices, quando há essa participação, o envolvimento dos alunos, quando a escola abraça a causa, quando os monitores [...] fazem esse trabalho com a alma é... percebemos sim, resultados, e... alunos que conseguem desenvolver as suas atividades e graças ao empenho e o trabalho dos monitores, do empenho dos alunos no Programa Mais Educação [...]. (DIRETORA)

A maior dificuldade é a de como deixar esses alunos dentro do contraturno de forma que não seja cansativo. A percepção é a de que mesmo com esse dilema, o programa tem... hummm... êxito no seu desenvolvimento, isso por conta da participação e a vontade dos alunos em eventos da escola e fora dela. (COORDENADORA DA ESCOLA)

Enquanto monitor, a minha percepção é a falta de uma segurança quanto o tempo do programa, pois é curto, só que, veja bem, o aluno é o mais beneficiado, simplesmente pelo seu enriquecimento cognitivo e no meio social devido toda as atividades feitas, né?, ficando claro a preocupação com a integridade deles e seu desenvolvimento, o afeto e carinho nos é fornecido de forma recíproca com alguns estudantes. (MEDIADOR)

Todas essas falas-respostas norteadas pelas perspectivas e dificuldades do PNME deixaram clara a importância do Programa para o alunado, e toda a preocupação e situações que há na coletividade dos profissionais dentro desse

Panorama. É visível que a todo momento é mencionada a vulnerabilidade, fator que influencia diretamente no desenvolvimento social, cognitivo e emotivo, não só desse público estudantil, como de outros. Logo, é demarcada uma grande falta quanto à presença, seja dos pais ou de um responsável, para os cuidados em relação aos meninos e as meninas que consolidam o Programa. Há também mais uma grande ressalva, a da presença/ausência familiar, que é grande propiciadora de avanços no desenvolvimento dos seus entes. Por outro lado, existem outras vertentes que irão prover esse dado desempenho doo estudante, dentro e fora da instituição. É grande a menção, pelo monitor abordado, à afetividade.

Considerações finais

Nessa reflexão, há o destaque para as mais diversas marcas que o Programa Novo Mais Educação traz consigo, uma vez que ocorre um cuidado com a sua proposta, norteadada pelo ponto mais incisivo e significante, que é a ludicidade. Logo, é possível considerar que o Programa agrada ao alunado com essa forma de didática lúdica, ao passo ainda de toda uma atenção voltada para a seletividade do estudante, concentrada na escola como também fora dela, haja vista que, essa dada seleção ocorre mediante fatos educacionais e sociais, como mencionado na discussão.

Um aspecto que não pode ser deixado de lado é o fato de que, ainda que o PNME traga esse fator benéfico, ocorrem suas problemáticas, que variam desde a estrutura da instituição em trabalhar nos espaços “distorcidos” de sua funcionalidade, cabendo, ainda, o despontar do seu quesito durabilidade, que preocupa por ser um período curto.

Entretanto, outro ponto a ser mencionado e encarado como positivo e maior divisor de águas, quanto à realidade dos alunos, é a menção à preocupação com o que ocorre fora da escola, ou seja, com o cotidiano, desde a comunidade da qual os alunos fazem parte ao, primordialmente, contexto familiar. Dessa maneira, a criança/adolescente encontra-se “abraçada(o)”, a partir do momento que é mantido na instituição de ensino em seu contraturno, que lhe oferta café da manhã, lanche matutino, almoço e lanche da tarde, velado ainda de cuidados e afetividade. Pode-se considerar que se abre uma outra ótica para os mesmos, porque gera um olhar de que se encontram seguros, acaso não encontrem essa segurança em casa.

A partir de uma visão geral, pode-se dizer que, como na maioria das situações e experiências que vivenciamos há pros e contras, assim é com o PNME, que, mesmo que atuante de forma breve, em questões de meses, consegue oferecer uma grande chance tanto para o enriquecimento cognitivo como também social da vida dentro e fora da escola do maior personagem desse cenário educativo, os alunos.

Referências

BRASIL, Portaria nº 1.144, de 10 de outubro de 2016. Institui o Programa Novo Mais Educação, que visa melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=

[49131-port-1144mais-educ-pdf&category slug=outubro-2016-pdf&Itemid=30192](#)
. Acesso em: 16 de ago. de 2019.

BRASIL. Territórios Educativos para Educação Integral. (Série Cadernos Pedagógicos). Brasília, MEC: 2014c. Disponível em: http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/pme/territorios_educacao_integral.pdf. Acesso em 13 de ago. de 2019

GARCIA, C.M. Formação de Professores. Para uma mudança educativa Porto. Porto Editora, 1999. Disponível em: <https://abenfisio.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Formacao-de-professores-para-uma-mudan%C3%A7a-educativa.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2019.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>. Acesso em: 29 de ago. de 2019

Leclerc, G. F. E.; Moll, J. Programa Mais Educação: avanços e desafios para uma estratégia indutora da Educação Integral e em tempo integral. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 45, p. 91-110, jul./set. 2012. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n45/07.pdf>. Acesso em: 28 de set. de 2019.

LUCKESI, Cipriano C. **Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: uma Proposta Pedagógica a partir da Biossíntese**. Ludopedagogia, Salvador, BA: UFBA/ FAGED/PPGE, v. 1, p. 9-42, 2000.

Submetido em 05-03-2020

Aceito para publicação em 13-09-2020



A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA RELIGIOSA NA CIDADE DE MATA GRANDE/AL A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE DEVOTOS

IMAGETIC REPRESENTATION IN THE CITY OF MATA GRANDE-AL FROM THE
DEVOTES CONCEPTION

Magda Campos Lima

Graduanda do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.

tinhostspacheco@gmail.com

Resumo: O estudo geo-etnográfico tem o enfoque de analisar a representação imagética na cidade de Mata Grande, Alagoas, a partir da concepção dos devotos. A metodologia fenomenológica busca evidências que esclareçam o surgimento de um determinado fenômeno, com o uso de fontes bibliográficas. Os principais autores usados que nortearam o trabalho foram Gruzinski (2006), Lynch (2011), Rafael (2000) e Rosendahl (1996). As perguntas usadas na pesquisa foram elaboradas com a intenção de obter uma noção da concepção dos devotos em relação ao fenômeno religioso analisado. A pesquisa foi realizada nas duas festividades religiosas: Nossa Senhora da Conceição, de 2018, e de Santa Teresinha, de 2019. Através dos dados obtidos pelo questionário foram feitas as comparações das respostas e com essas informações foram construídos tabelas, gráficos e quadro.

Palavras-chave: Imagem; Sagrado; Religião.

Abstract: The geoethnographic study has the focus of analyzing the imagery representation in the city of Mata Grande-AL from the conception of the devotees. The phenomenological methodology seeks evidences to clarify the emergence of a particular phenomenon, using bibliographic sources. The main authors used to guide the work were Gruzinski (2006); Lynch (2011), Rafael (2000) e Rosendahl (1996). The questions used in the research were designed in order to obtain a notion of the devotees' conception in relation to the religious phenomenon analyzed. The research was carried out in the two religious' festivities: Nossa Senhora da Conceição, in the year of 2018, and Santa Teresinha, in 2019. Through the data obtained by the questionnaire the comparisons of the answers were made and with this information, graphical tables and table were constructed.

Keywords: Image; Sacred; Religion.

Introdução: Geografia e seus desdobramentos

A geografia sendo uma ciência humana se desdobra em subdivisões, necessárias a estudo detalhado de cada uma. Dentre elas, mencionamos a Geografia cultural e a Geografia da religião, que são essenciais para a investigação aqui abordada. A Geografia cultural e a Geografia da religião são ciências que buscam compreender os fenômenos espirituais, e os fatos sociais, entendendo que os fenômenos religiosos acontecem dentro de um lugar onde as pessoas convivem umas com as outras, em relações nas quais existe a troca de diversos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se adquire e também se transmite o que aprendeu. Nesses fundamentos, para Rosendahl (1996),

A geografia e a religião são em primeiro lugar duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente (ROSENDAHL, 1996, p.11).

Nesse entremeio das áreas e das instituições, o lugar passa a ser reconhecido pela imagem que apresenta, seja a imagem sagrada ou profana: os símbolos religiosos são os responsáveis pela sacralização de um lugar. Nesse aspecto, as construções religiosas impõem seu poder e ocupam espaços valiosos de grande visibilidade, ao criarem uma paisagem cultural em homenagem a um santo de devoção, por exemplo. Logo, a religião tem forte influência na vida cotidiana das pessoas, favorecendo muitos costumes, que são formados a partir da devoção às imagens religiosas.

Assim, esta pesquisa geo-etnográfica tem o intuito de identificar a representação imagética que simboliza a cidade de Mata Grande-AL, diferenciando as festividades religiosas organizadas por dois templos católicos, quais sejam, a igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. O intuito é o de discutir através dessa pesquisa questões que envolvem os devotos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Santuário Teresiano, assim como apontar para uma imagem religiosa de Mata Grande.

A construção desse trabalho consistente de fontes bibliográficas, com autores como Gruzinski (2006), Lynch (2011), Rafael (2000) e Rosendahl (1996). As perguntas usadas na pesquisa de campo foram elaboradas com a intenção de colher informações dos devotos sobre a imagem que lembram a cidade de Mata Grande-AL, dentre outros aspectos que são importantes para essa imagem. A aplicação dos questionários foi realizada nas festividades religiosas de Nossa Senhora da Conceição, em 2018, e de Santa Teresinha, em 2019.

Geo-etnografia

Uma cidade passa a ser reconhecida pelos símbolos que possui. Logo, o símbolo se torna sua imagem singular, que a faz ser diferente de outras cidades,

pois “a imagem é um produto tanto da sensação imediata quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e orientar a ação”, conforme argumenta Lynch (2011, p. 4). Na religião, a imagem está relacionada ao sagrado, no sentido de que a imagem religiosa desperta o sentido das pessoas, isto é, a fé na imagem faz o devoto refletir sobre sua vida. Essa é uma discussão, acerca da devoção às imagens, que tem se perpetuado ao longo dos tempos, como vemos em Gruzinski (2006), quando afirma que

No século VIII desencadeou uma famosa “querela” que abalou o império bizantino. Iconoclastas e iconodualistas travaram ásperas discussões nessa época sobre o culto das imagens. No século XVI, a Reforma protestante e a Contra Reforma Católica fizeram opções distintas e decisivas para os tempos modernos, uma delas culminou na apoteose barroca da imagem católica (GRUZINSKI, 2006, p.15).

Há, então, uma complexidade nesse assunto, que tem dividido opiniões, já que existem pessoas que não concordam com a devoção e outras que aprovam a devoção às imagens, pautadas em motivos distintos. Na verdade, muitos formaram suas convicções baseadas nas escrituras bíblicas, em teses que definem se aceitam ou se rejeitam a notoriedade das imagens religiosas. Comumente, nesse aspecto, os católicos são acusados de adorar as imagens. Porém, esses afirmam que essa é uma inverdade, pois, para o devoto, a imagem representa uma lembrança da virgem Maria e de santos do hagiológico romano.

Nessa “querela”, a opção da Igreja Católica em seguir com a devoção às imagens foi um dos motivos para uma ruptura interna, que fez, então, surgir a Reforma Protestante e a Contra Reforma Católica. A escolha da Igreja Católica pelas imagens teve um propósito: o uso das imagens ajudava a instruir os povos e a manter a devoção aos santos. Visto que a população não era alfabetizada, a função pedagógica das imagens era de grande contribuição na catequização de vários povos. Nesse aspecto, se a imagem também é um instrumento de referência que pode ser usada para indicar a localização de uma pessoa dentro de um determinado espaço, a imagem sacra é um instrumento usado na propagação das práticas e crenças religiosas. Rosendahl (1996), esclarece bem essa função da imagem no catolicismo:

Os santos são representações fundamentais do catolicismo popular, como seres pessoais e espirituais dotados de poderes sobrenaturais. Estando no céu, podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos que adquiriram durante sua vida. Os santos, apesar de estarem no céu, se fazem presentes na terra por meio de sua imagem. É a imagem o objeto de culto e, de algum modo, o santo se identifica com a sua imagem. Desta forma, torna-se possível o contato direto entre o fiel e o santo. Os santos estão ao alcance de qualquer fiel sem a intervenção de especialistas eclesiais (ROSENDAHL, 1996, p. 72).

Nesse cenário de reflexões, entra a Geografia, que é uma ciência usada pelo homem como um meio para entender a ação da religião no cotidiano das pessoas, dentro de um dado ambiente, entendendo que a crença tem o poder de contribuir

com estilo de vida das pessoas e também com o lugar em que vivem, já que, conforme Tuan (2012, p.8) explica, “a Geografia oferece esperança, pois a terra é o lar das pessoas, dos seres humanos”. No que se refere aos lares, esses são decorados com influências culturais, com objetos simbólicos que são valorizados pela importância e pelo significado que possuem na vida daquelas pessoas. Logo, os símbolos religiosos alimentam as experiências interiores, criando uma ligação afetiva das pessoas com o lugar.

Nessa compreensão, a religião está ligada à cultura dos povos e as crenças nos santos fazem surgir alguns rituais, que, em práticas constantes, se enraízam como uma tradição e são realizadas em determinada época do ano. A cultura religiosa é formada por atividades que expressam a decisão de um indivíduo em cultivar seu santo preferido, e espera que ele realize algum benefício em favor das suas necessidades pessoais ou da comunidade.

Nesses fundamentos, tal como Tuan (2013, p.77) afirma, “O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social e mesmo um atributo espiritual”. Ou seja, as pessoas precisam ter um espaço concreto que atenda às suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e espirituais, o que implica que, por mais que as pessoas vivam em comunidade e compartilhem dos mesmos espaços, elas vão aos templos religiosos porque esses se tornam um espaço de recolhimento interior.

Dada essa compreensão, olha-se para a cidade de Mata Grande, no alto sertão alagoano, que possui dois templos religiosos ligados à fé católica: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano, monumentos religiosos que foram construídos em épocas distintas, porém com edificações que possuem motivos parecidos: a devoção a uma imagem. Durante todo o ano, a cidade recebe uma estimativa de quarenta mil visitantes, que frequentam as festividades religiosas. No entanto, os eventos que mais têm a participação de pessoas de outras cidades são as três principais festas promovidas pelo Santuário Teresiano.

Para os devotos que visitam Mata Grande, ou apenas ouvem falar, reconhecem a cidade pela edificação do Santuário Teresiano, mas os moradores católicos da cidade e do município de Mata Grande reconhecem essa cidade ao ver a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Assim, apresenta-se a indagação: Qual a imagem que representa Mata Grande, de acordo com a escolha dos devotos que visitam essa cidade? Quem são os devotos que visitam as festas católicas? Foi, então, realizada uma pesquisa comparativa com os devotos que frequentaram as duas festividades religiosas, a de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro de 2018, e a de Santa Teresinha, no mês de janeiro de 2019.

Resultados e discussões

A partir da análise destas informações, obteve-se um resultado sobre a escolha dos devotos. Para a apresentação desses dados, as respostas aos questionamentos da pesquisa de campo estão inseridas em tabelas, gráficos e em um quadro, conforme vemos na sequência:

Tabela 01 – Demonstrativo da participação dos devotos nas festas religiosas

Qual a festa religiosa que você participa em Mata Grande-AL?

Festa de Santa Teresinha	18
Festa de Nossa Senhora da Conceição	9
As duas festas religiosas	4
Outras festas religiosas	0
Total	31

Fonte: O Autor.

Na Tabela 1, foram aplicados os dados que demonstram que a frequência de participantes na festa do Santuário Teresiano é superior ao número dos que participam da festa da Igreja Matriz. Contudo, os devotos matagrandenses frequentam as duas festas religiosas.

Os dados mostram que, para os devotos que frequentam a cidade de Mata Grande, o lugar que faz lembrar fortemente a cidade é o Santuário Teresiano, constatação que está na Tabela 2, ao revelar que a cidade é conhecida em outros estados devido ao templo religioso. No entanto, é preciso afirmar que os devotos vindos de outras regiões não conhecem todos os pontos da cidade, apenas as ruas do centro, que percorrem durante a procissão. Ou seja, esses visitantes não têm conhecimento das ruas que são referência para os matagrandenses, pois, quando de sua visita, ficam restritos ao espaço ao redor do Santuário.

Tabela 02- Demonstrativo do lugar que faz os devotos lembrar de Mata Grande-AL

Qual o lugar que te faz lembrar fortemente de Mata Grande-AL ?

Santuário Teresiano	17
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição	10
Serra da Onça	4
Comércio	0
Total	31

Fonte: O Autor.

Porém, os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição escolheram a Igreja Matriz como o lugar que lembra a cidade de Mata Grande-AL. A serra da Onça, que é um local muito frequentado durante a semana Santa, também

foi escolhida. Mas, para os matagrandenses, as lembranças da cidade não se restringem apenas aos templos religiosos, pois, de acordo com Rafael (2000),

Os devotos são aqueles que se dedicaram a determinados santos e que, quando comemoram suas datas, consagram votos a eles. As ocasiões em que se prestam homenagens aos mesmos, têm como foco principal as procissões, completada pelas novenas, tríduos e peregrinações, vivenciadas, sobretudo pelos moradores das áreas rurais. (RAFAEL, 2000, p. 142).

Já a Tabela 3 demonstra que é por devoção à padroeira da cidade que os devotos frequentam no mês de dezembro as novenas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que, com a intenção de fazer um pedido, busca se aproximar da imagem e contar com o auxílio da Santa para alcançar uma graça. Para fiéis, já é uma tradição participarem todos os anos das novenas, bem como, durante a procissão do dia primeiro de janeiro, algumas pessoas saírem vestidas de branco e descalças, para receberem uma graça em sinal de penitência.

Tabela 03 – Demonstrativo sobre o motivo dos devotos frequentarem as festas religiosas

Qual o motivo de frequentar as festas religiosas em Mata Grande-AL ?	
Devoção	13
Pagar Promessa	4
Tradição	2
Receber graça do Santo	7
Todas as opções	5
Total	31

Fonte: O Autor.

Para os devotos que frequentam as festividades religiosas promovidas pelo Santuário Teresiano, há um motivo específico, que é para pagar as promessas dos pedidos atendidos por Santa Terezinha. No Santuário Teresiano, os devotos fazem pedidos olhando para a imagem, e confiantes na sua intercessão acreditam que os pedidos serão atendidos, devido à relação do santo com Deus. Por isso, também já é uma tradição para muitos devotos teresianos virem todos os anos às festividades religiosas do Santuário. Logo, a festa se tornou uma tradição da cidade de Mata Grande.

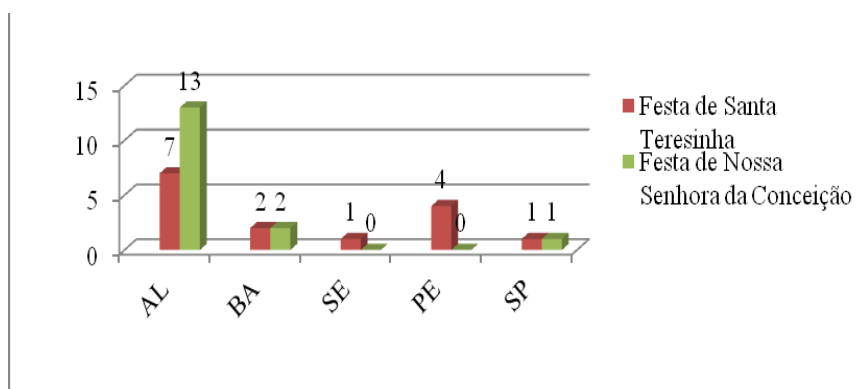
Sendo assim, os motivos que fazem vários devotos frequentarem as festividades religiosas da cidade de Mata Grande todos os anos é por ser uma festa tradicional, pela devoção, para pagar promessas e também receber a graça do santo. Durante a procissão de Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, alguns fiéis percorrem todo o trajeto fazendo penitência.

Na sala das promessas, no Santuário, por exemplo, é possível constatar que a devoção à Santa Terezinha é fortalecida pelas ações de fé, através dos diversos objetos das pessoas que alcançaram graças. Outra demonstração é que várias

crianças recebem dos pais devotos o mesmo nome da Santa. Há pessoas que pagam promessas vestidas com vestes parecidas com as da Santa Terezinha, como também fazem altar em suas casas para colocar as imagens.

No tocante à origem dos devotos frequentadores das festas religiosas em Mata Grande, AL, foi constatado que vêm de vários estados, tais como Alagoas, Pernambuco, Bahia, Sergipe e de São Paulo, para participarem das festividades religiosas do Santuário Teresiano e da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. O Gráfico 1, por exemplo, demonstra que os frequentadores das festas de Santa Terezinha são, em sua maioria, dos estados de Alagoas, Pernambuco, Bahia, Sergipe e de São Paulo. Na festa de Nossa Senhora da Conceição, os frequentadores são dos estados de Alagoas, Bahia e São Paulo.

Gráfico 01 – Estados de origem dos devotos



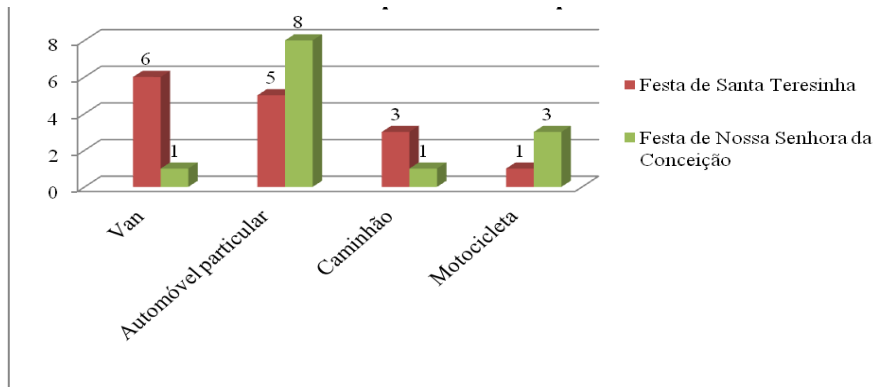
Fonte: O Autor.

A explicação para esses resultados é que muitos devotos nesse período das festividades religiosas em Mata Grande estão de férias e saem de São Paulo até Alagoas para rever os parentes. Com isso, aproveitam para visitar a Igreja Matriz e o Santuário Teresiano. Concordando com Rafael (2000), a respeito dos participantes das festividades religiosas, podemos sustentar que

Quanto ao perfil social dos participantes das romarias, a grande maioria deles parte mesmo é da região Nordeste. Os romeiros alagoanos são os que compõem as caravanas mais animadas. Insistem na manutenção de certas tradições referentes ao vestuário e ao meio de transporte. (RAFAEL, 2000, p. 142).

As informações colhidas sobre os transportes usados pelos devotos na locomoção até as festividades religiosas na cidade de Mata Grande são resultado dos dados colhidos pela pesquisa e estão ilustradas no Gráfico 2, na sequência, no qual se constata que o veículo “van” é o transporte mais usado pelos devotos teresianos, tipo de transporte que consegue comportar mais de quinze pessoas de uma só vez.

Gráfico 02: Transportes usados pelos devotos

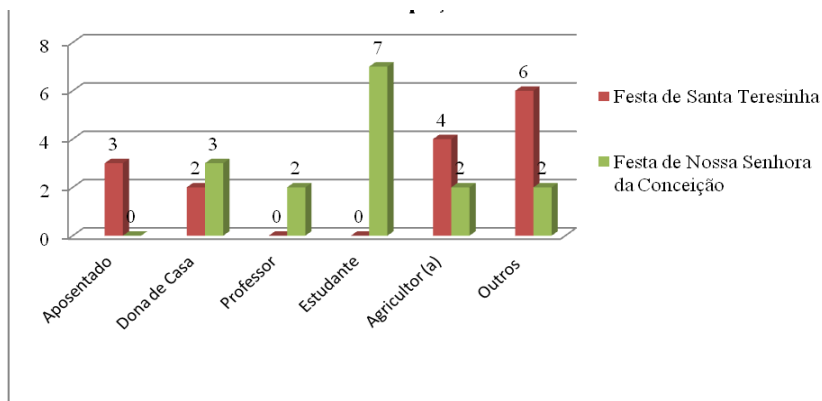


Fonte: O Autor.

O uso de automóvel como opção de transporte superou o uso do caminhão “pau de arara”, que por décadas foi usado pelos devotos e se tornou um símbolo da romaria nordestina. Os matagrandenses devotos marianos afirmaram que para se locomover durante as novenas realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição usam o automóvel e a motocicleta.

Outro aspecto importante a ser destacado é que visitar um templo religioso não se destina apenas a pessoas idosas, mas a todos que estão em busca de contato com o sagrado. Sendo assim, os devotos costumam ir ao Santuário Teresiano acompanhados de alguns familiares: crianças, jovens, adultos e idosos. Com os dados coletados pela pesquisa, foi possível identificar a ocupação dos devotos que frequentam os templos religiosos de Nossa Senhora da Conceição e o Santuário Teresiano. Através do Gráfico 3, foi possível constatar que a “ocupação” dos devotos frequentadores do Santuário Teresiano está para aposentado, “dona de casa”, e agricultores.

Gráfico 03: Ocupação dos devotos

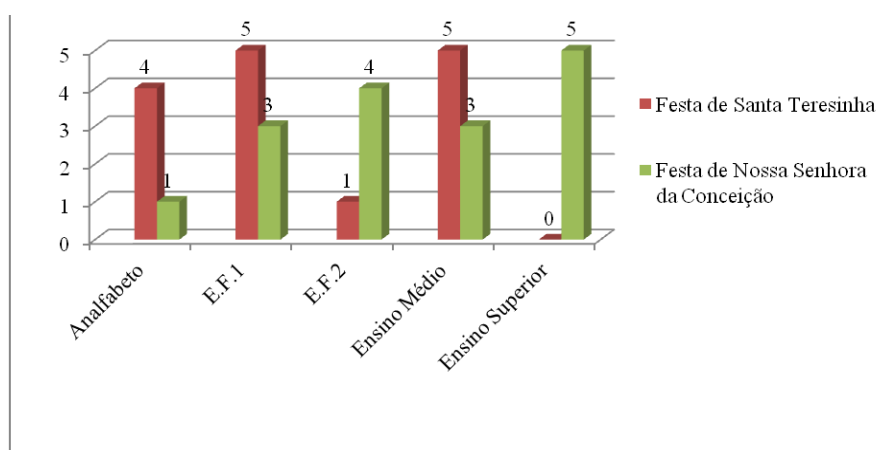


Fonte: O Autor.

Os devotos que frequentam o novenário na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição são donas de casa, estudantes, professores, agricultores e outras ocupações. Com esses dados, pode ser constatado que existe uma diversidade de frequentadores dos templos religiosos de Mata Grande-AL que são devotos de Santa Teresinha e Nossa Senhora da Conceição.

As informações colhidas durante as festividades religiosas, na cidade de Mata Grande, demonstram também o nível de escolaridade dos devotos, e aponta que há analfabetos entre eles, como podemos ver no Gráfico 4. No passado o uso de imagens pela Igreja Católica tinha a função pedagógica de catequizar seus fiéis não alfabetizados. Hoje, não há essa função. Entretanto, aquela pedagogia catequética reflete ainda atualmente na prática de atos religiosos como as procissões, as novenas e os terços realizados com uso das imagens. Seguindo os ensinamentos do catolicismo, os devotos fazem novenas, constroem oratórios para as imagens e rezam o terço, dentre outras práticas devocionais.

Gráfico 04: Escolaridade dos devotos

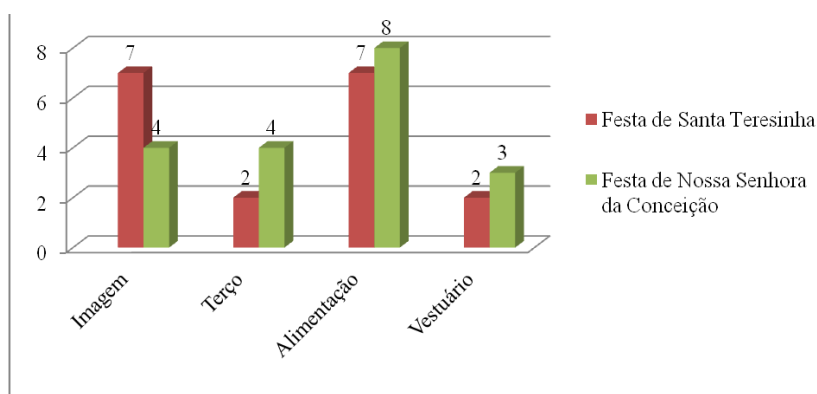


Fonte: O Autor.

Ainda no Gráfico 4, expõe-se a escolaridade dos devotos teresianos, que, em sua maioria, possui o ensino fundamental I e o ensino médio. Porém, o número de devotos que não são alfabetizados é alto. A pesquisa realizada durante o novenário com os devotos marianos que frequentam a Igreja Matriz em Mata Grande demonstra um número maior de devotos que fizeram o ensino fundamental 2, o ensino médio e o ensino superior.

Conforme já apontado, no passado, a imagem pela igreja era usada para, além de evangelizar, alfabetizar as pessoas que não possuía leitura. Hoje, os devotos que frequentam o templo religioso são apenas “alfabetizados” na fé do catolicismo, principalmente com uso das imagens, símbolos devocionais e os ensinamentos bíblicos, mesmo que sejam as pessoas que já possuem um nível mais elevado de escolaridade, que continuam usando a imagem por diversas finalidades, seja como devoção, tradição ou para alcançar uma graça.

Os objetos devocionais usados nas práticas de fé dos católicos são comercializados nas festas religiosas de Mata Grande-AL, principalmente na festa do Santuário Teresiano e movimenta a economia da cidade, como vemos no gráfico que segue:

Gráfico 05: Mercadorias mais compradas pelos devotos

Fonte: O Autor

No Gráfico 5, acima exposto, são demonstradas as mercadorias mais compradas pelos devotos Teresianos. Os dados revelam que a escolha na maioria das vezes é por imagens de santos e por alimentação. Nas festas realizadas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, os devotos marianos compram objetos religiosos e imagens, porém a maioria costuma comprar lanche e água, principalmente no dia da procissão, em 1º de janeiro. Assim, podemos inferir que a identidade religiosa do devoto teresiano é diferente da do devoto mariano, mesmo esses fazendo parte de uma única denominação religiosa, o catolicismo.

Reforçando os dados da pesquisa, foi elaborado o Quadro 1, a partir do depoimento dos devotos que frequentam as festividades religiosas na cidade de Mata Grande-AL. Foram perguntados sobre qual lugar consideram indispensável à visita e onde permanecem durante as festas religiosas do Santuário Teresiano e da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição responderam que vão à Igreja Matriz, a casa de Deus, ver a Santa, que assistem à missa e que visitam o Sacrário. Os devotos que frequentam a festa de Santa Teresinha responderam que vão visitar o Santuário, que fazem uma oração aos pés da santa, e que não deixam de ir ao interior do Santuário, onde se encontra a sala das promessas.

Quadro 1: Fala dos Devotos

Qual lugar que você considera indispensável à visita e a permanência durante as festividades?

Devoto 1- *Vou ver a santa.*

Devoto 2- *O sacrário.*

Devoto 3- *A Igreja Matriz.*

Devoto 4- *Onde está a imagem da santa.*

Devoto 5- *Sala das Promessas.*

Devoto 6- *Rezar um Pai Nosso aos pés da santa.*

Devoto 7- *Na casa de Deus.*

Devoto 8- *Ir a igreja assistir a missa.*

Devoto 9- *A procissão.*

Devoto 10- *O interior do Santuário.*

Fonte: O Autor.

O motivo de o devoto mariano frequentar a festa religiosa da paróquia de Mata Grande é por devoção à virgem da Conceição e o devoto Teresiano não se restringe a um motivo, pois possui vários: a tradição de ir sempre ao Santuário, a devoção à santa, o pagamento de promessa e o recebimento de uma graça.

Alguns dos devotos sempre sofrem algum tipo de intolerância pela sua devoção à imagem de santos, aspecto relacionado também ao fato de possuírem um baixo nível de escolaridade. Porém, a pesquisa aponta que ser devoto de um santo não é sinônimo de falta de conhecimento, pois pessoas com mais escolaridade frequentam as festas religiosas e compram objetos devocionais: imagens, terços, bíblias. Ser devoto representa continuar a propagar as tradições católicas e essas ações de fé contribuem para a afirmação da territorialidade religiosa.

Conclusão

Esse trabalho buscou compreender a representação imagética na cidade de Mata Grande em Alagoas, a partir da concepção dos devotos que frequentam as festividades religiosas da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e do Santuário Teresiano. Para obter esse e outros dados, nos quais passamos a conhecer mais quem são os devotos que frequentam os tempos religiosos católicos nessa cidade, foi realizada uma pesquisa na qual os devotos responderam perguntas e, através das suas escolhas, os dados foram mostrados em tabelas e gráficos.

O lugar que mais faz o devoto Teresiano lembrar da cidade de Mata Grande é o Santuário de Santa Teresinha. Porém, para os devotos que frequentam a festa de Nossa Senhora da Conceição, o lugar que lembra a cidade de Mata Grande é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Os resultados demonstraram que o devoto Teresiano e Mariano escolheram a imagem que representa a cidade de Mata Grande-AL de acordo com a festa religiosa da qual que participa.

Referências

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Critovão Colombo a Blade Runner (1492-2019)**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades).

RAFAEL, Ulisses Neves. Campo Religioso Alagoano. In. Tânia de Maya Pedrosa. **Arte popular de Alagoas**. Maceió: Grafitex, 2000.

ROSENDAHL, Zenny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996. 92p.

TUAN, YI-FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. 1930. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em 06-03-2020

Aceito para publicação em 11-09-2020



CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL DA BACIA HIDROGRÁFICA RIACHO GRANDE DA CRUZ, AL

**ENVIRONMENTAL CHARACTERIZATION OF THE RIACHO GRANDE DA CRUZ,
AL RIVER BASIN**

Alessandro Felipe dos Santos Lima

Graduando do curso de Geografia, na Universidade Federal de Alagoas, UFAL.

felipel.fm22@gmail.com

Resumo: Este trabalho visa fazer uma caracterização ambiental da bacia Riacho Grande da Cruz, localizada no Estado de Alagoas, visando contribuir para um equilíbrio entre a ação antrópica e o meio ambiente, através de um planejamento que integre, tanto o poder público, como os usuários (produtores rurais, etc.) e as comunidades que ali vivem, com o objetivo de conservar e preservar os recursos naturais disponíveis, para que não ocorra sua degradação. Para fazer essa caracterização foram usados dados vetoriais e raster, organizados no software QGIS versão 2.18. Os dados de uso e ocupação do solo foram obtidos através de levantamentos da Embrapa (2013), que mostra um predomínio de áreas de pastagens espalhadas pela bacia e uma pequena produção agrícola mais concentrada ao norte. Mas, aos poucos essa realidade vai se alterando, com o implemento de novas técnicas e tecnologias, como também, com a introdução do Canal do Sertão.

Palavras-chave: Bacia hidrográfica; caracterização ambiental; uso e ocupação do solo.

Abstract: This work aims to make an environmental characterization of the Riacho Grande da Cruz river basin, located in the State of Alagoas, aiming to contribute to a balance between anthropic action and the environment, through a planning that integrates both the public power, such as users (rural producers, etc.) and the communities that live there, with the objective of conserving and preserving the natural resources available, so that their degradation does not occur. To do this characterization vector and raster data were used, organized in the QGIS software version 2.18. The land use and occupation data were obtained through surveys by Embrapa (2013), which shows a predominance of grassland areas scattered throughout the basin and a small agricultural production more concentrated in the north. But this reality is gradually changing, with the implementation of new techniques and technologies, as well as the introduction of the Sertão Channel.

Keywords: Hydrographical Basin; Environmental Characterization; Land use and occupation.

Introdução

Nos dias atuais, a preocupação em torno da preservação dos recursos hídricos é tema bastante discutido em diversas áreas, visto que a ação humana no meio ambiente está contribuindo, de forma severa, para a degradação de nossos recursos naturais. Com isso, a utilização de bacias hidrográficas como unidade natural para estudos e planejamento de uma determinada área geográfica se torna extremamente importante para uma melhor compreensão da dinâmica dos recursos naturais.

A drenagem fluvial funciona a partir de um conjunto de canais de escoamento que se relacionam entre si, formando, assim, uma bacia de drenagem, que pode ser definida como uma área drenada por um rio ou por um sistema fluvial (CHRISTOFOLLETTI, 1980). Seguindo essa mesma linha de compreensão, Botelho (2014, p. 269) diz que “Entende-se como bacia hidrográfica ou bacia de drenagem a área da superfície terrestre drenada por um rio e seus tributários, sendo limitada pelos divisores de água”.

A bacia hidrográfica, pode apresentar, ainda, algumas dimensões e expressões relacionadas ao seu tamanho, como por exemplo, microbacia ou sub-bacia. Uma sub-bacia hidrográfica pode ser definida como uma unidade natural que compõe uma bacia hidrográfica maior, apresentando características ligadas à paisagem local, conforme Feitosa (2012).

Segundo Botelho (2014), muitos pesquisadores já discutiam a ideia da bacia hidrográfica como unidade natural de análise da superfície terrestre, pois, nela é possível estudar as inter-relações existentes entre diversos elementos da paisagem e os processos que atuam na sua modificação. Com isso, a bacia hidrográfica passa a representar uma unidade de planejamento para o uso da terra.

Assim, a bacia hidrográfica foi adotada como unidade territorial para estudos e implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), instituída pela lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997, com os princípios de que a gestão dos recursos hídricos deve ser de forma descentralizada e deve contar com a participação do poder público, dos usuários e das comunidades que ali vivem. Nesse sentido, de acordo com Corrêa (2003),

No capitalismo, as regiões de planejamento são unidades territoriais através das quais um discurso de recuperação e desenvolvimento é aplicado. Trata-se, na verdade, do emprego, em um dado território, de uma ideologia que tenta reestabelecer o equilíbrio rompido com o processo de desenvolvimento. (CORREA, 2003).

Um bom exemplo do que foi mencionado no trecho acima é a bacia do Rio Tennessee, nos Estados Unidos, que teve atuação do Tennessee Valley Authority (TVA), um órgão do governo que visava o desenvolvimento econômico, social e tecnológico daquela área esquecida, buscando aproveitar todo o potencial daquela bacia hidrográfica. No Brasil, pode-se achar alguns exemplos, como a Comissão do Vale do São Francisco e a Sudene.

Portanto, tendo em vista a importância da bacia hidrográfica como uma unidade de planejamento, este trabalho visa realizar uma caracterização geoambiental da bacia hidrográfica Riacho Grande da Cruz, mostrando seus aspectos físicos e também a dinâmica do uso e a ocupação dessas terras, a fim de

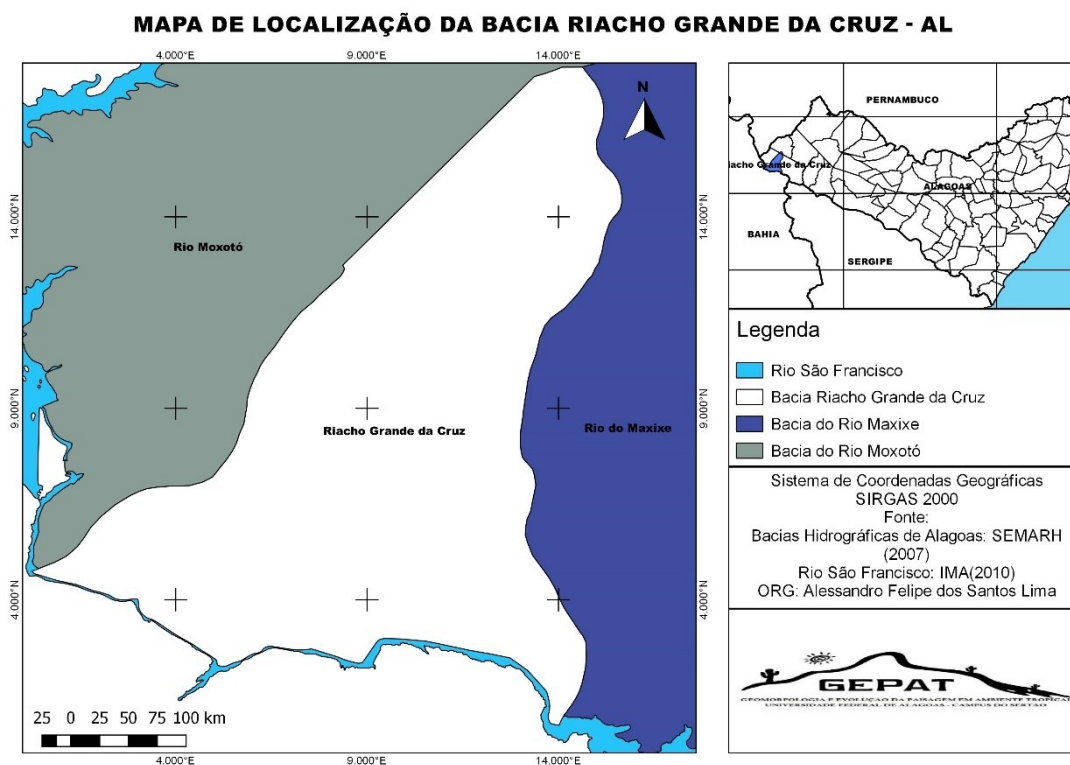
colaborar para ações que visem um equilíbrio entre a ação antrópica e o meio ambiente, pois, como argumenta Tricart (1977, p. 32), “Isso significa determinar a taxa aceitável de extração de recursos, sem degradação do ecossistema, ou determinar quais as medidas que devem ser tomadas para permitir uma extração mais elevada sem degradação”. E isso só é possível a partir do conhecimento dessa área, entendendo a dinâmica desse ecossistema, pois, a partir daí, é praticável planejar e promover o gerenciamento dessa unidade natural, com vistas à conservação e à preservação de seus recursos.

A metodologia deste trabalho foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do objeto de pesquisa proposto. A segunda etapa foi a de obtenção e de processamento dos dados referentes à bacia hidrográfica em estudos, com informações sobre o solo, a geologia, o relevo, a vegetação, a hidrografia, o clima e o uso e a ocupação do solo. Para a elaboração dos mapas foram utilizados dados *shapefiles* e *raster*, organizados no *software* QGIS, versão 2.18, que é um Sistema de Informação Geográfica (SIG). As fontes dos dados utilizados foram da Embrapa (2013), SEMARH (2007), IMA (2010), GEOSGB, INPE e ZAAL.

Discussões/resultados

A bacia hidrográfica Riacho Grande da Cruz está inserida na região hidrográfica Talhada, localizada no sertão alagoano, conforme podemos ver no mapa abaixo:

Figura 1: Mapa de Localização da Bacia Riacho Grande da Cruz

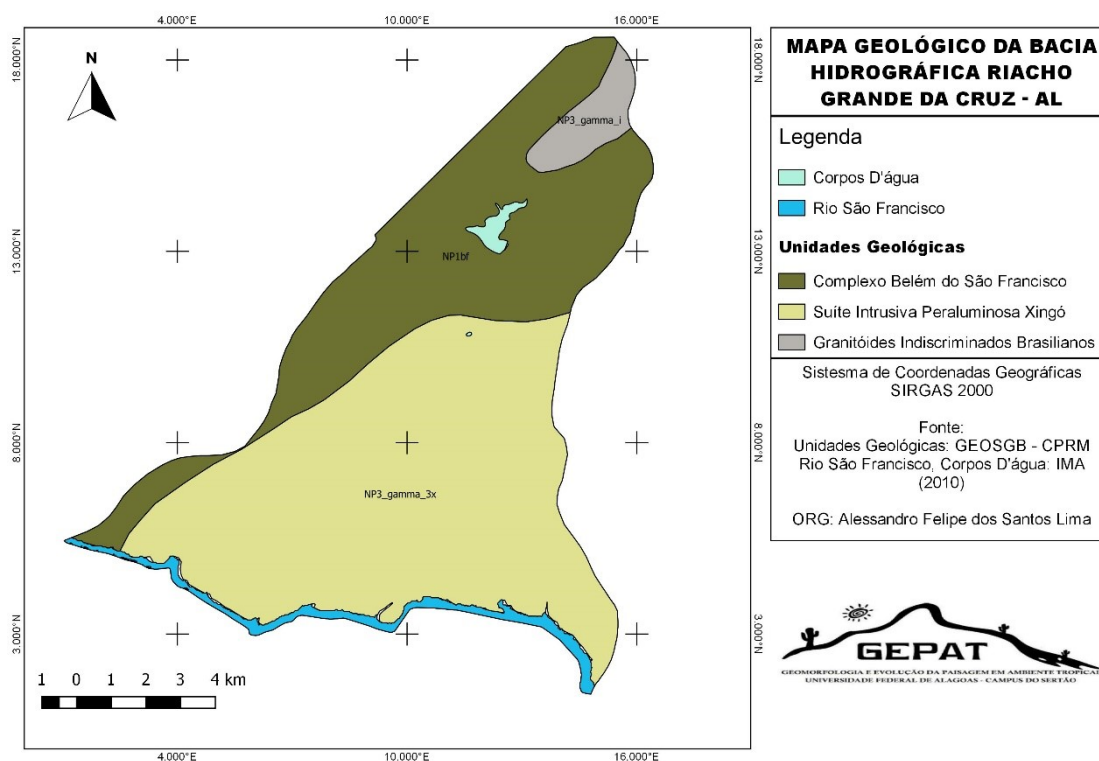


Fonte: Adaptado pelo autor.

Sua área abrange, majoritariamente, o município de Delmiro Gouveia, AL. Está ao lado de outras duas bacias, da mesma região hidrográfica, quais sejam, bacia do Rio Moxotó e bacia do Maxixe. De acordo com a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH), a extensão total dessa bacia é de aproximadamente 148,9 km². Por ser considerada uma micro ou sub-bacia, está naturalmente ligada a uma bacia hidrográfica maior, neste caso, a bacia do São Francisco.

Geologicamente, a área de estudo, bacia riacho Grande da Cruz, está inserida na província Borborema, apresentando três unidades geológicas, quais sejam, o complexo Belém do São Francisco, a Suíte Intrusiva Peraluminosa Xingó e, em pequena parte, Granitóides Indiscriminados Brasileiros, conforme podemos ver na Figura 02.

Figura 2: Mapa geológico da bacia Riacho Grande da Cruz



Fonte: Adaptado pelo autor.

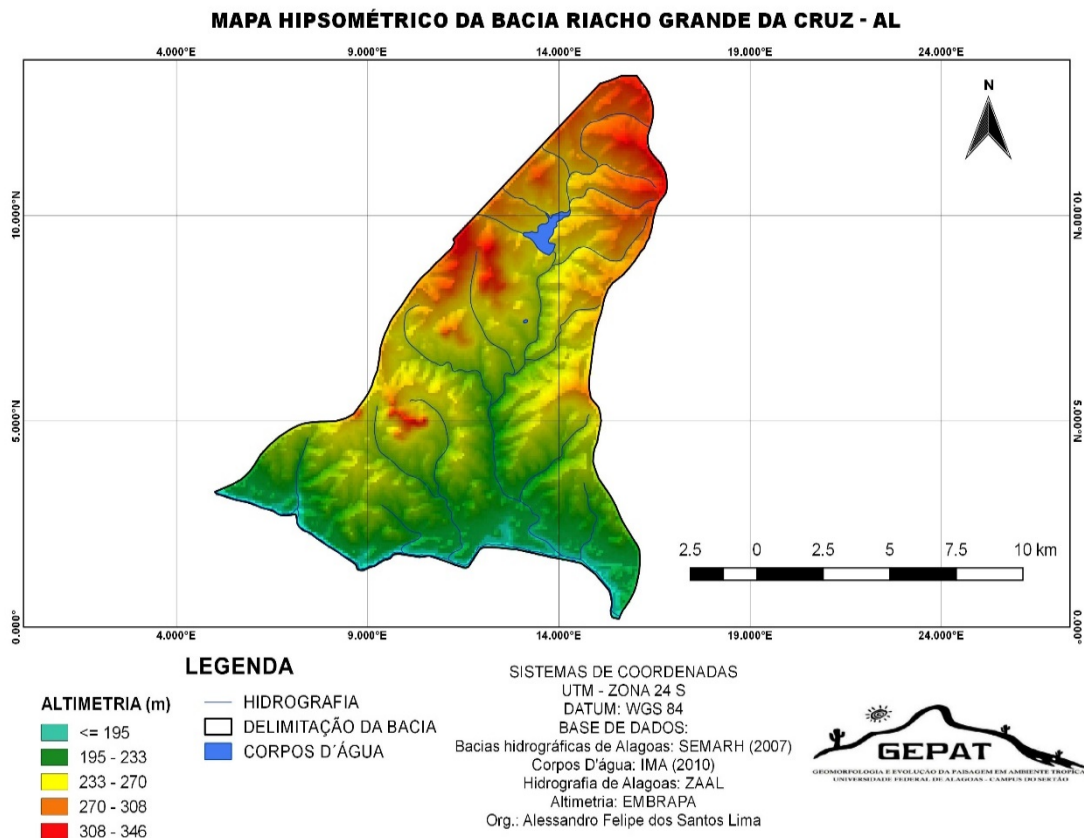
De acordo com os estudos do Serviço Geológico do Brasil (CPRM, 2005), o Complexo Belém do São Francisco tem sua formação na Era Mesoproterozóico e é constituído por leuco-ortognaisses tonalítico-granodioríticos migmatizados e enclaves de supracrustais. E a Suíte Intrusiva Peraluminosa Xingó tem sua formação no Neoproterozóico, e é constituído por leucogranitos e granodioritos (feições migmatíticas locais). Segundo Angelim et al. (2006), vários plútons graníticos que não são quimicamente determinados são chamados de granitóides indiscriminados. Portanto, não tem uma característica muito precisa, vai depender da área onde está inserido.

A bacia hidrográfica Riacho Grande da Cruz está inserida na Depressão Sertaneja, que é uma unidade geomorfológica típica da paisagem no semiárido nordestino, caracterizando uma área de pediplanação bastante monótona, com relevo predominantemente plano a suave ondulado, sendo cortado por vales estreitos, com vertentes dissecadas (CPRM, 2005). Elevações residuais, do tipo Inselberg, que também são características da paisagem semiárida e aparecem dentro dos limites da bacia. Em relação a isso, Ab’sáber (2003) diz que:

Todos os morrotes do tipo inselberg ou agrupamento deles, como é o caso de Quixadá, foram relevos residuais que resistiram aos velhos processos desnudacionais, responsáveis pelas superfícies aplanadas dos sertões, ao fim do Terciário e início do Quaternário: superfície sertaneja velha e sertaneja nova. (AB’SÁBER, 2003, p. 90).

A hipsometria da bacia varia entre 195 a 346 metros de altitude. As maiores elevações estão em áreas de pequenos inselbergs ou cristas. A partir dos dados hipsométricos, é possível extrair a amplitude altimétrica, que é algo importante, pois, de acordo com Creprani (2001), quanto maior for a amplitude altimétrica maior será a energia potencial. Com isso, as águas pluviais que caírem sobre os pontos mais altos do terreno terão maior energia cinética no seu percurso para as partes mais baixas, fazendo com que haja uma maior capacidade de erosão ou morfogênese. Esses dados hipsométricos podem ser acompanhados pelo mapa da Figura 3, abaixo:

Figura 3: Mapa hipsométrico da bacia Riacho Grande da Cruz

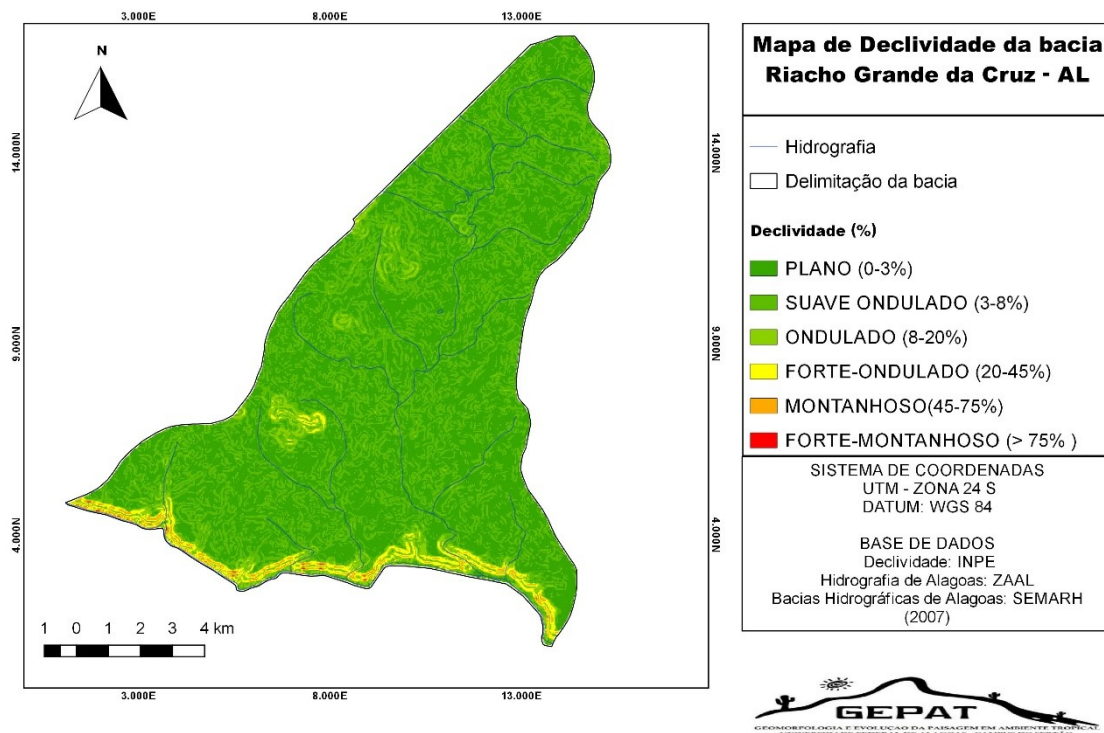


Fonte: Adaptado pelo autor.

Outro elemento que exerce bastante influência na modelagem do escoamento superficial é a declividade, que consiste no grau de inclinação do relevo em relação a uma área mais plana. Com isso, ainda de acordo com Creprani (2001), quanto maior a declividade maior é a rapidez na transformação da energia potencial das águas pluviais em energia cinética, aumentando a velocidade de escoamento e a capacidade de transporte de material, esculpindo o relevo por meio da erosão.

Esse fator ainda exerce maior influência nas regiões semiáridas, onde se tem uma cobertura vegetal rarefeita e as chuvas são fortes e concentradas em um curto período de tempo, fazendo com que o escoamento superficial seja algo determinante na morfogênese das vertentes, modelando, com isso, o relevo (JATOBÁ e LINS, 2008). Qual a declividade da bacia do Riacho Grande da Cruz? Vejamos no mapa da Figura 4:

Figura 4: Mapa de declividade da bacia Riacho Grande da Cruz.



Fonte: Adaptado pelo autor.

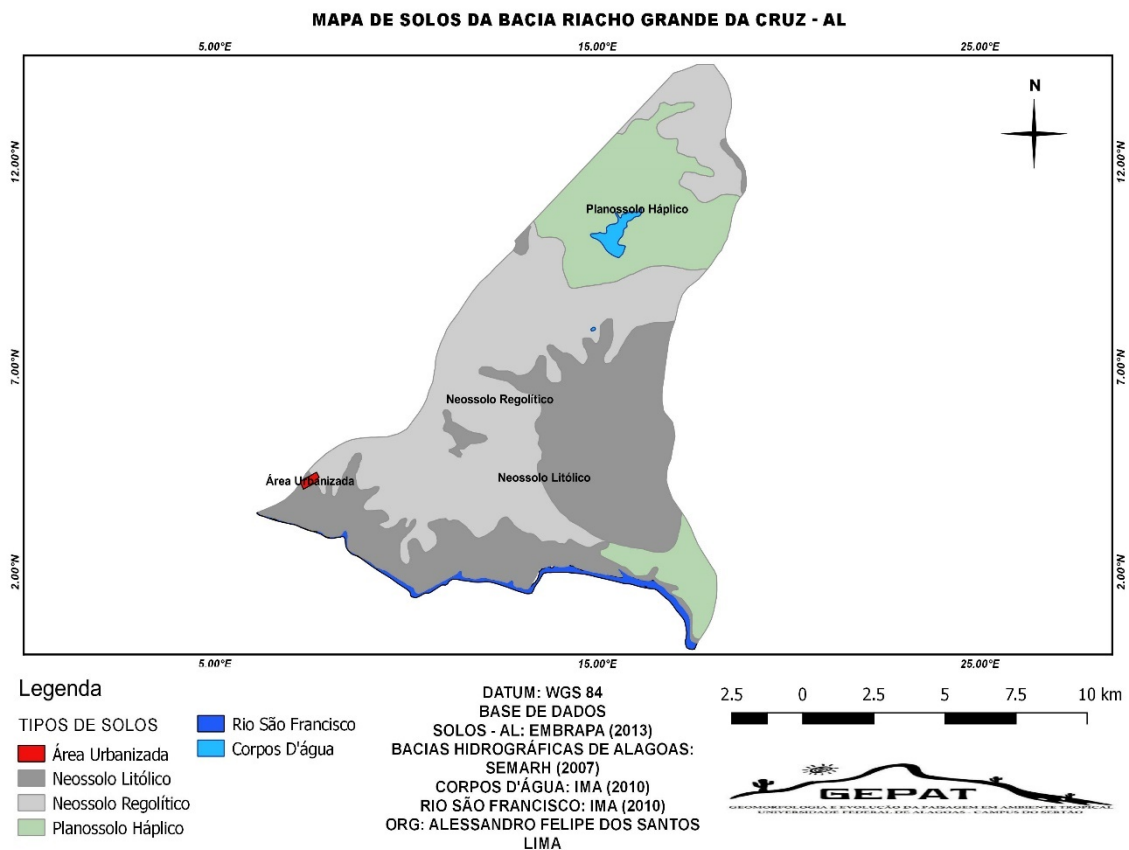
No que se refere ao clima e à vegetação, a bacia Riacho Grande da Cruz está inserida nos domínios morfoclimáticos das Caatingas, caracterizando nesta área um clima semiárido, com temperaturas altas e pouca quantidade de chuva. De acordo com dados da Embrapa, de 2013, na área da bacia, o índice pluviométrico médio anual ficou entre 400 a 500 milímetros.

Sua vegetação é composta predominantemente por caatinga hiperxerófila, havendo também a caatinga hipoxerófila, com alguns trechos de floresta caducifólia. A respeito dessa vegetação, Ab'sáber (2003), diz que, no semiárido,

Na longa estiagem os sertões funcionam, muitas vezes, como semidesertos nublados. E, de repente, quando chegam as primeiras chuvas, árvores e arbustos de folhas miúdas e múltiplos espinhos protetores entremeados por cactáceas empoeiradas, tudo reverdece. A existência de água na superfície dos solos, em combinação com a forte luminosidade dos sertões, restaura a funcionalidade da fotossíntese. (AB’SÁBER, 2003, P. 85),

Em relação ao solo, dados que podem ser acompanhados pelo mapa, na sequência, de acordo com os dados da Embrapa (2013), os solos encontrados na bacia Riacho Grande da Cruz são: Planossolo Háptico, Neossolo Regolítico e Neossolo Litólico.

Figura 5: Mapa de solos da bacia Riacho Grande da Cruz



Fonte: Adaptado pelo autor.

Planossolos Hápticos são solos rasos a pouco profundos, com uma mudança textural abrupta, tendo o horizonte A uma textura arenosa e o horizonte B uma textura mais argilosa, apresentando uma drenagem imperfeita e em alguns casos com a presença de sódio. Com isso, apresentam limitações para uso agrícola (EMBRAPA, 2005; LEPSCH, 2010).

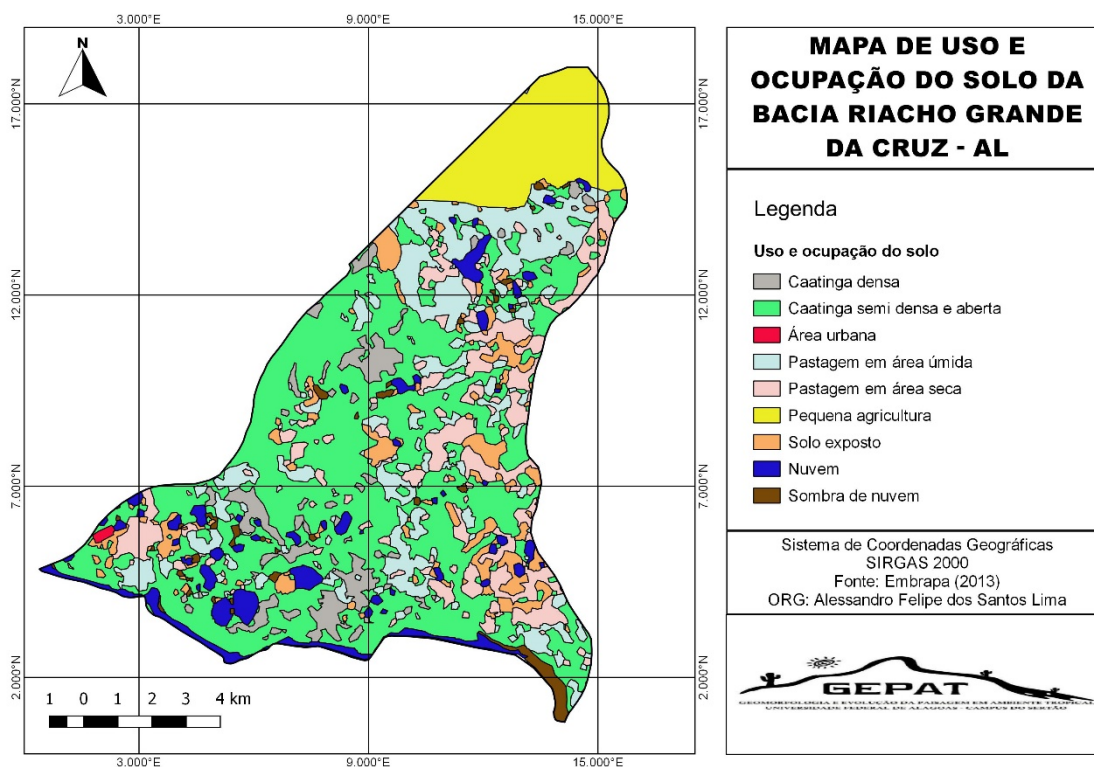
Os Neossolos Regolíticos são solos jovens, pouco profundos, podendo apresentar mais de 50 cm de profundidade. Tem uma textura mais arenosa, o que os deixa com uma boa permeabilidade, mas podem apresentar um horizonte

endurecido, denominado de fragipã, que pode acarretar em uma limitação para uso agrícola, dependendo da profundidade. Também são mais suscetíveis à erosão (EMBRAPA, 2005; LEPSCH, 2010).

Os Neossolos Litólicos são solos rasos, com profundidade inferior a 50 cm. Podem apresentar uma textura arenosa, média ou argilosa, possuindo apenas os horizontes A e R, ou, A, C e R. Podem ocorrer em diversas posições na paisagem, desde relevos planos, como nas regiões do semiárido, até relevos montanhosos. Apresentam limitação ao uso agrícola devido à grande proximidade com a rocha, e por vezes, em determinadas áreas, é possível observar afloramentos rochosos (EMBRAPA, 2005; LEPSCH, 2010).

Os dados de cobertura e uso do solo, obtidos através de levantamentos da Embrapa (2013), mostram um predomínio de áreas de pastagens espalhadas pela bacia e uma pequena produção agrícola mais concentrada ao norte, conforme podemos ver no mapa que segue:

Figura 6: Mapa de uso e ocupação do solo da bacia Riacho Grande da Cruz.



Fonte: Adaptado pelo autor.

Essa configuração pode ser entendida como sendo resquício do período colonial, quando houve uma interiorização no território brasileiro, tornando o sertão alagoano uma região de predomínio da pecuária, devido a suas características físicas, que não favoreciam a agricultura de grande porte. Com isso, a região do Alto Sertão de Alagoas, na qual está inserida essa bacia, polarizada pelo município de Delmiro Gouveia, historicamente é associada a uma agricultura familiar tradicional e a pecuária de corte, com destaque para o recente crescimento

da pecuária de ovinos e caprinos (SEPLANDE, 2014). Segundo Carvalho (2016), para que a pecuária conquistasse essa região do sertão alagoano foi de extrema importância a utilização do rio São Francisco para o transporte desses animais.

Aos poucos essa realidade foi sendo alterada, com o implemento de novas técnicas e tecnologias, que facilitam a manipulação do solo, para torná-lo mais fértil e com boa produtividade. Outro fator importante que vem alterando a paisagem do sertão e a tornando mais dinâmica é o Canal do Sertão, uma das obras hídricas mais importantes do Brasil, que faz a transposição do rio São Francisco através de canais que levam a água para as regiões mais secas do semiárido nordestino, e que adentra os limites dessa bacia.

Com isso, em um curto período, desde a inauguração do projeto, surgem, às margens e áreas próximas ao canal do sertão, pequenas produções agrícolas, com cultivo de feijão, milho, macaxeira, batata, algumas frutas e hortaliças. Assim, a agricultura vai ganhando mais espaço nessa região. Contudo, algo importante que cabe analisar é como está ocorrendo esse processo, pois é necessário que haja algum acompanhamento técnico ou supervisão⁵ por parte de algum órgão competente do governo, para que essa prática não gere riscos ao meio ambiente.

A bacia Riacho Grande da Cruz, por mais que não tenha uma grande dimensão, tem um potencial turístico, com trilhas pela caatinga que podem levar a vistas incríveis dos cânions do rio São Francisco, e locais onde é possível se banhar com as águas do “Velho Chico”, como é o caso do povoado Cruz, que é bastante frequentado nos períodos quentes.

Considerações finais

105

Como já foi ressaltado, é importante analisar se ações e formas de ocupação estão prejudicando os sistemas naturais da bacia Riacho Grande da Cruz, para que haja um gerenciamento e o controle desses processos, com intuito de manter o equilíbrio do ecossistema que ali se encontra. Com isso, o uso e a ocupação do espaço devem ser condicionados de acordo com as características físicas de cada bacia hidrográfica, determinando as potencialidades e limitações para as várias possibilidades de uso/ocupação (SANTANA, 2003).

Conforme expomos, a utilização de bacias hidrográficas como uma unidade natural utilizada para fins de planejamento e gerenciamento dos recursos ecológicos é muito importante. Mas, para isso, é importante ter o conhecimento de como funciona determinadas áreas, para, assim, poder estabelecer políticas de desenvolvimento econômico e social, de forma sustentável, respeitando as limitações desses ecossistemas. Para isso, é necessário a integração do governo com as comunidades que residem nessas unidades. Assim, a caracterização aqui apresentada visa ser relevante para esse fim.

⁵ De acordo com uma matéria publicada no site gazetaweb.globo, em 2018, por Arnaldo Ferreira e Marcelo Amorim, o presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco – CBHSF, Anivaldo de Miranda, e o pesquisador da EMBRAPA, Antônio Dias Santiago, alertam para a falta de projetos de usos múltiplos das águas do canal do sertão, o que acarreta em projetos de irrigação rudimentares, com tecnologia medieval, que pode causar sérios danos ambientais, tendo em vista que os solos dessa região semiárida são bastante sensíveis. Assim, qualquer tipo de irrigação sem um planejamento técnico pode acabar prejudicando ainda mais esse recurso natural.

Referências

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Alagoas, Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico. **Modelo de regionalização para o planejamento estadual de Alagoas**. Maceió: Seplande, 2014.

ANGELIM, L. A. A et. al. **CPRM-Serviço Geológico do Brasil, Geologia e Recursos Minerais do Estado do Rio Grande do Norte**, Recife-PE, 2006.

ANGELIM, Luiz Alberto de Aquino (Org.). **Geologia e recursos minerais do estado do Rio Grande do Norte: texto explicativo dos mapas geológico e de recursos minerais do estado do Rio Grande do Norte**. Recife: CPRM; FAPERN, 2006. Escala 1:500.000. Programa Geologia do Brasil (PGB).

BOTELHO, Rosângela Garrido Machado. Planejamento ambiental em microbacia hidrográfica. In: GUERRA, J.T; SILVA, A.S; BOTELHO, R.G.M. (Org.) **Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações**. – 9º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BRASIL. Lei 9.433, de 08 de janeiro de 1997 - que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989.

CARVALHO, Cícero Pérciles de. **Formação histórica de Alagoas**. 4ª Ed. – Editora: Edufal, 2016.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. São Paulo: Editora Blucher, 1980.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. – 7º Ed. – São Paulo: Editora Ática, 2003.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. **Diagnóstico do município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CREPANI, E.; MEDEIROS, J.S; AZEVEDO, L.G; DUARTE, V.; HERNANDEZ, P.; FLORENZANO, T.; BARBOSA, C. "Sensoriamento remoto e geoprocessamento aplicados ao zoneamento ecológico econômico e ao ordenamento territorial". INPE, São José dos Campos, SP, 2001.

FEITOSA, Ailton. **Zoneamento de pequenas bacias hidrográficas e caracterização de várzeas na bacia do Pajeú, Pernambuco**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2012.

FERREIRA, Arnaldo; AMORIM, Marcelo. **Alagoas gasta R\$ 2,5 bilhões com Canal do Sertão, irrigação não sai do papel**. 2018. Disponível em: <<https://gazetaweb.globo.com/portal/especial.php?c=60580>> Acesso em: 21 de agosto de 2019.

JATOBÁ, Lucivânio; LINS, Rachel Caldas. **Introdução a geomorfologia**. 5ª edição revista e ampliada. – Recife: Bagaço, 2008.

LEPSCH, Igo F. **Formação e conservação dos solos**. 2ª Ed. – São Paulo: Oficina de textos, 2010.

SANTANA, Derli Prudente. **Manejo integrado de bacias hidrográficas Sete Lagoas**: Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas – MG, 2003. P. 63.

SILVA, F. H. B. B; SILVA, M. S. L.; CAVALCANTI, A. C.; **Descrição das principais classes de solos**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA, 2005.

TRICART, Jean. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro, IBGE, Diretoria Técnica, SUPREN, 1977. 91 P.

Tabela das regiões hidrográficas e suas respectivas bacias. SEMARH – AL. Disponível em: <<http://www.semarh.al.gov.br/recursos-hidricos/regioes-hidrograficas>>. Acesso em: dia 22 de agosto de 2019.

Submetido em 12-03-2020

Aceito para publicação em 11-12-2020

